

BOLETIM DA COMISSÃO CATARINENSE DE



Folclore

2000

**EDIÇÃO PATROCINADA PELO
GOVERNO DO ESTADO**

Pede-se permuta
Pidesse canje
We ask exvhanger
Sirichiede lo scambio
On demande l'échange
Man bitet um Austansech
Oni petas intersangon

Comissão do Boletim:

Edição e Direção:

Doralécio Soares
Presidente

Nereu do Vale Pereira
Vice-Presidente

Endereço para correspondência:
Rua Júlio Moura, 146 - 1º andar
88020-150 - Florianópolis - SC

BOLETIM DA COMISSÃO CATARINENSE DE

Folclore



Ano XXXVI - Nº 52 - Ano 2000

NOSSA CAPA

GRUPO FOLCLÓRICO GERMÂNICO

SÜNNROS

VOLKSTANZGRUPPE

Fundado em 14 de abril de 1988
Rua do Comércio, 572 – Centro – 89750-000 – Peritiba – SC

HISTÓRICO RESUMIDO

Em 1988 criamos o grupo folclórico VOLKSTANZGRUPPE, inicialmente danças alemãs. Em 1992 iniciamos um trabalho misto, além de danças germânicas e pesquisas sobre esta etnia, hoje cultivamos e estudamos o folclore brasileiro, italiano e gaúcho. O grupo não tem somente como finalidade a dança, e sim estudar a história, geografia, cultura e idiomas de diversas etnias. Mantemos intercâmbios culturais no Brasil e com grupos internacionais, estimulamos vínculos de solidariedade e cooperação, promovemos a inserção da comunidade na co-responsabilidade de busca das raízes culturais formadoras da sua gente.

O grupo é autônomo, possui seu estatuto e diretoria. O nome Sünnros vem do nome da flor girassol, planta muito comum em países da Europa. O grupo está vinculado diretamente à origem alemã, o que não nos impede de realizar folclore de outras etnias. Participam do mesmo pessoas de diversas etnias e religiões, mas todos com um ideal comum: preservar, cultivar, resgatar as tradições do povo peritibense. Participam do grupo várias categorias: infantil, pré-juvenil, jovens, adultos e idosos.

Objetivos, metas e atividades do Grupo:

Na área Cultural:

- 1 – Danças folclóricas
- 2 – Música folclórica
- 3 – Música popular
- 4 – Costumes
- 5 – Literatura
- 6 – Cultura popular
- 7 – Teatro amador
- 8 – Canção folclórica
- 9 – Traje típico
- 10 – Dialeto
- 11 – Intercâmbio cultural
- 12 – Culinária

Peritiba é um município pequeno em território e população, mas somos grandes em nossos ideais; lutamos e trabalhamos para prosseguirmos no mundo de dificuldades que todos enfrentamos. O SÜNNROS VOLKSTANZGRUPPE é um exemplo interessante para a cultura catarinense.

MARLENE KLEIN
Professora e Coordenadora

EDITORIAL

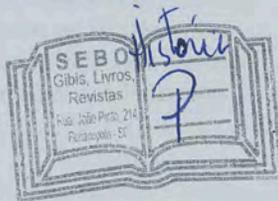
Aqui está a Comissão Catarinense de Folclore, com o seu Boletim nº 52, correspondente ao ano 2000.

Órgão representativo da Comissão, destaca as atividades desta no decorrer do ano que se encerra.

Estivemos presentes em Vitória, no Espírito Santo, no 3º Seminário Nacional de Ações Integradas, realizado no período de 20 a 23 de maio, onde apresentamos a Comunicação “Folclore e Turismo Cultural”.

No Seminário em pauta, foi votada a transformação da Comissão Nacional de Folclore em Sociedade de natureza civil, pondo fim a uma irregularidade existente há muitos anos. Transformação esta que se efetivou no IX Congresso Brasileiro de Folclore, ocorrido em Porto Alegre, com a participação da maioria das Comissões Estaduais, todas também transformadas em Sociedades de natureza civil. Este procedimento, entretanto, não foi necessário à Comissão Catarinense, visto que esta, ao registrar o seu Estatuto, o fez procedendo ao registro da mesma como Sociedade Civil a 2 de janeiro de 1970, pois foi instalada no ano de 1940, como a maioria das Comissões, isto é, como Subcomissões Estaduais de Folclore.

No IX Congresso Brasileiro de Folclore, realizado em Porto Alegre, de 20 a 23 de setembro, coube-me a tarefa de apresentar na Mesa-Redonda nº 2 a Comunicação de “Folclore e Educação”, dentro do temário “Promoção do Folclore na Escola”.



ÍNDICE

Grupo Folclórico Germânico Sünros	07
Histórico Inicial da Associação do Vale do Rio do Peixe e Alto Uruguai	11
Recebimentos Diversos	13
IX Congresso Brasileiro de Folclore	14
Manezinho da Ilha	17
Cacumbi ou Ticumbi	20
Fato Folclórico	25
Folia de Reis	28
Os Santos das Guloseimas	31
Outra Carta Para Doralécio	34
Negro: O Arcabouço da Nossa Raça!	37
Os 80 Anos de Mário Souto Maior	44
Abrolhos - a renda paranaense	46
Folclore	47
Grupo Folclórico "Estrela Guia" lança CD, em Imbituba	49
XII Fórum Estadual dos Dirigentes Municipais de Cultura	50
Ao Desabar a Montanha	51
Açorianos Graças a Deus	54
Cartazes do Descobrimento do Brasil	55
Willy Zumblick: A Maior Expressão Artística Contemporânea do Município	56
Pernambuco no Boletim da Comissão Catarinense de Folclore	58
Os Contravérbios Correm das Bocas Para os Ouvidos do Povo	59
Dentre as Atividades Culturais Destacam-se: Festa de Santo Antônio- Padroeiro da Cidade	69
Artigo Uma Lei Para a Cultura	71
Funarte	72
Grupos de Congos e Moçambique Missa-Conga	73
Treze Tílias faz a Festa das Etnias no Interior	75
Instituto Histórico e Geográfico de São João Del Rei	76
Passeio pelos 496 anos da Encantada São Francisco	77
Artevale	86
Os Bondes do Recife	87
Os Bondes do Recife	89
Tradição Açoriana dos Versos para os Quadros	90

A Festa do Folclore	93
Começam as Retretas de Verão de São Bento do Sul	94
Festa de São Marçal	95
Um Livro Nordestino	98
Cantigas de Ninar: Origens Remotas	100
Quatro Artistas um Tanto Esquecidos	103
Comissão Nacional de Folclore	107
Desfile das Lanternas deve Repetir o Sucesso de Outros Anos	109
A Cultura da Região Possui Tradição	110
A Livros & Livros	111
Os Fundamentos do Patrimônio Cultural	112
Réplica do Tirol Atrai Estrangeiros a SC	114
Natal dos Negros Mistura Religiosidade de dois Povos	126
Maestro Austríaco Ensaia Músicos de Treze Tílias	129
IGHSC - Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina	130
Folclore, Manifestação do Povo	132
O Sentimento Açoriano de Nereu	134
Poloneses Festejam 130 anos de Imigração	137
Concurso Sílvio Romero	141

GRUPO FOLCLÓRICO GERMÂNICO SÜNNROS

Fundado em 14 de abril de 1988

Rua do Comércio, 572 – Centro – 89750-000 – Peritiba – SC

ILMO. SR.

DORALÉCIO SOARES

MD. PRESIDENTE DA COMISSÃO CATARINENSE DE
FOLCLORE

88020-150 – FLORIANÓPOLIS – SC

Primeiramente quero agradecer pelos Boletins e dizer que serão de grande importância para os conhecimentos de nossos participantes do grupo, pois temos uma pequena biblioteca com jornais, revistas, livros e outros onde os mesmos têm acesso. O último Boletim que recebemos foi do ano de 1995.

Em anexo estou enviando o solicitado. Tenho certeza que todos ficarão muito orgulhosos se formos contemplados de nosso grupo ser divulgado no Boletim 2000.

Também estou enviando um artigo sobre KERBFEST que é uma festa que a maioria dos municípios da região preservam e cultivam.

Colocamo-nos à disposição desta Comissão para qualquer ocasião.

Cordiais saudações,

MARLENE KLEIN

Coordenadora e Professora

GRUPO FOLCLÓRICO GERMÂNICO SÜNNROS

Fundado em 14 de abril de 1988

Rua do Comércio, 572 – Centro – 89750-000 – Peritiba - SC

HISTÓRICO DO GRUPO

Introdução: De tempos em tempos as pessoas são compelidas a se mostrarem atentas às mudanças ao seu redor e, em meio a tanta agitação, a maior tendência é a de perderem a essência do que é mais belo e significativo. Hoje, no entanto, lutamos por um passado digno e um futuro

glorioso. Apresentamos com orgulho a história de um trabalho que foi iniciado em 1988 como forma de lazer; hoje, passou a ser ponto principal de resgate e reconhecimento das origens de toda uma comunidade.

Nossa identidade: Através de pesquisas e entrevistas chegamos a descobrir nossas verdadeiras identidades. Predominavam, entre nossos primeiros imigrantes, as descendências de alemães emigrados da região do HUNSRÜCK que se haviam estabelecido a partir de 1824 no Sul do Brasil. Muitos peritibenses ainda hoje falam o dialeto daquela região e cultivam tradições populares transmitidas de geração em geração, através do canto, danças, músicas, literatura e culinária.

A região do HUNSRÜCK faz parte do Estado da Renânia Palatinado da República Federal da Alemanha, estende-se entre os rios Mosela ao Norte, Reno ao Leste, Nahe ao Sul e o Estado do Sare a Oeste.

É dentro desta linha de ação que estamos engajados em atividades relacionadas com o resgate e preservação dos costumes e tradições. É resgatando, cultivando os valores de nossos antepassados, que estamos contribuindo cada vez mais com o enriquecimento da multifacetada cultura brasileira.

Peritiba, hoje sua população predomina alemães e italianos, outras origens somam somente 5 a 10%.

Os italianos que vieram para o Brasil são em sua maioria das regiões do Vêneto, Trentino-Alto-Adige, Friuli-Venezia-Giulia. Isso significa que não existem italianos de outras regiões.

A mala cultural que eles trouxeram foi pequena, já que na Itália as manifestações eram restritas. Hoje podemos dizer que o italiano, aqui no Brasil, possui pouca bagagem cultural, diferente das outras etnias que já traziam consigo professores, músicos e cultivavam seu folclore. Com todas as dificuldades passadas, todos falam uma só voz. Vamos juntos resgatar a história e preservar o verdadeiro folclore italiano.

Sempre estamos procurando nossa verdadeira identidade, mas não podemos esquecer que somos brasileiros e, como tais, devemos ser e agir. Sempre estamos transmitindo e ensinando a cultura popular brasileira.

No ano de 1988 criamos o grupo folclórico SÜNNROS VOLKSTANZGRUPPE, inicialmente danças alemãs. Nos anos seguintes, sentimos a necessidade de um trabalho mais abrangente, de não somente ter como finalidade a dança, e sim iniciarmos outras atividades como: dança brasileira, italiana, gaúcha, canto, culinária, pesquisas, entrevistas,

promovermos e estimularmos vínculos de solidariedade e cooperação, promovermos a inserção da comunidade na co-responsabilidade de busca das raízes culturais formadoras da sua gente.

O grupo é autônomo, possui seu próprio estatuto, regimento e diretoria. O nome SÜNNROS vem do nome da flor girassol, planta muito comum em países da Europa. O grupo está vinculado duramente à origem alemã, o que não impede de realizar folclore de outras etnias. No grupo participam pessoas de diversas etnias e religiões, mas todos com ideais comuns: preservar, cultivar e resgatar as tradições do povo peritibense.

Somos um povo pequeno em território e população, mas somos grandes em nossos ideais. O Município de Peritiba é dos menores em população e extensão geográfica, mas nem por isso menos expoente em atividades culturais. Aqui temos crianças de 5 anos até idosos de 85 anos que participam das atividades.

Cada povo tem a cultura que merece e todos os povos procuram conservar seus hábitos culturais, cada qual em sua região. Cultura é um conjunto de comportamentos, crenças, instituições e valores transmitidos.

KERBFEST – DESFILE





PERITIBA – história e tradição

O Município de Peritiba tem uma área de 105km², limita-se ao norte, oeste e sul com o Município de Concórdia, ao leste com o Município de Ipira. A população é de cerca de 3.500 habitantes. A colonização foi feita por alemães e italianos. Em 1919 chegaram à colônia rio Uruguai os que fundaram o Município de Peritiba. O nome Peritiba em tupi-guarani significa *terra das palmeiras*. Em 1961 passou a ser distrito, elevado à categoria de município em 15 de agosto de 1963.

O município basicamente é dividido em minifúndios, tem na agricultura, suinocultura, avicultura e agropecuária sua maior expressão de renda, cuja diversificação de produção faz seu povo economicamente homogêneo e capaz de superar crises que ocorrem em determinado setor de produção. A indústria e o comércio atendem as necessidades básicas, mas necessita muito de indústrias que gerem empregos para a população.

KERBFEST – cultura e tradição

Com algumas alterações em Peritiba, mantém-se a essência da tradição dos primeiros colonizadores, que têm na KERB a possibilidade de reencontrar seus amigos e parentes nos dias de festa. Atualmente a KERB é a maior

feira tradicional alemã do município, que tem a participação de todos os grupos étnicos.

As solenidades de comemoração são assim constituídas: alvorada festiva, missa em ação de graças pelas colheitas e homenagem ao padroeiro Santo Isidoro, cantada pelo Coral Santa Cecília de Peritiba, sociedade cultural mais antiga do município. Após a santa missa, desfile até o salão paroquial, em seguida apresentações de danças germânicas e minimatinê. Ao meio-dia almoço em família, entre parentes e amigos. A tarde, apresentações de bandas e danças na praça, desfile de carros alegóricos, grupos folclóricos, entidades, bierwagen, rainhas e princesas, bierfater, e outros.

A noite, baile com leilão de bonecas, comidas típicas e muita alegria. Segunda-feira, feriado municipal, continuando almoço em família e apresentações na praça. Terça-feira, baile de encerramento, num verdadeiro clima chamado de carnaval do alemão.

A KERBFEST acontece todos os anos no terceiro final de semana de maio. A KERB, antes de ser um evento turístico, é folclórico e cultural, ou seja, sai de sua formação local para oferecer espontaneamente seus atrativos para os visitantes, conquistando amigos e solidificando a proposta de valorizar as origens. Hoje a Kerbfest é a maior festa do Município de Peritiba e, dentro de suas características, a maior festa do gênero do Cone Sul. Há 12 anos faz parte desta tradição e festa o grupo folclórico SÜNNROS VOLKSTANZGRUPPE, participando nas apresentações, desfile, nos trabalhos da comunidade, enfim, onde é solicitado

HISTÓRICO INICIAL DA ASSOCIAÇÃO DO VALE DO RIO DO PEIXE E ALTO URUGUAI

Com o intuito de congregiar em forma de Associação Regional de Grupos Folclóricos Alemães, no dia 30 de outubro de 1993, às 9 horas, no pavilhão da Igreja Evangélica de Ipira, os grupos filiados à Associação Cultural de Gramado, do Meio-Oeste catarinense, que congregava os Municípios de Ipira, Piratuba, Rio das Antas, Tangará, Peritiba e Concórdia, se reuniram para formar a Regional de Grupos Folclóricos Alemães. A meta dos promotores do encontro era abranger os grupos de danças alemãs que atuavam nas regiões da AMAUC, AMMOC, AMARPE, AMAI e Alto Uruguai Gaúcho; com isso haveria um significativo aumento da representatividade e possibilidade de intercâmbio entre os grupos a serem redobrados.

Um dos principais motivos para a criação da Associação era o grande número de grupos filiados à ACG, maior congregadora de grupos de danças germânicas fora da Alemanha, o que inviabilizava o atendimento individualizado, uma vez que muitos estados estavam sendo atendidos pela Associação de Gramado; somente com o agrupamento poderíamos ter acesso às músicas e coreografias dos nossos antepassados.

Nem todos os grupos filiados na Casa da Juventude se organizaram em regiões; fomos uma das primeiras regionais a se organizar. Passamos por momentos de muitas dificuldades. Os coordenadores que iam para participar dos cursos em Gramado custeavam suas despesas e, na Regional, o faziam gratuitamente e novamente custeavam suas despesas de alimentação, transporte e outros para realizar o repasse. Tudo valeu a pena, pois hoje estamos com uma Regional com muitos grupos filiados (22), com objetivos comuns em favor da Cultura.

Temos estatuto, diretoria, regimento interno, brasão e muitas atividades onde todos os filiados participam.

Grupos ou municípios que fazem parte da Associação: Alto Bela Vista – SC – sede; Arabutã – SC – sede e um do interior Canhada Grande; Aratiba – RS; Concórdia – SC – sede dois e um do interior Barra do Tigre; Caçador – SC – sede; Erechim – RS – Centro; Passo Fundo – RS – Centro; Rio das Antas – SC; Seara – SC; Três Arroios – RS; Peritiba – SC; Xanxerê – SC, Getúlio Vargas – RS; Itá – SC; Ipira – SC – sede e interior (Filadélfia); Luzerna – SC; Florianópolis – RS; Gaurama – RS.

Peritiba é a cidade-sede da Associação.

Amélia Baldin Zahner

Presidente

Marlene Klein

Secretária

Nilvo J. Schneider

Tesoureiro

Edemar A. Sunti

Presidente Conselho Fiscal

Ademir Benetti

Coordenador Cultural

RECEBIMENTOS DIVERSOS

A Comissão Catarinense de Folclore sente-se honrada em registrar em suas páginas o recebimento do folder *ITAÚ Cultural*, no decorrer do ano 2000. PROEB – Blumenau 2000 (Fundação Cultural de Blumenau). O Grande Matosinhos. Boletins da Asmal – Associação dos Moradores e Amigos do Grande Matosinhos. Jornal Cultural *O CATARINENSE*, registramos o seu recebimento no decorrer do ano 2000. O mesmo reúne a colaboração de vários intelectuais catarinenses. Belo Horizonte – MG Recebemos e agradecemos ao brilhante presidente da Comissão Mineira de Folclore, prof. Domingos Diniz, o mensário a *CARRANCA*, cujas colaborações de renomados folcloristas, na mesma inserida, são verdadeiras aulas de *folk*, comentadas inteligentemente pelo ilustre mestre Diniz. Da Comissão Paraense de Folclore, que tem como presidente a socióloga Doutora Maria Brígido, registramos com prazer o recebimento mensal do seu Boletim, no decorrer do ano 2000, que pela importância das matérias no mesmo publicadas, esta Comissão teve o seu Boletim valorizado com a transcrição das mesmas.

Comissão Maranhense de Folclore, registramos honrados o recebimento do Boletim dessa Comissão, no decorrer do ano 1999 e do ano 2000.

Blumenau – Cultura em Movimento, órgão de divulgação da Fundação Cultural de Blumenau, acusamos o recebimento de sua edição, com o Projeto *ARTE NOS BAIRROS*.

Florianópolis – O Jornal Literário *O Catarinense*, editado pela Fundação Catarinense de Cultura, se destaca nos meios culturais de Santa Catarina pelas matérias publicadas de autoria de vários intelectuais de Santa Catarina.

Natal dos Negros, mistura de religiosidades de dois povos. Convites – Diversos – Publicidades. Boletins da Sociedade Folclórica de Guarujá – SP. Cultura em Movimento – Órgão da Fundação Cultural de Blumenau. Santo Antônio de Lisboa – Festa do Divino e Nossa Senhora das Necessidades, *DIVINO 300 ANOS*, maestro austriaco ensina músicos de Treze Tílias. Blumenau adota o Projeto *PÃO E POESIA*. O objetivo do Projeto é a criação de um espaço para circulação da poesia, instaurando discussão permanente através dos cartuchos de pão nas padarias. Além de criar o hábito de leituras poéticas para as pessoas menos favorecidas financeiramente e sem acesso à leitura, divulga poesias de autores consagrados local, regional e nacionalmente.

O Projeto em pauta atualmente já atingiu 28 padarias envolvidas no mesmo em Blumenau.

A Fundação Cultural de Blumenau desenvolve um movimento cultural no município de extraordinário valor, que honra referido município catarinense.

Joinville. É grandioso o trabalho da Fundação Cultural de Joinville naquele município catarinense. No próximo número deste Boletim daremos um resumo das atividades culturais no mesmo desenvolvidas.

Registramos o recebimento do *O AJEBIANO*, informativo da Associação de Jornalistas e Escritores do Brasil, e Coordenadoria do Ceará. Ano II – nº 4 – trimestre de 2000.

Seminário de Vitória no Espírito Santo

Com a participação da maioria dos presidentes e representantes das Comissões Estaduais de Folclore, foi realizado em Vitória, no Espírito Santo, o III Seminário Nacional de Ações Integradas em Folclore, entre os dias 20 e 23 de maio, valorizado com a presença do presidente da Comissão Nacional de Folclore, prof. Bráulio do Nascimento. Nesse encontro de folcloristas foram debatidos a importância do Patrimônio Humano, legislação da cultura popular; Ensino e Pesquisa, a introdução do ensino e pesquisa no ensino do 1º grau, e; Folclore e Turismo Cultural e sua importância relacionada com os grupos parafolclóricos.

A reunião dos presidentes das Comissões Estaduais com a Comissão Nacional, na procura de uma melhor integração institucional, trouxe aos que ali compareceram maior confiança nos trabalhos desenvolvidos nas Comissões que presidem que, vivendo à mingua de recursos, procuram se manter atuantes nos seus estados. Foram apresentadas várias Comunicações acompanhadas de relatórios às mesas-redondas. O evento contou com a participação da Comissão Nacional, Comissão Espírito-Santense de Folclore, Secretaria Municipal de Cultura de Vitória, engrandecida com as participações das Comissões gaúcha, catarinense, paulista, mineira, baiana, sergipana, alagoana, pernambucana, nordestino-grandense, cearense, maranhense, sob a coordenação da Comissão Nacional de Folclore.

Doralécio Soares

IX CONGRESSO BRASILEIRO DE FOLCLORE

Porto Alegre, 20 a 23 de setembro do ano 2000

Conforme o constante da programação da Comissão Gaúcha de Folclore, realizou-se entre os dias 20 e 23 de setembro, em Porto Alegre, o IX Congresso Brasileiro de Folclore.

Na solenidade de abertura, presentes o Governador do Estado, o Prefeito da Capital, Reitoria da UFRGS, Presidente da Comissão, Dra. Rose Marie Reis Garcia, o Presidente do IBCC – Joaquim Caetano Gentil Netto, Prof. Bráulio do Nascimento – Presidente da Comissão Nacional de Folclore, Coordenadora do CNFCP/FUNARTE – Cláudia Márcia Ferreira.

Após a solenidade de abertura, foi procedida à inauguração da Exposição de Artesanato da CNFCP/FUNARTE, pelas autoridades presentes no Espaço Cultural do Museu Universitário, procedeu-se a um coquetel, e foram realizados alguns números de arte. No dia 21, no Salão de Atos 2, foram realizadas as inscrições, entrega de pastas, tendo se realizado uma Conferência pelo prof. Luis Antônio Barreto, de Sergipe – Mesa “A” – *Folclore em uma Sociedade Tecnológica*, coordenada por Elionora Mazoco, do Espírito Santo, tendo como relator Sérgio Ferretti (MA). Debatedores: Osvaldo Trigueiro e Marta Blache: Na Mesa “B” foram debatidos – *Processos Pedagógicos nas Manifestações Folclóricas*. Coordenação de Domingos Diniz (MG). Relator: José Ferreira e Cásia Frade. (Debates). Mesa “E” – *Danças Folclóricas e Educação*. Participação de Paixão Cortes, Maria Azucena Colatarci e Eleonora Gabriel. (Debates). *Folclóricos* – Mesa “F” – *Autos Populares e Educação*, com a participação de Ronaldo Correia de Brito, Estelita Branco e Ulisses Passarelli. (Debates). Mesa “G” – *Lúdica Infantil e Educação*. Participação de Ricardo Lima, Paula Simon Ribeiro, Maria Josefina Fornaro e Tizuko Morchida. (Debates). *Momento Folclórico* – Mesa “J” – *Música Folclórica e Educação*: Hildegardes Vianna, Ermelinda Paes e Maria Elizabete Silva Freire. (Debates). Mesa “C” – *Políticas Educacionais Interativas com a Cultura Popular*. Participação de Pedro Benjamin Garcia, Antonio Augusto Fagundes e Nazira Abib Vargas. (Debates). *Momento Folclórico* – Mesa “D” – *Folclore: Abordagens Interdisciplinares*: Roberto Benjamin, Manuel Dannemann e Barbosa Lessa. Mesa “G” – *Literatura Oral e Educação*: Jorgina (RJ), Elvo Clemente, Maria do Socorro Simões e Doralice F. Xavier Alcoforado. (Debates). *Momento Folclórico* – Mesa “H” – *Teatro Popular e Educação*. Participantes: Severino Vicente, Altimar Pimentel, Toninho Macedo e Beti Rabetti. (Debates). Mesa “L” – *Arte Popular e Educação*: Ricardo Gomes de Lima e Esther Karwinski. *Momento Folclórico* – Mesa “M” – *Folclore na Escola*. Participantes: Liane Rose Reis Garcia Pinheiro e Doralécio Soares.

Outras atividades: exposição de resultados de pesquisas – material visual.
Reunião dos relatores para elaboração do Documento Final.

Sessão Plenária. Documento Final/Moções/Proposições. Coquetel de Encerramento.

O IX Congresso atingiu todas as expectativas, sendo eleita a nova diretoria da Comissão Nacional de Folclore, sob aclamação, Roberto Benjamin, presidente da Comissão Pernambucana de Folclore, transferindo-se assim a sede da Comissão Nacional para Recife, conforme determina o novo Estatuto.

A sessão foi presidida pela Baronesa Karwinski, presidente da Comissão Paulista de Folclore, que propôs fosse aclamado presidente de honra o ex-presidente prof. Bráulio do Nascimento, que foi aclamado efusivamente. Houve pronunciamentos de alguns integrantes da nova diretoria da Comissão Nacional.

A Dra. Rose, felicitada pelo êxito do Congresso, foi abraçada pelo novo Presidente e pela Baronesa Esther Karwinski.

Porto Alegre, setembro do ano 2000

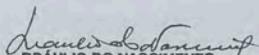
Doralécio Soares

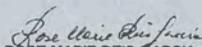
CERTIFICADO



Conferimos a Doralécio Soares
o certificado de Relator do
IX CONGRESSO BRASILEIRO DE FOLCLORE
realizado de 20 a 23 de setembro de 2000
no Salão de Atos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, 23 de setembro de 2000


BRÁULIO DO NASCIMENTO
Presidente da Comissão Nacional de Folclore/BECC/UNESCO


ROSE MARIE REIS GARCIA
Presidente do IX Congresso Brasileiro de Folclore
Presidente da Comissão Catarinense de Folclore

FLORIANÓPOLIS – SC

MANEZINHO DA ILHA

Nereu do Vale Pereira

Discurso sobre o “Manezinho da Ilha” durante a cerimônia de condecoração de novos Manezinhos, em 19 de abril de 2000, no Lira Tênis Clube, na Cidade de Florianópolis, Ilha de Santa Catarina.

Caras Autoridades (nominar as presentes)

Caro Jornalista Aldírio Simões que, inteligentemente, marcando época nesta nossa Ilha de belezas mil, criou o Troféu Manezinho da Ilha que, anualmente, desde 1988, vem condecorando homens e mulheres que, nascidos nesta terra, se orgulham de suas raízes.

Felizes amigos que já foram agraciados com o reconhecimento de sua genuinidade de “*Manezinhos da Ilha de Santa Catarina*”, e que, nesta noite de gala e de alegria, aqui se encontram.

Caros amigos que hoje receberão este cobiçado troféu. Aliás, o mais cobiçado e invejado troféu, pois ele é um reconhecimento público da *hereditariedade ilhoa*. Ele não se refere a Florianópolis, nome nem sempre aceito, mas à *ILHA DE SANTA CATARINA*.

Ainda nesta introdução desejo prestar, junto com todos, uma homenagem ao saudoso amigo, falecido dia 15 último, o Maestro Hélio Teixeira da Rosa. Nesta noite deveria estar aqui para receber o seu Troféu. Morreu feliz e consciente desse reconhecimento, pois soube, antecipadamente ao seu internamento hospitalar, da homenagem que receberia. Façamos um instante de silêncio e, neste instante, roguemos a Deus que ao recebê-lo peça-lhe que cante, pelo menos uma música tradicional dos manezinhos, quer seja a Lira, quer seja a Ritinha, quer seja do Pezinho ou a Ratoeira.

Agora, terminando este instante, procurem cantar comigo, junto com Hélio Rosa, duas quadras da Ratoeira.. “Ratoeira, bem cantada, faz chorar, faz padecer. Também faz um triste amante, do seu amor esquecer. – Etribilho: Meu galho de malva, meu manjeriçã, dá três pancadinhas no meu coração!”.

Mas, o que significa ser “Manezinho da Ilha”? Ser Manezinho é, no dizer de Aldírio Simões, viver um estado de espírito de ilhéu; é ter consciência de uma vida incrustada nas tradições desta Ilha da Velha Figueira, da bela

Lagoa da Conceição, das Rendeiras do Ribeirão da Ilha. Desta Ilha de Santa Catarina contado com milhares de anos dos Carijós e de 500 anos de miscigenação européia e africana. Quinhentos anos que muitos comemoram somente 274.

Nesta questão dos 274 anos, e embutida nessa idéia, quantas asneiras já se disse e já se publicou. O DC, outro dia, escrevia que nos 274 anos de fundação (vejam, de fundação) Florianópolis crescera, e que teria sido ela fundada por Dias Velho, como se esse intrépido vicentista tivesse produzido o prodígio de, depois de morto, ter vindo aqui à nossa Ilha para fundar o Póvoa de Nossa Senhora do Desterro, pois estava morto, naquele momento, há mais de 40 anos.

Não é sem razão que o Presidente da Assembléia Legislativa me encaminhava, aos 18 de março último, um convite impresso para comparecer, convite que por certo não atendi, pois estava eivado de erro crasso, vez que a cerimônia seria de abertura de uma exposição comemorativa dos 274 anos de fundação(?) da cidade de Florianópolis.

Ora, Florianópolis, como cidade, não tem 274 anos de fundação, pois essa condição de hierarquia administrativa e política só adquiriu em 1823. Também não é de município, pois que, em 1726 (refere-se aos 274 no ano 2000), não se aplicava essa nomenclatura dentro do sistema administrativo da Coroa Portuguesa. O que estamos comemorando então?

Francamente não tenho, como modesto conhecedor de nossa gênese, como dar a resposta. Perguntem a outros responsáveis.

Para mim resta, tão-somente, saber que a condição de ser Manezinho da Ilha é poder lembrar e consagrar que somos produto de uma forte forma de miscigenação entre o Carijó, os espanhóis e, mais tarde, portugueses e alguns escravos, consolidando-se com a chegada dos açorianos que nos ensinaram a falar: tás louco; oi, oió, oió; és um monstro; se quez quez, se não quez diz...

Aprendemos a falar um português como língua-mãe de Portugal, onde lá, como ainda hoje, não se diz doiis, a falar vocês, três, tchitchia, bom djia, boa noitchi, dji verdadjj.

Falamos dos, três, titia, bom-dia, boa-noite, de verdade, etc.

Ser Manezinho é se orgulhar disso, e ter a consciência que falamos o correto português que aprendemos e reverenciamos. Errados estão aqueles

que nos criticam e que não sabem que “t+e” se pronuncia “te” e não “tchi” e que “e” não se substitui por “i”, e que nos terminais “as” de palavras, não se pronuncia “ais”.

Ser Manezinho é gostar de discursos políticos e cerimônias com eloquência e vibração. Que puxa os sentimentos do fundo da alma e que o faz sentir-se feliz junto a esta terra maravilhosa.

É gostar de ouvir poemas e canções como, por exemplo, para reverenciar os negros, de Castro Alves, em o Navio Negreiro:

Auriverde pendão da minha terra,
Que a brisa do Brasil beija e balança,
Estandarte que a luz do sol encerra
E as promessas divinas da esperança...

Tu que, da liberdade após a guerra,
Foste hasteado dos heróis na lança,
Antes te houvessem roto na batalha,
Que servires a um povo de mortalha!...

Portanto, com este ufanismo ilhéu; com esta glória de ser Manezinho, ter-se a certeza de que nossas tradições e história devem permanecer vivas onde nascemos e somos felizes. Ser Manezinho é saber preencher a alma com a mística singular e candente da insularidade, e que, com raça e beleza, olha o mundo do mar, o misterioso e insondável mar; com grandeza e humildade recebe os forasteiros; com docilidade e verbosidade popular e peculiar se comunica; ter um falar exclusivo e melodioso; um vestir-se simples e gracioso, especialmente quando usa chapéu; que sabe e aprecia comer uma cocoroca frita com pirão de farinha de mandioca regado pela banha da fritura; é subir o Morro da Cruz e não da TV. É saber que vai ao Pontal da Ponta Grossa e não à desconhecida Daniela; vai ao Pântano do Sul e ao Rio das Pacas e não a uma infeliz Solidão; que rodeia e se senta junto à figueira da Praça XV, nem que seja para ser “pinico de pardal”. Sai às ruas a passear com uma gaiola na mão com um curió, ou um coleirinha-dobrador; empina uma pandorga ou um barrete, porém jamais uma pipa que é coisa de

guri ou de fresco; organiza rodadas de briga de galo ou de canário-datelha. Sabe quando atravessa a Ponte do Vinagre; que participa da Procissão do Senhor dos Passos, onde se vê, como diz o Governador Esperidião Amin, a cara de Florianópolis; que dança no Boi-de-Mamão; que canta Terno-de-Reis e a Folia do Divino Espírito Santo; não perde a Festa do Divino, não só no Centro, como no Ribeirão da Ilha; que entra na Folia, ou Farra como querem agora, do Boi e depois vai pescar no Costão; ajuda a puxar a rede de cerco de tainhas para, pelos menos, ganhar uma (que esteja suja de areia, comprovando sua origem de ser fresquinha) e levar para a casa para assá-la na telha ou escalar; seguidamente entra no Mercado Municipal, pois ele é seu cartão de ponto diário; que ainda tem saudades de acertar o seu relógio pelo relógio da Catedral ou do Cano Submarino; vão ao senadinho discutir política e futebol, torcendo por Avaí ou Figueirense; sabe e gosta de jogar dominó; que aos domingos toma a sua cachacinha ou a pinga do alambique; etc., etc. Bom, vamos parar, pois neste tempo não dá para dizer tudo!!!

Enfim, ser Manezinho da Ilha é nascer feliz, viver feliz e morrer feliz, cantando as maravilhas desse *“pedacinho de terra, perdido no mar”*.

Disse.

Professor Nereu do Vale Pereira

CACUMBI OU TICUMBI

(*versão catarinense*)

Dança afro-brasileira no folclore catarinense

Doralécio Soares

Roger Bastide, o francês apaixonado pelo nosso País, que nele se integrou e que virou brasileiro. Autor de várias obras sociológicas sobre o Brasil; em *“BRASIL TERRA DE CONTRASTES”*, escrita nos anos de 36 a 40, analisando a *presença africana no Brasil*, atribui a Santa Catarina a menor percentagem (5,55), de gente de cor, em relação à população do Estado, entre os demais estados do Brasil. Sendo que a mais alta coube a Bahia, com 71,23. Tece louvores à miscigenação étnica,

vindo a confirmar a previsão de um sociólogo, que acrescenta: “daqui a seiscentos anos o Brasil terá a raça mais bonita do mundo”.

Louvando a cor “moreninha”, isto é, a mulatinha clara, sentencia:



Cor morena cor morena
A cor de prata relada
Quem não ama a cor morena
Morre cego, não vê nada

Mulatinha brasileira
Você é um doce maná
É um fruto açucarado
Saboroso Cambucá

Componentes culturais afro-brasileiros

Esta percentagem de 5,55 de gente de cor, atribuída pela pesquisa de Roger Bastide a Santa Catarina, foi o suficiente para que costumes afros se integrassem na formação étnica do catarinense, e se manifestassem nos componentes culturais do nosso folclore, cujos registros estão nos grupos de dança afro-brasileira do **Cacumbi** ou **Ticumbi**, bem como na presença de outras manifestações da cultura popular negra em nosso Estado.

A dança do Cacumbi ou Ticumbi, do folclore afro-brasileiro, existe no folclore catarinense, não só no Município de Florianópolis, como também em alguns municípios da orla litorânea.

No passado se registrava a presença do cortejo real, com o rei acompanhado da rainha e seus pajens, coroados com uma faixa ricamente bordada, indicando a nação da qual eram soberanos. O capitão do grupo procedia simbolicamente à coroação, cantando versos alusivos à cerimônia, ao som dos batuques e movimentos coreográficos.

Hoje, entretanto, desapareceu completamente o *cortejo real*, se resumindo apenas numa *embaixada de guerra*, representada por treze homens de cor e uma moça portando uma bandeira com as figuras de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário.

É uma dança do folclore afro-brasileiro, chamada de *Baile de Congos*; representa simbolicamente a dança guerreira entre duas *nações negras*, a de Rei de Congo, e a de Rei Bamba.

É dançada em homenagem a São Benedito e a Nossa Senhora do Rosário, realizando o grupo de dança uma cerimônia com ritual e cântico na véspera ou no dia desses Santos, no interior de suas igrejas.

A dança é formada por duas alas de *marinheiros* vestidos de sapatos brancos e calças brancas, camisas azuis, de bonés uns, outros de chapéus enfeitados, tendo no centro do grupo o *capitão*, que é o chamador da cantoria, na qual reverenciam os Santos.

As cantorias chamam marchas, e marchas fogo. A dança é cantada e acompanhada pela música dos pandeiros e o batuque dos tambores em várias toadas que terminam com a luta do capitão com os marinheiros que reclamam o pagamento da *ração*.

O capitão é o chamador da cantoria, que canta, repetindo o grupo em coro, os versos do chamador. Na seqüência da apresentação, transcrevemos alguns desses versos.

A Nossa Senhora	O dono da casa
Saiu hoje na rua	Mandou me chamá
Mandando seus filhos	Com sua licença
Fazê meia lua	Queremos chegá

Nós chegamos hoje	A calçada é alta
Salvar nossa praça	Não posso “assubi”
Oh! S. Benedito sejais	Tem pedra miúda
Nossa Senhora da Graça	Pudemos cair

Ó Capitão mandante	Vamos marchando
O Chefe General	Ao romper do dia
O nosso batalhão	E dá obediência
Que mandou marchar	A vossa Senhoria

O bispo de Lena	Ó matumba, o querenga, erunganda
Rainha dos Anjos	“Orunganda, o matumba, o querenga
Como é que se chama	Ó querenga, ó matumba, erunganda
São Miguel de Arcanjo	Olha lá

MARCHAS FOGO

Quero ê quero á	O negrinho do ganho
Quero ê quero á	Que quer ganhar
Senhor dono da casa	Um tostão por dia
Qui tem pra mi dá	Pra gastar

Óia o peixe no rio	“Avuou uma ave – cap.
O camarão no mar	Daquela janela – coro
Senhor dono de casa	É um papagaio Sá. dona... – cap.
Qui tem pra mi dá	Da pena amarela – coro

Santo Antônio	Ou da pena amarela
“Arripica” o sino	De bico encarnado
Leva a Bandeira	Era um papagaio Sá. dona...
Lá no caminho	De pena dourada

Esses versos são sempre repetidos pelo grupo que forma o coro.

Olha aqui a Maria	Óia aqui a Maria
De congo eruá	Você é minha tia
A canoa virou	A canoa virou
Lá no meio do mar	Lá no meio do rio

Virou, virou, deixa virar	Tia Maria
De boca pra baixo	Cadê tio João
De fundo pro mar.	A canoa virou
	Lá no meio do fundão

Aqui nesta casa
 Haverá muito trigo
 Amanhã hei de pagar
 Quem nós dá abrigo.

O grupo de dança é dividido em duas alas, munidas de seis pandeiros e dois surdos, que fazem o batuque nas suas extremidades, formando os demais componentes uma espécie de semicírculo, ficando no centro o capitão, fazendo os outros componentes do grupo o coro da cantoria; em uma das extremidades do círculo se porta a Fé da Bandeira.

O grupo de dança que se apresenta em Florianópolis é muito homogêneo, dançando e cantando com muito ritmo, com batuque característico, em que a música dos pandeiros e o som dos batuques dão à cantoria e à coreografia uma beleza extraordinária.

O ponto alto da apresentação é a luta entre os marinheiros e o capitão, de quem aqueles reclamam o pagamento da ração e cujos versos são assim cantados:

CAPITÃO

Já que tu não soubeste
Pra que não me dão
A metade do queijo
Fatia de pão

Vai timbora sordado
Não me venha atentar
Com essa espada
Eu te posso furar
Vórti aqui meu sordado
Não me venha atentar
Com essa espada
Não se pode brincar

Cap. Vai timbora sordado
Não me venha atentar
Com essa espada
Não se pode brincá
O que pode essa espada
Disfarce de corte
Eu ti tiro o pescoço
No primeiro corte

Sinhô dono de casa
Me dê um tostão
Pra fazê pagamento
A este meu batalhão
Bis: Ó Sinhô, Sinhô, Sinhô Capitão
Quedê o dinheiro da nossa ração

Cap. Não tenho dinheiro
Não tenho mais nada
Tenho é a ponta
Da minha espada

O grupo aqui pesquisado, fotografado, com registro musical, é da Sociedade Folclórica “Capitão” Francisco Amaro, com sede à Av. Ivo Silveira s/nº, fundos, Florianópolis.

É um grupo inteiramente de pretos, constituído quase que de uma só família, visto que o Sr. Francisco Amaro é acompanhado por três filhos e quatro sobrinhos, além de sua filha, que é a Fé da Bandeira.

Informa o “Capitão” Francisco Amaro (Capitão do Cacumbi) que, ao morrer seu pai, que também era “Capitão”, prometera-lhe que, enquanto fosse vivo, dançaria o Cacumbi em homenagem a São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, o que vem cumprindo até a época atual, já nos seus 70 anos de idade. Isto em 1979.

* O “Capitão” Francisco Amaro já é falecido.

FATO FOLCLÓRICO

Doralécio Soares

O fato folclórico surge da criatividade espontânea do povo, podendo ser anônimo ou não, devendo ser aceito pela coletividade e ter duração permanente. Sendo o folclore de natureza dinâmica, os fatos folclóricos estão sempre acontecendo, permanecendo os de aceitação coletiva e duração permanente.

O fato folclórico deve surgir de maneira espontânea, relacionado com a cultura popular, podendo ser de natureza espiritual ou material, onde a criatividade humana é preponderante.

Exemplifiquemos com coisas nossas: Certo homem de sítio apareceu na cidade vendendo umas pombinhas, amarradas dentro de balaio. Alguém interessado perguntou – Moço, qual o preço das pombinhas? O vendedor deu um preço que o interessado achou muito alto, e retrucou: – Por esse preço “Mofas com as pombas na balaia”.

Este dito permanece até a época atual, a despeito mesmo do acontecido há uns cinquenta anos passados.

Vejamos este, relacionado com a “*Bandeira do Divino, recolhendo esmolos entre as casas dos fiéis*”. Uma senhora, pagando uma promessa, carregava a Bandeira durante vários dias. No término da promessa o folião violeiro notou que a pombinha estava virada pra trás, e na entrada de uma casa cantou:

Senhora promesseira
Seja mais inteligente
Dê uma volta no pau
E vire a pomba pra frente.

Verso pitoresco que é, entre outros, conhecido pelos que se entregam à Folia do Divino.

Entre as credences, poderíamos citar inúmeras, mas exemplifiquemos com apenas esta, ocorrida em um Município da zona serrana: Certa noite um médico foi chamado por um caboclo para assistir a sua mulher, cuja criança demorava a nascer. Feitos os exames iniciais, o médico do interior achou por bem esperar o nascimento normal. A mulher sofria muito com o demorado parto, e o marido também, pois achava que a presença do médico abreviaria a vinda do filho, e indagou ao médico: – Como é doutor, esse animalzinho vem ou não vem? O médico disse: – É, tem que esperar, não é? Retrucou o caboclo: – O Senhor me desculpe, mas eu vou fazer minha simpatia. Foi lá na estrebaria e colocou nas costas o arreio completo do cavalo e começou a dar voltas em torno da casa. Pela simpatia teria que completar nove voltas. Já cansado e desanimado com o pesado fardo, ia completar a oitava volta quando escuta o choro do filho. Jogou tudo no chão e correu ao encontro do médico, dizendo: – Tá vendo doutor, isso nunca falha. O médico disse: – É, funcionou.

É possível que, passados mais de quarenta anos que isso ocorreu, não se use dessa prática, mas que várias vezes funcionou, isso é verdade.

Os fatos folclóricos de natureza material estão relacionados com a criatividade, digo, com as criações de objetos de arte popular e folclóricos que dia-a-dia são criados e aceitos pelo povo nos seus usos e costumes.

Características de um fato folclórico

Muito embora muitos folclórogos estabeleçam que a característica do fato folclórico seja o **anonimato**, existe desacordo entre eles, entre os quais

eu me incluo. Citemos o caso dos poetas populares do Nordeste, cujo espírito de criatividade espontânea é fora do comum. Muitos são conhecidos, e suas estórias correm todo o Nordeste.

Vejamos o caso dos cantadores de desafios (pelejas nordestinas) sobre a música, ou seja, a cantoria *Opinião*, que foi cantada no Brasil inteiro e até hoje se canta. Esta surgiu de um desafio. No desafio, a última palavra do verso é chamada de *mote*. E o cantador terminou o verso com o mote Opinião. E o outro respondeu: – Opinião, Opinião, Opinião, oi, pinto correu com medo de gavião/Porisso mesmo sabiá cantou/Bateu asa e avoou e foi comer melão/. – No meu terreiro tinha um pé de araçá /Onde o sabiá gongá fazia seu palantão/(plantão). – Um dia desses ele estava descuidado/Quasi morreu degolado nas unhas do gavião/. Oi, pinto correu com medo do gavião.

O gavião é um bicho carniceiro/Quando bate no puleiro/Come os pintos que ele quer/.

Um dia desses eu nunca vi tanta afoitesa/Ele trepou na minha mesa/beliscou minha mulé/. Minha mulé se “assombrou-se” nesse dia/Quase morreu de agonia/Com uma dor no coração/Gritava tanto com os dois ôios abuticado/Que até eu fiquei vexado/Com medo do gavião/Oi, pinto correu com medo do gavião.

E assim, muitos criadores de fatos folclóricos são conhecidos e têm sido aceitos pela comunidade.

Transmissão oral – Contrariando se ter estabelecido a validade somente à *transmissão oral*, também discordamos, mesmo porque, aqui entre nós, temos o *Pão-por-Deus* que, além de ser transmissão puramente escrita, é tradicionalista e tem funcionalidade.

Como identificá-los num fato folclórico? Esta pergunta está nos itens acima. Entretanto, se registrarmos a maneira de pensar, sentir e agir do povo, que possui extraordinária riqueza de sabedoria, a quem chamamos de eruditas, enriquecendo diariamente o nosso saber de erudição, estaremos sempre encontrando um *fato folclórico*.

SÃO PAULO – UNICAMP

FOLIA DE REIS

A Folia de Reis ou Reisado é um ato popular que procura rememorar a jornada dos Reis Magos, a partir do momento em que eles recebem o aviso do nascimento do Messias, até a hora em que encontram o Deus-menino na lapinha. Fazendo parte, pois, do ciclo natalino, o cortejo de foliões desfila cantando no campo ou pelas ruas das cidades.

A presença dos palhaços tem sido um elemento constante nas Folias. Segundo explicação dos próprios foliões, os mascarados representam o mal, sendo a concretização dos soldados de Herodes ou do próprio demônio. Com essa vinculação ao mal, os palhaços seriam impedidos de tocar a bandeira sagrada da Folia, nunca podendo ficar à sua frente no cortejo. Há outras interdições para os palhaços, como a impossibilidade de se aproximarem do presépio ou, em alguns casos, de só entrarem na casa visitada após os cantos finais, ainda assim retirando as máscaras.

Por todas as análises já vistas, a Folia de Reis dos Arturos se apresentou como uma incógnita a ser decifrada. Diferentemente dos modelos analisados, os palhaços constituem o elemento sagrado da festa. E, mais do que isso, são a representação direta dos Reis Gaspar, Melchior e Baltazar. Outro fato marca a sacralidade dos mascarados: é sempre um deles que porta a bandeira.

Segundo o mito, quando os três Reis Magos fugiram de Herodes, Gaspar e Melchior se envergonharam de andar em companhia do negro Baltazar e resolveram desfazer-se de sua presença. Acordando bem cedo, seguiram caminho, enquanto o companheiro permanecia na estalagem. Pela manhã, ao levantar, Baltazar soube que os companheiros já haviam partido. Longe de se magoar, orou a Deus pedindo orientação e seguiu seu destino. A estrela luminosa o conduziu prontamente à gruta de Belém, onde se maravilhou com a graça de se ajoelhar diante da criança divina. Jesus-menino lhe acariciou a pele negra dizendo: – “Porque foste bom e alegre, eu te conduzi a minha presença. És bendito entre todos os reis e terás para sempre o dom da alegria e da juventude.”

Passou-se muito tempo antes da chegada dos outros Reis: sofrendo os rigores da temperatura e as asperezas do caminho, um chegou velho e alquebrado (Gaspar), enquanto o outro, trêmulo e de andar hesitante, parecia sentir todo o frio do mundo (Melchior).

O mito nos coloca diante de três palhaços da Folia dos Arturos, caracterizando a gênese da festa: o negro Bastião, o alegre e saltitante homem das perguntas e das brincadeiras; o Véio, representante da decrepitude dos que seguem os percursos mais longos para chegar à Verdade; e o Friage, mascarado que só treme e gagueja sentindo o frio dos que renegam a alegria e humildade.



A fundamentação mítica que conta a história do Rei negro resgatado por Jesus foi a origem da Folia que Arthur Camilo Silvério ensinou a seus filhos. A resistência étnica que norteou a fundação da comunidade dos Arturos se refaz e se reforça numa festa que celebra a comunhão da família humana.

A função das guardas se define através da narrativa mítica: o Congo puxa todos os dançantes, em movimento rápido, abrindo caminho; o

Moçambique é o responsável pela Senhora, representada pelos reis cujas coroas a guarda conduz.

O próprio vestuário se prende à estrutura do mito. Quando os moçambiqueiros usam as cores de Nossa Senhora – o azul e o branco – e os congos se vestem de rosa e verde, significando o caminho, com galhos e flores, para a Senhora passar. Indo à frente, o congo anuncia a chegada dos filhos do Rosário, preparando a passagem.

Dada a origem africana do ritual, alguns elementos materiais funcionam como fetiches, centralizando o poder e a força sobrenatural. Investidos de

magia, transformando-se em símbolos condutores. Assim, o bastão é o símbolo de comando do Moçambique, enquanto a espada e o tamboril conduzem o Congo.

A interpretação da origem dos fetiches está ainda ligada à fundamentação mítica, onde o Congo, abridor de caminhos, se arma pela espada, enquanto conduz o tamboril, símbolo dos instrumentos que moveram a imagem santa; o Moçambique carrega o bastão, índice de poder, por ter conseguido o resgate da estátua.

Ainda no movimento da dança se replica a força do mito: o Congo se desloca rapidamente, enquanto é mais lento o movimento dos “donos-de-coroa”.

A dança dos congos é saltitante, marcada pela ginga e pelo cruzamento de pernas e pés; a direção assumida é da horizontalidade, com deslocamentos laterais (movimento pendular). O movimento do Moçambique assume uma profundidade que se caracteriza pela tendência à penetração: é como se o corpo do dançante quisesse varar a terra, batendo e voltando.



Guarda de Moçambique



Guarda de Congo

Um dos elementos mais importantes para a distinção do Congo e do Moçambique é a linguagem dos cantos. Como guarda mais antiga, os moçambiqueiros são os senhores da música secreta e mágica, cantando a memória da África e dos antepassados. Com a mesma força criativa com que fez seus tambores de inhame para tirar a Senhora das águas, o Moçambique recria o canto, com improvisações que podem durar longo tempo: abre-se a caixinha mágica do inconsciente coletivo e a memória mítica aflora.

A linguagem do Congo expressa a religiosidade e a vida mais recente do grupo, através dos cantos que lembram os problemas sociais com o poder público e a Igreja, a história de guardas visitantes e as brincadeiras ou bizarras. A estrutura do canto é fixa, limitando-se às improvisações.

UNICAMP – 1999

Transcrito do Folheto do 6º Encontro com o Folclore e Cultura Popular-
2/10/1999

OS SANTOS DAS GULOSEIMAS

Ulisses Passarelli

São Cosme e São Damião eram irmãos gêmeos, de origem árabe, médicos, exercendo a profissão na Síria, atendendo a pobreza sem nada cobrar, daí serem ditos anargiros.

Por citação do procônsul Lysias, foram presos e martirizados durante o Império de Diocleciano, sendo submetidos a terríveis castigos que findaram com a degola, em Egéia, na Sílicia, a 27 de setembro de 287.

Seus nomes foram inscritos no cânon da missa e no pontificado do Papa São Félix, seus corpos foram levados para um templo em Roma.

A devoção a eles espalhou-se pela Europa (Itália, França, Flandres, Espanha, Portugal, etc.), onde fundaram várias confrarias de médicos, das quais eram patronos.

Também eram evocados nas questões sexuais: mulheres estereis pediam ajuda aos santos gêmeos para engravidar. Conseguindo, depositavam nas suas igrejas ou altares o ex-voto de cera, cumprindo a promessa: em forma de pênis. Um tipo de culto fálico.

Distribuíam garrafinhas com óleo bento de Cosme e Damião. Diante do altar deles, uma sacerdotisa esfregava o óleo na parte adoentada que o devoto descobria. Havia também a “incubação”: os doentes dormiam na igreja a eles dedicada para curarem o mal.

Da Europa, via Portugal, vieram para o Brasil suas tradições religiosas. Por outro lado, os africanos contribuíram com uma série de outros costumes

e devoções que, misturando-se aos europeus, passando por alterações, deram no Brasil as tradições de Cosme e Damião.

Entre os africanos havia o culto aos gêmeos, símbolo da fecundidade, da capacidade produtora. Variava o nome, com o fundamento semelhante das divindades gêmeas: *Mabaças* (entre os negros bantos), *Ibeiji* (nagôs), *Hoho* (jejes). Também os africanos escravizados na América Central levaram para lá estas devoções, com os nomes de *Jimaguas* (em Cuba) e *Marassas* (no Haiti – possível alteração de *Mabaças*). Só que por lá se preservou a forma africana e aqui ela foi cristianizada, no sincretismo com o culto aos Santos Cosme e Damião (27 de setembro) e Crispim e Crispiniano (25 de outubro). O sincretismo no Brasil foi ainda favorecido pela aproximação com os filhos do orixá Xangô, *Dadá* e *Ogun*, cultuados nos candomblés. Com toda a mistura surgiu para tudo fundir o brasileiro *Dois-Dois*, cultuados para designar os gêmeos divinos.

O culto aos gêmeos é ainda associado em algumas partes do País a outras divindades africanas, *Doú* (*Doum*) e *Alabá*. Pela tradição negra, o filho que nasce após um parto de gêmeos ou o trigêmeo é chamado doum, e o quarto alabá. Em algumas imagens são encontradas estas divindades, em tamanho menor que Cosme e Damião, junto deles, com a mesma feição e trajés. Doum parece ser a forma sintética dos gêmeos, personificada, daí os cantos em sua honra dizerem: dois-dois, dois em um... doum.

Cada qual com sua crença, como garante nossa Constituição e é esperado, fruto que somos de um imenso caldeirão racial/cultural.

Homenagens ex-votivas, cantos, danças, peditórios a São Cosme e Damião garantem, pela tradição religiosa, que as grávidas não tenham gêmeos (mas se o tiverem serão protegidos pelos Santos), afastamento de epidemias, fartura alimentar, proteção contra as doenças sexuais.

Uns escrevem pedidos a São Cosme e São Damião em cédulas, sob a forma de “correntes”, para que não falte dinheiro. Geralmente em notas de um real. Fartura.

Outros fazem pedidos a eles e distribuem balas às crianças.

Guloseimas em geral, como doces, confeitos, pirulitos, chicletes, empacotados ou não, às vezes acompanhados de brinquedinhos. Distribuem

por tradição, mas, se for feito pedido, a distribuição deverá ser feita por sete anos seguidos. As crianças ficam em polvorosa no dia destes Santos, correndo de casa em casa atrás do “Cosme e Damião”. Chegam a perder aula para tal procura e é notável a solidariedade delas, avisando umas às outras onde está sendo distribuída a doce tradição, como formigas quando encontram açúcar. Na Bahia são muito festejados com várias tradições dentro das religiões afro-brasileiras e no catolicismo popular, como lindo-amor, o caruru-dos-meninos e o baile de São Cosme e São Damião.

Neste ano distribuimos as guloseimas dos Santos na Gruta do Divino Espírito Santo e Nossa Senhora do Rosário, no centro de São João Del Rei/MG, junto à ponte Padre Tortoriello, no final (confluência) das ruas Antônio Rocha e Antônio Josino Andrade Reis.

A gruta foi enfeitada interna e externamente com bandeirinhas multicores e foi armado um altar com fundo branco, sobre o qual a imagem católica tinha duas fitas atadas para os fiéis beijarem, uma verde, outra rosa. Duas velas acesas em castiçais artesanais. Um pratinho de sobremesa com as ofertas a eles: guloseimas e brinquedos. Flores e ramos de coqueiro. Um cartaz com “vivas” e pedidos de proteção.

A doçaria empacotada estava em balaies de vime e taquara. A criançada, que a princípio era pouca, ao ouvir o espoucar dos fogos de artifício 12x1, veio em correria de toda parte, da Caieira, Antônio Rocha, ponte, Beira da Praia, “PPP” (Praça Pedro Paulo), Morro do Zé da Luz e Matola (os nomes referem-se a bairros e logradouros de São João Del Rei/MG). A cena pitoresca lembra a correição. Taóca, diriam os indígenas.

Fizeram fila. Que alegria óbvia em seus rostos ao abrir o humilde pacotinho. Analisam as variedades. Comparam: “você ganhou dessa bala?”, “olha só o que tem no meu...”. E vão se esvaindo à caça de mais “Cosme e Damião” noutras paragens.

Fontes: – Dicionário do Folclore Brasileiro. **Luís da Câmara Cascudo**.

– O negro brasileiro: etnografia religiosa e psicanálise. **Arthur Ramos**.

Nota: artigo publicado originalmente no Boletim **TRADIÇÃO**, número 001, editado pela **Subcomissão Vertentes de Folclore**, São **João Del Rei/MG**, em outubro de 1999, sob a coordenação do folclorista **Ulisses Passarelli**.

BLUMENAU – SC

Do escritor Theobaldo Costa Jamundá – Recebemos!

OUTRA CARTA PARA DORALÉCIO

Meu irmão na nordestinidade folclorista
Doralécio Soares

Tantos méritos você arrumou na pirâmide da dedicação aos fazeres e quefazeres folclóricos que, neste novembro de 2000, é salientado e invejado.

Acuso ter recebido o exemplar de **Boletim da Comissão Catarinense de Folclore** (Ano XXXV – nº 51 – 1999). A palavra certa para o agradecimento, não a tenho: o proverbial “Muito grato” é protocolar, e como tal não transfere a alma ajoelhada na felicidade da distinção. Receber este Boletim não é o mesmo que receber almanaque de interesseira publicidade, principalmente este número desta edição, na qual o cientista social *Nereu do Vale Pereira* oferece texto, que é jóia garimpada na paisagem humana ilhoa, sob o título: “*ADÁGIO POPULAR – INDIVÍDUO SEM EIRA NEM BEIRA*”. (pág. 09)

Se este Boletim circula com tal nível informativo e para a leitura de maioria de quem sabe ler, é ocorrência já veterana, como produto de uma dedicação que você exerce, dando continuidade aos idealismos do folclorólogo Dr. Oswaldo R. Cabral.

Tal idealismo tem a idade de 51 anos, portanto, a mesma deste Boletim, que teve como matéria do primeiro número a exaustiva pesquisa do folclorista *Oswaldo Ferreira de Melo*, o “Boi-de-Mamão no Folclore Catarinense”.



Que sabemos nós, os de ontem, a fecundação daquele idealismo foi assumida pelo Departamento Estadual de Estatística, à época, sob a direção geral do prof. Universitário de Estatística: *Roberto M. de Lacerda*. A estimulação criativa de Oswaldo R. Cabral repercutiu como de interesse nacional em R. M. Lacerda. – A intelectualidade catarinense da época aplaudiu de pé.

Doralécio Soares, entre você e O. R. C. a pesquisa folclórica no universo barriga-verde mereceu a dedicação integral de quem é destaque em aorianidades e porção avolumada de títulos publicados, onde um deles é “*O Brigadeiro José da Silva Paes – Estruturador do Brasil Meridional*”, foi do prof. Dr. Walter F. Piazza que você recebeu o encargo.

E não é pelo detalhe de ter recebido. – Nós os nordestinos catarinensizados exultamos pela capacitação desenvolvida com testemunhamento nacional: **O Boletim da Comissão Catarinense de Folclore** existe e circula. E até hoje na vanguarda dos colaboradores está como editor o Governo do Estado de Santa Catarina. E não discrimina os outros o destaque para o amigo maior daquela Comissão: o Governador Esperidião Amin.

Meio século e mais um ano tem o fruto – idealismo de O. R. C. – Só no quadro de uma comparação, avaliando-se os fazeres e quefazeres folclóricos com a importância científica que têm, você, no mínimo, é merecedor do título de Guardião.

Teria W. F. Piazza admitido que você assumisse vida e finalidade do Boletim da Comissão Catarinense de Folclore, se competência não tivesse? Tome esta pergunta somando que a prática do folclore no território brasileiro desfrutava do aplauso e do interesse da UNESCO. E mais ainda era relacionada na Etnologia. O folclorista, mesmo que não sendo acadêmico universitário de Ciências Sociais, era militante autodidata, numa prática que os catarinenses se afeiçoaram relacionados por Oswaldo R. Cabral (1903-1978). E como teu mano na nordestinidade, digo, orgulhosamente, que você ainda neste novembro de 2000 não deixa entrar em problema de continuidade.

E por ser assim um interessado útil, nenhum de nós, os nordestinos catarinensizados, alcançamos ser útil como você é. Tão assumido de virtude como as seguintes: (1) profissional de artes gráficas, no grau de professor; (2) como varão de família organizada; (3) cidadão pragmático, transparente, socialmente benquisto. Entre nós os migrantes pernambucanos, você é o modelar.

Nesta área dos folcloristas, para a qual cheguei por convite do sempre lembrado Oswaldo R. Cabral, sendo do Município de Indaial o representante, dir-se-ia prestando o vestibular com o texto intitulado o “Palmito na Sociedade Teuto-brasileira, já você estava com a utilidade de responsabilidade no que fosse e pertencesse à editoração e à organização do ajuntamento das páginas.

Enquanto nós usufruímos ser da Comissão e tê-la funcionando e com o Boletim, Oswaldo R. Cabral, Walter F. Piazza e você nos ofereciam, além da dignidade, a significância de tomar conhecimento do estoque folclórico barriga-verde. Ai porque senti a pressão intelectual de eliminar o analfabetismo sobre o folclore catarina; e também focar na geopolítica de minha vivência o que poderia ser texto folclórico com o respectivo título.

As leituras que me orientaram, ou seja, a bibliografia sobre folclore ocupa duas prateleiras de uma estante. E dela, como mostra, deixo aqui os títulos seguintes: 0. JOAQUIM RIBEIRO, *Folclore Brasileiro*; 1. AIRES DA MATA MACHADO FILHO, *Curso de Folclore*; 2. AFFONSO ARINOS, *Lendas e Tradições Brasileiras*; 3. GASTÃO DE BETTENCOURT, *Os Três Santos de Junho no Folclore Brasileiro*; 4. LUÍS DA CÂMARA CASCUDO, *Meleagro*; 5. AUGUSTO MEYER, *Guia do Folclore Gaúcho*; 6. OSWALDO R. CABRAL, *A Medicina Teológica e as Benzeduras – Suas Raízes na História e sua Persistência no Folclore*; 7. FLORESTAN FERNANDES, *A Etnologia e a Sociologia no Brasil*; 8. ALCEU MAYNARD ARAÚJO, *Cultura Popular Brasileira*; 9. RENATO ALMEIDA, *A Inteligência do Folclore*; 10. JOAQUIM RIBEIRO, *Folclore do Açúcar*; 11. M. RODRIGUES DE MELO, *Várzea do Açú – Paisagens, Tipos e Costumes do Vale do Açú*; 12. DANTE DE LAYTANO, *Folclore no Rio Grande do Sul – Costumes e Tradições Gaúchas*; 13. BASILIO DE MAGALHÃES, *O Folklore no Brasil*; 14. WALER SPALDING, *Superstições e Tradições no Brasil-Sul*.

Com este expediente, assino-me genuflexo na gratidão, pela dose de fraternidade inesgotável. E tudo foi e é possível porque os catarinas nos asseguraram e asseguram a hospedagem indimensionável.

Theobaldo Costa Jamundá
Blumenau, SC – 04/11/2000

NEGRO: O ARCABOUÇO DA NOSSA RAÇA!

José Antônio de Ávila Sacramento

(Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de São João Del Rei/Minas Gerais)

“Escravidão! Crueldade/Usa nosso sangue no melaço dos Engenhos!/Usa nosso leite pra amamentar os ioiôs!/Usa nossos deuses pra afugentar maus empenhos!/E as nossas mulheres para o gozo dos sinhôs”. (In Auto do Descobrimento, 1997, Edit. Univ. Est. Santa Cruz – BA)

Penso poder dizer que, no Brasil, o negro foi o arcabouço que afeiçãoou a nossa raça. A unidade nacional é também o resultado, juntamente com os nossos fatores religiosos e lingüísticos comuns, de uma dramática *invasão negra* que, com passividade de temperamento, possibilitou a dispersão das raças e homogeneização delas e, ainda, a estruturação econômica sobre a qual ainda nos apoiamos. Durante muito tempo foram eles que sustentaram, como vigorosas pilstras, o trono monárquico do País.

O negro permitiu a formação e estabilização das grandes propriedades agrícolas, o desenvolvimento da indústria do açúcar, da mineração do ouro e diamante e, finalmente, da agricultura do café, maiores fontes, sucessivamente, da economia nacional. Não só a sua passividade e bravura contribuíram, mas também o estado adiantado de sua cultura naquela época: na África, o negro já vivia a influência de uma cultura superior, com larga vantagem sobre o índio brasileiro. Eles já faziam culturas regulares, pastoreavam o gado e conheciam os meandros da siderurgia. Foi o negro que introduziu no Brasil o processo de redução do ferro pelos fornos de Cuba, remanescente de alguma herança árabe introduzida no Continente Africano.

Faltava ao índio brasileiro a elasticidade e o aspecto velutíneo da pele do negro, a riqueza glandular de um aparelho fisiológico especial, capaz de transpirar por todo o corpo e não só pelos sovacos, de transpirar também como se dele todo manasse um óleo, e não apenas escorressem pingos isolados de suor, como do branco. (Eherenreich)

Valdo Frank, citado por Gilberto Freire, explica a afirmação acima dizendo que *havia uma superfície máxima de evaporação no negro e mínima no branco, ampliando-lhe a faculdade de resistência aos trópicos.*

Essa resistência, coitados, lhes foi explorada ao extremo, já na terrível viagem nos navios negreiros – popularmente chamados de *tumbeiros (de tumba, sepultura)* – onde um dentre cinco escravos embarcados morriam. A citada resistência continuou a ser explorada com trabalhos forçados de sol a sol nas lavouras de cana, minas de ouro e plantações diversas, invariavelmente expostos a castigos infames e ... ao banzo. Rugendas retratou na pintura *Castigos Domésticos* uma cena do cotidiano, em que se pode observar a aplicação de castigos físicos aos escravos. Mais de três mil aquarelas, desenhos e esboços de Johann Moritz Rugendas compõem um magnífico registro visual da sociedade brasileira da primeira metade do Século XIX. Os açoites iam de cinquenta a duzentas chibatadas! Muitos não resistiam. A máscara de Flandres, a palmatória, o tronco, os ferros de marcar e outros tipos de suplícios eram usados. Havia, como parte da violência, a humilhação, a fome e terríveis condições higiênicas e de moradia.

Quanto ao seu valor específico e ao grau de avanço intelectual, além da criação do gado e trabalho com metais, é mister acrescentar a arte culinária, a agricultura que eles já praticavam racionalmente como a da cana e do milho, sendo que os índios daqui já conheciam o milho, mas só o usavam cozido ou assado, ao passo que os africanos já sabiam moer o fubá e utilizá-lo sob a forma de angu e outros mingaus. Ao indígena os negros ensinaram um pouco da língua portuguesa e até fundamentos de religião.

O antropólogo Roquete Pinto (1884-1954), participante da Missão Rondon (1907/08), observou também que: *...os movimentos, sertões a dentro ou rio Amazonas acima, de negros fugidos, representam quase arrojo igual ao dos bandeirantes paulistas ou povoadores cearenses.*

O índio é que parece não ter correspondido muito, pois era inimigo do negro. Os Puris, por exemplo, com seu finíssimo olfato, foram empregados pelos *Capitães-do-Mato*, como *cheiradores*, para descobrir negros fugidos, auxiliados por cães amestrados para tal.

Na agricultura eles introduziram métodos desconhecidos dos próprios portugueses e, para o trabalho em engenhos, os senhores preferiam os escravos de São Tomé, da costa africana, que já trabalhavam secularmente

a cana nas suas ilhas de origem. Nas *casas da moenda* espremiam a cana no *trapiche*, fabricando açúcar, rapadura e aguardente.

Os escravos negros se dividiam em *Boçal* (cativo recém-chegado da África), *Ladino* (africano já aculturado) e *Crioulos* (escravos nascidos no Brasil). Servindo aos senhores existiam os *escravos de ganho*, que podiam usar paletó e chapéu, mas tinham de andar descalço – sinal da sua condição de escravo.

A nossa dieta vive cheia de alimentos de origem africana: angu, vatapá, o azeite de coco-de-dendê, o camarão seco, a pimenta, o inhame, chuchu, o gerimum (abóboras diversas como o mogango, marimba, moranga...), o quiabo ou *quingmobô*, etc. A galinha-de-angola, espécie meio selvagem, boa poedeira e de carne saborosa, veio nos navios de tráfico, trazida pelos negros, e aqui bem se adaptou. O colono português, de boa situação econômica, sempre se servia de um escravo ou escrava para sua cozinha; ainda hoje é grande a fama da boa culinária da Bahia, representada quase em sua totalidade pelas alegres negras baianas. Havia ainda as jovens e belas escravas que, escolhidas a dedo, freqüentavam a intimidade de seus senhores, contribuindo para a miscigenação da raça. Com os negros veio o *sabão da Costa*, desconhecido dos portugueses, que desdenhavam, pois, devido a motivos religiosos, eram inimigos irreconciliáveis das qualidades sedativas dos banhos.

Bem mais alegre que o índio, o negro lançou seu espírito rumo às festas profanas e religiosas, enchendo-as de cantos, danças, música e coloridos laçarotes. O nosso samba veio de *quizomba*, dança angolana que floresceu do batuque do lundum, e hoje já é uma expressão típica de nossa música. O amor pela música e pelo canto, que faz de cada brasileiro um cantador de modinhas (expressão genuinamente mestiça!) e de samba, é herança do negro escravo que nos deu gênios de grande talento artístico que espalharam e, até hoje, ainda espalham suas belas obras pelo País. A música deste País deve muito ao negro!

A revista Palavra nº 7, de outubro de 1999, traz importante referência, que nos faz lembrar que, além de introdutor do samba no País, o negro foi também depositário fiel deste ritmo: *No início era o verbo. Maltrapilho e maltratado, escorraçado das ruas, o samba precisou ser adotado pelos terreiros de umbanda para ter direito a voz. O século 20 mal*

engatinhava. Valendo-se da ignorância do poder público, incapaz de distinguir a batida da umbanda do batuque do samba amaxixado (...) conquistou espaço subterraneamente, de boca em boca, e se impôs devagar, miudinho, pela identificação que despertava no (pelo menos) um quarto dos negros que habitavam o Rio de Janeiro no início do século. E o que dizer das danças? Cito, para exemplificar, apenas uma das várias manifestações dançantes genuinamente negras: a Capoeira; sua origem oriunda da dança n'golo, ritual de disputa dos povos Bantu, etnias que ocupavam o centro-sul da África. Sobre isto também manifestou a revista Palavra nº 9, de dezembro de 1999.

Inspirada no movimento de animais (arraia, galo, macaco), recebeu este nome por ser praticada, na sua origem, em locais onde o mato era baixo. (...) "Berimbau bateu, angoleiro me chamou...". Forjada provavelmente ao longo do século 16, nas senzalas, terreiros e quilombos do Nordeste e do Rio de Janeiro, a Capoeira transcendeu as rodas tradicionais e o contexto social em que nasceu, ganhando novas modalidades e métodos de ensino, e se tornando, no decorrer deste século, referência para criadores e pesquisadores de diversas outras formas de arte. Nas últimas décadas, ao encontro de sua origem, a Capoeira tem sido usada amplamente em projetos de cunho social que promovem a autovalorização e a expressão de jovens carentes. Em Belo Horizonte (MG), a Constituinte Escolar discute sua integração ao currículo das escolas municipais.

Capistrano de Abreu conta que, em 1610, em Pernambuco, já havia uma banda de música formada só de pretos que tocavam e cantavam com ardor e força *uma nota alegre ao lado do português taciturno e do índio sorumbático*. Ao português, calado, e ao índio, tristonho, restava então apreciar a suprema arte musical exercitada pelos alegres homens de cor!

James Cooley Fletcher, missionário presbiteriano norte-americano que viajou pelo Brasil em meados do Século XIX, colhendo material ictiológico,

fala da emoção que sentiu na fazenda da Soledade, de propriedade do comendador Breves, na província do Rio de Janeiro. Diz ele:

“Durante a minha conversa o comendador contou-me que dispunha de banda de música própria. De tal falou modestamente. Mostrei o desejo de conhecer sua orquestra, certo de que ouviria uma rebeca mal afinada, algum pífano e rude tambor. Disse-me o comendador que à tarde eu seria satisfeito. Uma hora após a bênção ouvi o vibrar dos violinos, o som das netas, a vibração dos trombo-flautas, toque de diversas cornes e os sintomas de começo de alguma marcha, valsa ou polca. Dirigi-me ao quarto de onde vinham os sons; aí encontrei quinze escravos músicos. Um deles sentava-se a um harmonium e havia um coro de negros mais moços por traz de estantes onde se viam folhas de músicas manuscritas ou impressas. Vi respeitável senhor também de cor, dando diversas ordens. Era o regente. Três pancadas do arco de seu violino determinaram o silêncio e então surgiu uma onda sonora – ‘à la Julien’ e a orquestra começou a execução de uma protofonia de ópera com admirável perícia e precisão. (...) O coro, acompanhado pelos instrumentos, executou uma missa do rito latino. Mal eu podia acreditar no que via. Para experimentar a técnica da banda pedi ao maestro para tocar o ‘Stabat Mater’. Instantaneamente me respondeu ‘sim senhor’, mostrou a página aos músicos, maneou a batuta e logo a plangente e tocante melodia ressoou pelos corredores da Soledade”.

A citação me faz lembrar da antiga Vila de São Miguel do Cajuru (São João Del Rei/MG), distrito onde nasci e, atualmente, chamado (inevitavelmente) de Arcângelo: havia ali, antigamente, “uma banda **só de pretos**, de uniforme de gola alta, cujos integrantes tocavam trompas e oficleides (ou oficlides), além de outros instrumentos variados”. Observo que as trompas são instrumentos difíceis de tocar... as grandes orquestras

procuravam talentos trompistas “à luz de velas”; já o oficleide é um instrumento muito antigo (*serpente de chaves*, dado ao seu formato, retorcido e cheio de duras chaves que também era difícil de ser tocado). O instrumento é o antepassado do nosso atual saxofone. Havia, também, em São Miguel do Cajuru, importantes partituras... O que será feito daquele rico acervo? Goteiras, térmitas e ratos provavelmente o consumiram. Aquele sub-burgo era de uma riqueza cultural imensa! Já hoje... tudo vai se acabando...

Nas relações sociais, a brandura cordial do negro introduziu alguns hábitos de grande ternura, como ainda persistia, até bem pouco tempo, entre os matutos do interior de nosso País, principalmente do Rio de Janeiro – os *mocorongs* – que se cumprimentavam com um aperto de mão, seguindo-se de um toque mútuo no ombro direito, finalizando com novo aperto de mão.

E as *amas-de-leite* ou *mães-pretas* que, com seus seios fartos, faziam crescer sadios os filhos dos senhores, que por um motivo ou outro, estavam privados do leite materno da *Siá Dona*? Aqueles meninos deviam conhecer mais o cheiro e o calor dessas escravas que o da própria mãe... eram mulheres que fendiam a sua boa alma escrava e abriam espaço afetivo para os filhos dos senhores, contando-lhes estórias.

Vejo, assim que o elemento negro agiu e contribuiu eficazmente na estrutura social brasileira, agindo como se fosse uma viga na estabilidade de uma construção, dando linhas e homogeneidade à formação do povo brasileiro. Atualmente o negro ainda está aí, mas preso a um preconceito de cor, esperando por uma *segunda abolição*, procurando pelo eco dos gritos palmarinos de Zumbi, perdido por estes selvagens quilombos urbanos, procurando uma migração para o exercício da cidadania, muitos deles complexados, expostos a outras formas ainda mais perigosas – porque *sutis* – de escravidão, sem poder aproveitar as condições mínimas de ascensão social. Todos os quilombos deixaram inscritos pelos caminhos do Brasil as trilhas da liberdade que precisam ser perseguidas nestes nossos *quilombos* atuais.

Já é hora de parar de manter o negro à margem do desenvolvimento de nossa pretensa civilização brasileira, que ele mesmo ajudou a levantar. Quando o Brasil se ajeita para comemorar os seus 500 anos de seu *descobrimento*, numa história de avanços e retrocessos, e está, também, procurando uma presença que seja marcante no cenário internacional (na fila dos mais fortes culturalmente, retirando também o pé do atraso socioeconômico), é preciso fazer o reconhecimento identitário de nossa

cultura social e étnica, pela qual o negro, juntamente com as outras raças, contribuiu vultuosamente. O notável Francisco Iglésias, do alto de sua autoridade de historiador, certa vez observou: “*as grandes datas impõem balanços e projetos*”.

Não estaria, então, na hora de promovermos esta *segunda abolição*, descobrindo a nós mesmos como povo e nação? É preciso despertar uma consciência crítica no nosso povo, ampliando o nosso sonho de sermos todos cidadãos.

Roberto Melo escreveu em “*Do racismo cordial ao racismo amedrontado*”, in DIMENSTEIN, Gilberto. *Aprendiz do futuro – cidadania hoje e amanhã*. São Paulo, Ática, 1997. p.67:

Não se trata de comemorar o fim da desigualdade racial. A Democracia Racial brasileira é uma falácia: a desigualdade existe – só que não mais profunda quanto era vinte ou trinta anos atrás.

Neo-racistas do Brasil, relaxem! Os negros querem ser tratados como consumidores. Pedem produtos específicos para sua pele, seu cabelo, seu gosto e sua cultura. Querem ser bem sucedidos, viver com auto-estima. O racismo cordial, aqui se instituiu como uma maneira quase ‘preguiçosa’ de excluir, se converte em racismo amedrontado. Tomara que seja sua última face. (grifo do autor)

Passamos, então, do racismo **explícito** ao racismo **cordial** e preguiçoso e, daí, ao racismo **amedrontado**. Tomara que esta seja a sua **última face**, antes de passarmos ao **racismo zero**...

Assim seja!

Fontes:

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. Vol.II. Dominus: SP, 1965.

FILHO, João Dornas. **A Influência Social do Negro Brasileiro** (citado em fragmento de um antigo jornal desconhecido – sem nome e sem data – antigo e amarelecido) encontrado, por acaso, dentro das páginas de uma edição de 1952 do livro *Casa Grande & Senzala* (Gilberto Freyre) adquirido pelo autor num sebo da cidade de Tiradentes – MG, em janeiro de 2000.

Revista **Palavra**, Belo Horizonte. Edit. da Palavra e Edit. Gaia, nos 7 e 9, out. e dez./1999, p.30 e pp.67-68, respectivamente.

Nota do autor: artigo publicado originalmente no **Boletim Tradição** nº 005, editado pela **Subcomissão Vertentes de Folclore**, coordenada pelo folclorista Ulisses Passarelli – São João Del Rei/MG, fevereiro de 2000.

RECIFE - PE

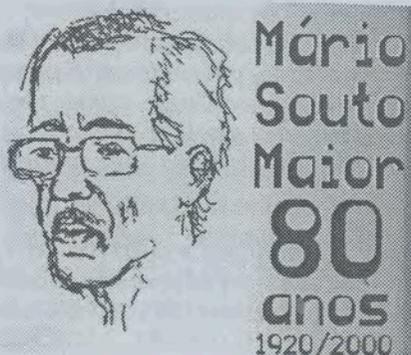
OS 80 ANOS DE MÁRIO SOUTO MAIOR

Fundação Joaquim Nabuco

A Fundação Joaquim Nabuco, na pessoa do seu presidente, Dr. Fernando de Mello Freyre, convida para a comemoração dos 80 anos de nascimento do etnólogo e folclorista Mário Souto Maior, chefe da Coordenadoria de Assuntos Folclóricos da FJN, a realizar-se no dia 14 de julho de 2000, a partir das 15 horas, no Museu do Homem do Nordeste.

Casa Forte

Recife - Pernambuco



Coleção

Aprender Brincando

A Coleção **Aprender Brincando** foi criada pelo escritor Mário Souto Maior com a finalidade de plantar na mente das crianças, com linguagem acessível à idade, informações sobre a vida de brasileiros ilustres que, nas artes e nas letras, elevaram o nome de nossa pátria. Aprendendo de uma forma divertida, brincando com as palavras e colorindo as ilustrações, quase 15.000 crianças receberam o primeiro número: **Um Menino Chamado Gilberto Freyre**, distribuído pela fundação que leva o nome do sociólogo pernambucano. O primeiro número da coleção foi patrocinado pelo Grupo

Elógica. Dando continuidade à coleção, Mário Souto Maior escreveu o segundo número: **Um Menino Chamado Hélder Câmara**. Sob o patrocínio da BCP Telecomunicações, foram impressas 15.000 unidades, que, através da Fundação Gilberto Freyre, serão distribuídas aos alunos da rede escolar do Recife. O terceiro número, **Um Menino Chamado Joaquim Nabuco**, e o quarto, **Um Menino Chamado Capiba**, também foram patrocinados pela BCP Telecomunicações. Mais de 30.000 crianças puderam conhecer alguns fatos da vida destes grandes brasileiros. Conhecer e aprender, brincando. Outros números virão. Assis Chateaubriand, Monteiro Lobato, Rui Barbosa e Magdalena Freyre já estão sendo produzidos. O autor espera que as empresas, sediadas ou não no Recife, dêem sua contribuição, através do patrocínio dessa coleção, que tem como principal objetivo, divulgar entre àqueles que serão amanhã, os responsáveis pelos destinos do nosso País, a vida e a obra de alguns brasileiros ilustres, despertando interesses, perpetuando conhecimentos. Entre em contato. Dê sua contribuição.



GOIÂNIA - GOIÁS

A Editora Kelps, Samedh Saúde e Fundação Joaquim Nabuco convidam para o lançamento do livro *Dicionário dos Folcloristas Brasileiros*, do folclorista Mário Souto Maior.

Local: Fundação Jaime Câmara

Av. T-2 nº 487 – Setor Bueno – Goiânia – Goiás

Dia: 06/12/2000

Apoio Cultural: Fundação Jaime Câmara

Fundação Joaquim Nabuco
 Instituto de Pesquisas Sociais
 COORDENADORIA DE ESTUDOS FOLCLÓRICOS
 Rua Dois Irmãos, 92 – Recife – Pernambuco – Brasil

ABROLHOS – a renda paranaense

Roselys Vellozo Roderjan – Curitiba – PR

Não obstante a existência de supermercados, inúmeras lojas, cooperativas e todo o moderno maquinário que produz as utilidades do lar ou da faina agrícola, muita coisa no Paraná é feita em casa. A mãe e as avós são as grandes artistas do lar, com seus *crochês*, *tricôs*, *bordados*, *panos de parede* e na confecção de peças de uso doméstico em geral, seja para adorno ou vestuário.

São numerosos os trabalhos de *crivo* e os *bordados* onde o *ponto de cruz*, de *marca* e o *ponto-atrás* são usados em todas as classes sociais. Os *abrolhos* são trabalhos de fios amarrados, terminados em franjas. Aparecem com grande freqüência no Paraná, feitos com o aproveitamento de sacos usados, de algodão com os quais fazem toalhas para o uso diário. Em peças de adorno eram apreciados o linho e outros tecidos, desde que pudessem ser desfiados.

Barras de tecidos trabalhados com *abrolhos* e *franjas* podem ser aplicadas em qualquer fazenda, assim como belos *entremeios de abrolhos*. Eram indispensáveis nos enxovais de antigamente, no vestuário feminino, xales, colchas, redes de dormir e nas cortinas em geral. Costumava-se bordar na barra das toalhas as iniciais do proprietário em *ponto de cruz* ou *ponto cheio*. Os imigrantes descendentes de poloneses acrescentam nas barras belos bordados coloridos, em *ponto de cruz*.

A designação *abrolhos* varia de uma localidade para outra no Paraná. O povo chama de *brólia*, *brólio*, *bronha*, *abrólio* ou *bróio*, corruptelas do *abrolhos*, que em Portugal significa *dificuldades*. Essa denominação ainda é usada em várias cidades paranaenses, como Curitiba, Lapa, Castro, Antonina, Palmas, Morretes e outras mais.

A confecção dos abrolhos exige muita atenção e perícia. Puxando horizontalmente os fios retirados das pontas de um tecido, os fios restantes são devidamente contados e amarrados entre si por pequenos nós, resultando numerosos desenhos, denominados de *pontos* da franja de abrolhos ou dos *nós amarrados*. Esses pontos, conforme a localidade de origem, são chamados de *ponto de arroz*, *bananinha*, *telha*, *tabuinha*, *bolachinha*, *abelha*, *aranha*, *camarão*, *estrela do mar*, *girassol*, *escama de peixe*, *coração de boi*, *estrada sem destino*, *chuva*, *borboleta*, *zigue-zague*, *zoinho de nenê*, *narizinho de nenê*, *tijolinho*, *teia*, *gravatinha*, *arroizinho*, *segredo*, etc.

Costumava-se *coxar* os fios torcendo-os, o que resulta num trabalho mais resistente. O termo *coxar* é usado porque a artesã trabalha geralmente sentada, com o tecido sobre as pernas (coxas), sendo conhecido, em Morretes, no litoral. Na Lapa, uma artesã informou que *o nó tem o corpo, asa e perninha*.

Comum nos países europeus, a técnica dos abrolhos chegou ao Paraná com os inúmeros traços culturais que herdamos de Portugal.

Curitiba, Paraná, 1997

Roselys Vellozo Roderjan

Esta pesquisa foi realizada entre os anos de 1978 e 1982, no Paraná Tradicional.

FLORIANÓPOLIS – SC

O ESTADO

16 de março de 1999 – terça-feira

Do Leitor

FOLCLORE

Recebi do meu amigo, escritor Doralécio Soares, dois boletins da Comissão Catarinense de Folclore, entidade da qual é presidente, tendo como secretário o professor Nereu do Vale Pereira.

Li-os atentamente, e através deles tomei conhecimento não só do nosso rico folclore, mas também do Brasil.

Doralécio Soares, que é natural de Recife (Pernambuco), adotou Santa Catarina, especialmente Florianópolis, como sua terra natal, pois ainda bem moço transferiu-se para a capital dos catarinenses. São boletins de agradável leitura, onde estão incluídas as danças indianas Tarantela, dança egípcia, dança cigana, o bumba-meu-boi e outras bem como grupos folclóricos ucranianos Vesná e Vîno, Amore e Tradizione, ambos de Urussanga, Santa Catarina, grupo folclórico Tiroleza Schumplatter de Treze Tílias, grupo folclórico Imigrantes de Itapiranga, Santa Catarina, além das bruxarias, lombrigueiros, doenças e remédios caseiros.

São boletins que ajudam a população carente a fazer seus próprios medicamentos, para a cura de diversos males, como para as doenças da boca (abscessos, acidez, rouquidão, aftas, catarro): alfavaca, limão; inflamação da laringe: sabugueiro, limão e alfavaca; ausência de menstruação: chá de algodoeiro, arruda, louro; alcoolismo: chá de folhas de maracujá com limoeiro; anemia: agrião do Pará. Enfim, dá uma relação enorme de ervas e plantas medicinais, ao alcance da população que não tem condições de adquirir seus medicamentos nas farmácias, por causa do preço elevado dos mesmos.

Finalmente quero parabenizar o amigo escritor Doralécio Soares e as seguintes pessoas: Myrian Conceição de Carvalho, Theobaldo Costa Jamundá, Walter Fernando Piazza, Osvaldo Ferreira de Melo, Carlos Alberto Angioletti Vieira, Nereu do Vale Pereira, Gelci José Coelho (Peninha), Lélia Pereira da Silva Nunes, Paschoal Apóstolo Pítsica, Sônia Maria Copp da Costa, Silvia Maria Gunther, membros da Comissão Catarinense de Folclore, e os colaboradores: Flávio José Cardozo, Laura Dela Minica, Saul Martins, Atico Vilas Boas, Maria da Graça Coelho, Mário Souto Maior, Aleixo Leite Filho, Ana Maria Amaro, Maria do Rosário Tavares de Lima, Maria Alieta das Dores Galhoz.

As pessoas interessadas nos referidos boletins poderão entrar em contato com Doralécio Soares, Rua Júlio Moura, 146, 1º andar – Florianópolis.

Maria da Graça Coelho
(Florianópolis)

GRUPO FOLCLÓRICO “ESTRELA GUIA” lança CD, em Imbituba

Com a presença do Presidente da Comissão Catarinense de Folclore, prof. Doralécio Soares, do antropólogo Dr. Gelci Coelho “Peninha”, e os integrantes do Grupo Folclórico Estrela Guia, foi lançado em Imbituba o CD do Grupo. Obra magnífica, que atesta bem o trabalho desenvolvido por uma família tradicional, que envolve todos os seus membros, pais, irmãos, primos, que enaltece a figura tradicional do *açoriano*, no seu linguajar característico, falando e cantando poeticamente a história que trouxeram para a Ilha de Santa Catarina, hoje Florianópolis, e zonas litorâneas, entre elas Imbituba.



É um CD que merece ser divulgado pela grandeza do seu conteúdo. Parabéns a todos os membros integrantes da família Martins, representada por esse brilhante advogado Dr. Almir Martins, figura de destaque nos meios culturais do Município de Imbituba e Sul do Estado catarinense. A

Comissão Catarinense de Folclore, registrando em seu Boletim o grande acontecimento, o faz, levando a todos os membros do Estrela Guia o abraço fervoroso aos seus integrantes.

FLORIANÓPOLIS – SC

NOTICIÁRIO CULTURAL

XII FÓRUM ESTADUAL DOS DIRIGENTES MUNICIPAIS DE CULTURA

APOIO: Fundação Catarinense de Cultura
Secretaria de Estado de Governo de Santa Catarina
Data: 28 e 29 de agosto de 2000
Local: Centro Integrado de Cultura
Endereço: Av. Gov. Irineu Bornhausen, 5.600 – Agrônômica – Florianópolis/
SC

BLUMENAU – SC

Que todas as cores se unam num caleidoscópio fraterno.
Onde houver incompreensão, que se desenhe o amor; que a paz seja o mote do século vindouro e que, acima de tudo, façamos deste grande espetáculo que é a vida, o palco maior de nossos anseios e realizações.

São os votos da Fundação Cultural de Blumenau
Blumenau, dezembro de 2000

RIO DE JANEIRO – RJ

PARA QUE - Para enriquecer as coleções da Library of Congress e de outras bibliotecas com a produção bibliográfica brasileira e uruguaia, beneficiando estudiosos e pesquisadores.

COMO - Comprando edições comerciais, mantendo intercâmbio com entidades governamentais e culturais e recebendo doações de instituições e de escritores.

ONDE - Library of Congress Office
Edifício do Consulado Geral Americano
Av. Presidente Wilson, 147 – 3º andar
Rio de Janeiro – RJ

JARAGUÁ DO SUL – SC

O Presidente do

**INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO
DE SANTA CATARINA**

tem a honra de convidá-lo e Exma. Família para a
Sessão Solene

reverenciando os 100 anos da morte de

EMILIO CARLOS JOURDAN

a realizar-se dia 14 de agosto de 2000, na Fundação Centro Cultural –
SCAR, à rua 14 “Georg Czerniewicz”, 160, Centro, Jaraguá do Sul.

Na ocasião falará, em nome do IHGSC, o associado **EUGÊNIO
VICTOR SCHMÖCKEL**.

BELÉM DO PARÁ – PA

A COMISSÃO PARAENSE DE FOLCLORE

*Tem o prazer de convidar para a sessão solene comemorativa aos 50
anos de sua existência e ao dia **INTERNACIONAL E NACIONAL
DO FOLCLORE**, 22 de agosto, que tem a colaboração do **GOVERNO
DO ESTADO DO PARÁ**, da **PREFEITURA MUNICIPAL DE
BELÉM** e do **GRUPO Y. YAMADA**.*

Local: Estação Gasômetro

No Parque da Residência Governamental

OLÍMPIA – SP

AO DESABAR A MONTANHA

Olímpia, a Capital do Folclore, ex-menina-moça de longínquas eras, esperava ansiosa a chegada do mês de agosto, o ponto máximo da vida cultural, social e educacional da cidade. Amigos vinham de todas as partes do Brasil para vê-la em festa, para, graças ao insano esforço do Prof. José Sant’anna,

brilhar em mais um Festival do Folclore. Porém, neste ano, 1999, as coisas correram contra as expectativas. O grande mestre, o criador e coordenador dos festivais foi convocado pelo Senhor para fazer parte das hostes celestes. Obediente partiu. Deixou-nos desamparados, estarecidos diante da súbita partida. Foi-se embora o folclorólogo, o amigo, o batalhador invicto, ficou o vazio da sua ausência. Seus sonhos ainda não realizados ruíram por terra. Olímpia sofre com sua partida. Mas não se entrega. Vai à luta, tenta, fragilmente, dar continuidade ao trabalho do saudoso professor. Esperamos que todos que admiravam a obra do Sant'anna aqui estejam no 35° FEFOL, saudosos sim, porém honrando a sua memória e continuando o que ele tão bem principiou. Venham todos, ele conosco estará, seu espírito imortal adejará sobre todos os companheiros, o Festival não há de fenecer. Ele espera a todos, com certeza. É do seu feitio. (Homenagem ao Prof. José Sant'anna)

Isch Bueno de Camargo
Comissão Olimpíense de Folclore

PUERTO IGUAZÚ – ARGENTINA

6º FESTIVAL DE DANZAS DEL MERCOSUR

Maestro (Ballet clasico Intermedio)

Hugo de La Valle

Director del Ballet de Camara de Passo Fundo (RS)

(argentino de nacionalidad) con varios trabajos premiados en diferentes países. Dará cursos para los primeros inscriptos GRATUITOS.

Marcelo Cirino

Director y coreografo del grupo nº 1 del Brasil, "Danzas de Rua do Brasil". Creador y pionero del estilo Street Dance dará cursos 3 días (clases de 80mts) cada una dará cursos gratuitos a los primeros inscriptos.

Misiones – ARGENTINA

POLIDEPORTIVO DE PUERTO IGUAZÚ

Del 10 al 13 de agosto del 2000 – 18:00h

INVITA

INTER-AMERICAN DANCE CONFEDERATION

CONFEDERATION INTER-AMERICAINE DE LA DANSE

CONFEDERAÇÃO INTERAMERICANA DE DANÇA

CONFEDERACIÓN INTERAMERICANA DE DANZA

Danzas folclóricas argentinas con

Nidia Viola, Vice-directora del Ballet Nacional Folclórico de Buenos Aires, prof. de clásico, jazz, contemporáneo y danzas folclóricas, profesora (en el Teatro Colón actualmente) dará clases.

Apoyo: Consejo Deliberante Puerto Iguazú

Apoyo: Dirección de Cultura de la *Municipalidad de Puerto Iguazú*

Av. Tres Fronteras, 122 – Tel./Fax (03757) 420147 – Cx. P. 3.370 – Puerto Iguazú – Misiones – Argentina

FLORIANÓPOLIS – SC



O Presidente da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, Deputado Gilmar Knaesel, e o Presidente da Fundação Cultural Senhor Jesus dos Passos, Aloísio Acácio Piazza, têm a satisfação de convidar para o lançamento do Compact Disc (CD)

Senhor dos Passos na Catedral

contemplando repertório da Semana Santa e das festividades do Senhor Jesus dos Passos, interpretado pelo Coral Santa Cecília da Catedral Metropolitana, sob a regência do Maestro Padre Ney Brasil Pereira, a realizar-se no dia 31 de maio de 2000, no hall da Assembléia Legislativa, às 19 horas. O evento contará com a exposição de alguns objetos sacros.

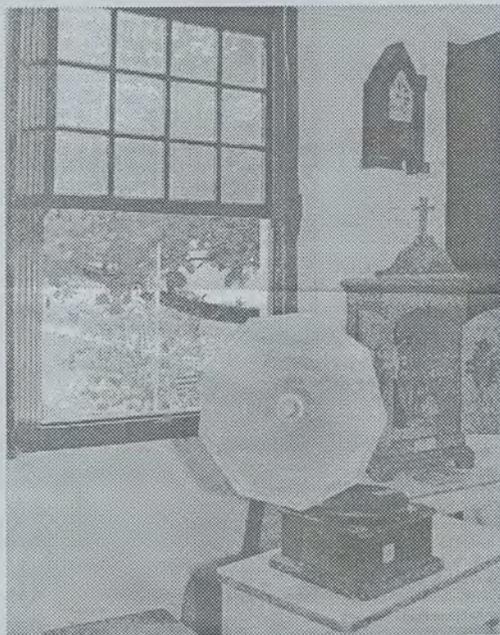
FLORIANÓPOLIS – SC

AÇORIANOS GRAÇAS A DEUS

Ecomuseu localizado no Ribeirão da Ilha conta história da colonização açoriana.

Norberto da Silva

O primeiro do Brasil a ser denominado de Ecomuseu tem em seu acervo de mais de 500 peças as testemunhas da história da colonização açoriana em Florianópolis, mais precisamente na localidade de Ribeirão da Ilha, onde está montado. São peças como mesas, b a ú s , e n g e n h o s , cerâmicas, gramofones, quadros, teares, artesanatos do Século XVIII, moedas do Brasil desde 1632 até os dias de hoje, que estão em uma propriedade rural que conta com a casa residencial, quintal, terreno com chácara e unidade de produção, o engenho de farinha de mandioca,



“conforme desenhou o colonizador açoriano chegado à ilha entre 1748 e 1756 – aproximadamente 6.000 pessoas – com o objetivo de tornar as terras produtivas e assegurar as posses portuguesas no Brasil Meridional”, conta o seu idealizador o professor Nereu do Vale Pereira. Até o neologismo “ecomuseu” ele trouxe de Portugal. Viu em Seixal, ao Sul de Lisboa um antigo engenho que funcionava com a força da maré e foi transformado em ecomuseu.

“Dessa forma une-se a parte cultural com a ecológica”, diz Pereira. E complementa: “Uma vez que a preservação do ambiente da chácara justifica a expressão”. A casa onde está o ecomuseu foi construída no início do Século XX, contudo, a arquitetura manteve-se igual as estruturas do Século XVIII. O Ecomuseu é resultado de um trabalho de pesquisa do professor Do Vale Pereira desde 1965. Ele mesmo, um descendente de açorianos que tem no museu um quarto mobiliado com todas as características dos utilizados pelas famílias dos Açores. A cama nupcial de seus pais – onde o professor nasceu – e a colcha de retalhos, os pinicos de barro e mosquiteiros, ou cada detalhe das 2.800 peças demonstram o cuidado do estudioso com a fidelidade para com o objetivo que se propôs.

Quarta-feira, 23/2/2000 – A NOTÍCIA – Santa Catarina

FLORIANÓPOLIS – SC

CARTAZES DO DESCOBRIMENTO DO BRASIL

A Associação Luso-brasileira promoveu a abertura no dia 1º de março, com encerramento a 22 de abril do ano 2000. A Exposição de Cartazes do Descobrimento do Brasil, com vista aos escolares de 1ª e 2ª séries de ensino. Isso aconteceu na sede do BADESC, sita à Avenida Mauro Ramos.



O valor cultural se depreende pelos cartazes, cujos aspectos representam o Descobrimento do Brasil, os quais foram grandemente apreciados pelos escolares catarinenses.

A Exposição foi itinerante, apresentada também na Assembléia Legislativa de 27 de abril a 12 de maio do ano 2000.

Na foto que ilustra o acontecimento, registramos a presença do Vice-presidente do BADESC, Dr. Paulo Duarte, o casal Mario e Teresinha, esse presidente da Comissão da Associação Luso-brasileira, e o prof. Doralécio Soares, presidente da Comissão Catarinense de Folclore.

TUBARÃO – SC

27 de maio/2000 – Folha da Semana



Com o prefeito Genésio Goulart, artista Willy Zumblick (à direita) é a maior expressão contemporânea da cidade

WILLY ZUMBLICK: A MAIOR EXPRESSÃO ARTÍSTICA CONTEMPORÂNEA DO MUNICÍPIO

O pintor Willy Zumblick é considerado a maior expressão artística tubaronense da atualidade, sendo inclusive denominado de “artista maior” da cidade. Nos 130 anos de Tubarão, poucos conseguiram alcançar os feitos do mestre Zumblick, reconhecido internacionalmente pelas suas telas retratando cenas da história e da cultura catarinense.

Não só por sua genialidade artística, mas por ser o mais perfeito emblema

das artes locais, merecerá o artista a mais imponente obra da atual gestão: o Centro Municipal de Cultura, que singelamente levará seu nome.

O arquiteto Rodrigo Althoff Medeiros, autor do bellissimo projeto arquitetônico, certamente inspirou-se nos quadros de Zumblick para conceber as formas de edificação. Mas também acrescentou ingredientes próprios de seu característico estilo, arrojado e modernista, para enfim estabelecer as linhas definitivas da grandiosa obra localizada na praça central da cidade.

É o justo e merecido reconhecimento da sociedade tubaronense ao artista dos pincéis, orgulho maior do Município de Tubarão.

BLUMENAU – SC

A Fundação Cultural de Blumenau/Galeria Municipal de Artes do Papel convidam para abertura das mostras individuais de pinturas de **Celso Luís Malizeski**, esculturas de **Hilário Fred Voigt** e “liverdade” fotografias de **Xady Schroeder**.

Simultaneamente serão lançadas em noite de autógrafos as antologias *Horizontes* (poemas) e *Conto e Poesia*, com a participação de Tchello d’Barros e o livro *Dois Mil a Caminho de um Novo Sol* de Sonia Santos, de conteúdo filosófico.

Neste evento será retomado o programa Frente & Verso, debate plástico com os artistas expositores e demais pessoas interessadas.

Os convidados serão recepcionados pelo “Quarteto de Trombone” da Banda Municipal de Blumenau.

Data: 4 de maio (quinta-feira) de 2000

Horário: 20h, com coquetel

Encerramento: 28 de maio

PERNAMBUCO NO BOLETIM DA COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE



Rainha do Carnaval é fã de Maria Bonita

Uma menina bonita, inteligente e que sabe se expressar. Assim é Suzanne Ivila, 10 anos, nova detentora do título de Rainha Infantil do Carnaval de Pernambuco, conquistado no concurso Rei e Rainha do Carnaval Infantil de Pernambuco, produzido por Flávio Passos, durante a semana pré-carnavalesca. Cada candidata representava um personagem, e Suzanne escolheu a cangaceira Maria Bonita como tema de sua performance. “Estudei a vida de Maria Bonita e escolhi para homenagear as mulheres pernambucanas”, conta Suzanne. “Uma coisa muito interessante que descobri foi que ela e Lampião morreram juntos, abraçados”, enfatiza.

Um menino do Recife, Suzane Ivila também pode ser vista nos telões nos momentos da tradicional Marujada, antes de entrar no desfile, e depois nos alocos durante o Carnaval. “Estou me preparando para o desfile da festa a convite do Casa de Cultura de Itajaí”, afirma.

O menino de Santa Terezinha de Itaipava é grande fanático e colecionador de cangaço acadêmico. “Adoro essa época do carnaval. Vou de fantasia com o pai e o irmão”, conta. “Mas gostaria de ser participante, que brinca no carnaval, que é muito bom”, garante. Suzanne, que mora a 41 quilômetros de Goiânia, chegou em Itajaí há pouco mais de um mês para trabalhar no curso de Engenharia de Alimentos da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Uma menina bonita, inteligente e que sabe se expressar. Assim é Suzanne Ivila, 10 anos, nova detentora do título de Rainha Infantil do Carnaval, conquistado no concurso Rei e Rainha do Carnaval Infantil de Pernambuco, produzido por Flávio Passos, durante a semana pré-carnavalesca. Cada candidata representava um personagem, e Suzanne escolheu a cangaceira Maria Bonita como tema de sua performance. “Estudei a vida de Maria Bonita e escolhi para homenagear as mulheres pernambucanas”, conta Suzanne. “Uma coisa muito interessante que descobri foi que ela e Lampião morreram juntos, abraçados”, enfatiza.

O resultado do concurso foi tão promissor que Suzanne Ivila foi convidada a se apresentar em vários eventos. A música *Frevo Mulher*, de Amelinha, ganhou um poema escrito pela própria menina e lhe rendeu um convite para o primeiro CD.

“Estou com as músicas quase prontas. Quero gravar um disco de ritmos pernambucanos, como *Gira Roda*, *Vem Cá Frevar* e *Borboletinha*, que tem participação da minha irmã Luize”, empolga-se. Aluna da Escola de Frevo de Nascimento do Passo, Suzanne Ivila também pode ser vista nas telinhas no comercial da Individual Model. Antes de cantar sozinha, ela era *cover* de Ivete Sangalo, e conheceu a baiana durante o Recifolia. “Fui até Salvador conhecer a família da Ivete a convite da Caco Telha, produção dela”, adianta.

O sonho da Rainha Infantil do Carnaval é gravar um disco e continuar a carreira artística. “Acho essa experiência maravilhosa. Ver do palco as pessoas me aplaudindo...”, conta. “Mas preciso de um patrocinador que invista no meu trabalho, que é muito bom”, garante Suzanne, que cursa a 4ª série primária do Colégio Anchieta, em Boa Viagem. “Também faço um curso com matérias da 5ª série para passar no teste dos colégios de Aplicação (UFPE), Recife (UPE) e Militar”, detalha. Quem quiser entrar em contato com a garota, pode ligar para os números 467.0007 ou 9957.1216.

Folha de Pernambuco

OS CONTRAVÉRBIOS CORREM DAS BOCAS PARA OS OUVIDOS DO POVO

José Carlos Rossato
Olímpia, SP

O ditado, também conhecido por adágio, anexim, axioma, brocardo, dito, parêmia (sobretudo no Distrito de Simonsen, Município de Votuporanga, no Noroeste paulista), prolóquio, rifão, provérbio e outros nomes menos comuns, são facilmente encontrados em todos os quadrantes do espaço brasileiro.

Ilustramos: “Quem tem boca vai a Roma. O saber não ocupa lugar. A galinha que cantou, botou. Quem tem dois, tem um e quem tem um, não tem nenhum”.

Estes ditos são frases simples, carregadas de sabedoria embutida, conhecimento secular e lição de vida. Muitos aparecem com ritmo cadenciado. Este assunto é sobejamente conhecido. Entretanto, os contravérbios ou antiprovérbios são menos divulgados, porém bem espalhados no seio do povo.

O notável poeta alemão Johann Wolfgang Goethe (1749-1832) afirmou: “Nem todos os caminhos são para todos os caminhantes”. Nada mais lógico. Enquanto uns aceitam os ditados, outros preferem os contravérbios. Daí, surge a necessidade de lembrar que a preposição contra tem o sentido de versão contrária, inverso, em oposição a, em contradição com, sem mencionar outras análogas. Assim, contravérbio ou antiprovérbio tem o sentido contrário; é a oposição ao ditado. Por vezes, transforma-se em tom satírico.

O contravérbio é uma modalidade de lazer, de contestação e até de ironia, por vezes. Ele desfigura a linguagem tradicional do anexam. O antiprovérbio existente na boca do povo desmistifica, em parte, o conformismo dos ditados. Os adolescentes, como gostam de contrapor as idéias enraizadas, utilizam esta modalidade oral de entretenimento para expor o momento de afirmação que estão vivendo, com quase réplica, para demonstrar presença. É uma forma de dizer, de outra forma, estamos aqui, somos gente, olhem-nos.

Os que seguem foram, por nós, coletados no Município de Votuporanga, no decorrer dos anos 80 e 90 do século XX. Sem delongar, esta mostra (parte dos nossos levantamentos de campo) é suficiente para comprovar a presença dos contravérbios ou antiprovérbios. Os demais, que não serão divulgados nesta edição, permanecerão nos nossos arquivos, aguardando outras oportunidades.

Atendendo à didática, apresentamos o rifão, e, em seguida, o contravérbio ou antiprovérbio para facilitar a compreensão do leitor na eventualidade de desconhecer a comparação.

1 – A pressa é inimiga da perfeição.

A pressa é inimiga da preguiça.

Variante: A pressa é inimiga do vagabundo.

- 2 – Ao bom entendedor meia palavra basta.
Ao bom entendedor na precisa meia palavra, nem os pingos nos *is* e nem vírgulas.
- 3 – Boi sonso é que pula o mangueiro.
Boi sonso não vai pra rodeio.
- 4 – Cachorro que late não morde.
Cachorro que late não morde, enquanto está latindo.
- 5 – Cautela e caldo de galinha não fazem mal a ninguém.
Cautela e caldo de galinha não fazem bem pra coitada que morreu.
- 6 – De grão em grão a galinha enche o papo.
De grão em grão o pobre não trabalha.
- 7 – Gosto não se discute.
Gosto não se discute, mas existem diferentes opiniões.
- 8 – Homem prevenido vale por dois.
Homem prevenido é perigoso porque vale em dobro.
- 9 – Não cobice a mulher do próximo.
Não cobice a mulher do próximo, se o marido estiver perto.
- 10 – O bom cabrito não berra.
O bom cabrito baba, mas não chora.
- 11 – Pau que nasce torto, morre torto.
Pau que nasce torto, com jeito endireita.
- 12 – Quando a esmola é demais, o santo desconfia.
Quando a esmola é grande, o padre gosta.
- 13 – Roupas sujas se lava em casa.
Roupa suja é pra sabão bom e lavadeira prática.
- 14 – Santo de casa não faz milagre.
Santo de casa faz milagre, se tiver coragem para agir esquecer os invejosos.
- 15 – Tamanho não é documento.
O documento depende do seu tamanho.
- 16 – Uma mão lava a outra. Uma mão suja não serve para lavar a outra limpa
- 17 – Amarra-se o burro como o dono quer.
Amarra o burro é difícil, quando ele é o próprio dono.
- 18 – A mulher do meu vizinho pra mim é homem.

- 19 – A união faz a força.
A união faz o açúcar
- 20 – Antes só que mal acompanhado.
Antes mal acompanhado do que sozinho.
- 21 – As paredes têm ouvidos.
As paredes são de tijolos.
- 22 – Beleza não se leva à mesa.
Beleza se leva pra cama, não pra mesa.
- 23 – Cada macaco no seu galho.
Cada macaco no seu galho e cada macaca no meu.
- 24 – Cada burro com sua cangalha.
Cada burro com sua burrice.
- 25 – Cobra que não anda não engole sapo.
Cobra que não anda fica parada.
- 26 – Cesteiro que faz um cesto, faz um cento.
Cesteiro que faz um cesto é preguiçoso.
- 27 – Desgraça pouca é bobagem.
Desgraça pouca é bobagem pra quem está desempregado.
- 28 – Devagar se vai ao longe.
Devagar se vai ao longe, se não se cansa.
- 29 – De médico e louco todos têm um pouco.
De médico e louco todo mundo está de saco cheio.
- 30 – Dar aos pobres é emprestar a Deus.
Se dar aos pobres é emprestar a Deus, não seja agiota, nem idiota.
- 31 – De moeda em moeda, chega a um milhão.
De moeda em moeda, o caixa do banco vai xingar.
- 32 – Depois da tempestade, vem a bonança.
Depois da tempestade, vem os estragos.
- 33 – Deus ajuda quem cedo madruga.
Quem madruga fica com sono o dia inteiro.
- 34 – Devagar com o andor que o santo é de barro.
Devagar com o andor, que o povo está cansado.
- 35 – Devagar se vai ai longe.
Devagar demora pra chegar.
- 36 – Em boca fechada não entra mosca.
Em boca fechada não entra comida

- 37 – Em briga de marido e mulher, não meta a colher.
Em briga de marido e mulher, que é parte interessada, usa até faca.
- 38 – É melhor prevenir que remediar.
Prevenir é melhor que tomar remédio.
- 39 – É menos perigoso o cachorro de amigo que o amigo cachorro.
Cachorro amigo sim, amigo cachorro, não.
- 40 – Em terra de cego, quem tem um olho é rei.
Em terra de cego, quem tem um olho é caolho.
- 41 – Escreve-se certo por linhas tortas.
Escreve-se certo por linhas tortas, mas só com letras ilegíveis.
- 42 – Fazer o bem sem olhar a quem.
Fazer o bem pra ninguém.
- 43 – Filho de peixe, peixinho é.
Filho de peixe faz bolhas na água.
- 44 – Gosto não se discute.
Gosto não se discute, mas existem opiniões diferentes.
- 45 – Há males que vêm para o bem.
Há males que vêm piorar.
- 46 – Homem prevenido vale por dois.
Homem prevenido é perigoso porque pesa dobrado.
- 47 – Ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão.
Ladrão que rouba ladrão, se for visto, paga dobrado.
- 48 – Muito riso, muito sisó.
Muito riso, muita alegria.
- 49 – Macaco velho não mete a mão em cumbuca.
Macaco velho não mete a mão em cumbuca, nem lugar nenhum.
- 50 – Macaco que muito pula, cai do galho.
Macaco que muito pula fica cansado.
- 51 – Mais vale dinheiro na mão que amigo praça. Mais vale dinheiro na mão que ter muito que receber.
- 52 – Mais vale um cachorro amigo que um amigo cachorro.
Mais vale um cachorro amigo que um amigo cachorro.
- 53 – Mais vale um pássaro na mão do que dois voando.
Mais vale um pássaro na panela do que alguns na mão.

- 54 – Mato tem olhos e paredes têm ouvidos.
Mato tem olhos e paredes têm tijolos.
- 55 – Nos pequenos vidros estão as melhores essências.
Nos pequenos vidros cabe menos perfume.
- 57 – O bom cabrito não berra.
O bom cabrito baba.
- 58 – O bom filho a casa torna.
O bom filho a casa não deixa.
- 59 – Os cães ladram e a caravana passa. Os cães ladram, a caravana
passa porque eles não mordem.
- 60 – O sol nasceu pra todos.
O sol nasceu pra todos e a sombra pra quem merece.
- 61 – O que não mata, engorda.
O que não mata, engorda os médicos, os hospitais, as clínicas, as
farmácias e a indústria de remédios.
- 62 – Onde há fumaça, há fogo.
Onde há fumaça existe cigarro e fósforo.
- 63 – O amor é cego, mas enxerga.
O amor é cego, mas o vizinho tem olhos.
- 64 – O que puder fazer hoje, não deixe pra amanhã. O que puder fazer
amanhã, não faça hoje.
- 65 – O seguro morreu de velho.
O seguro morreu de velho porque pobre não tem seguro de vida.
- 66 – Os últimos serão os primeiros.
Os últimos ficam sem comer.
- 67 – O que não tem remédio, remediado está.
O que não tem remédio, não tem cura.
- 68 – O uso do cachimbo faz a boca torta.
O uso do cachimbo faz mal pra saúde.
- 69 – O que os olhos não vêem, o coração não sente.
O que os olhos não vêem, o coração não mente.
- 70 – O mundo é dos ricos.
O mundo é dos ladrões e dos espertalhões.
- 71 – Panela velha é que faz comida boa.
Panela velha, leva pro sítio.

- 72 – Papagaio come milho, periquito leva a fama.
Papagaio come milho, periquito fica com a periquita.
- 73 – Prevenir acidentes é dever de todos.
Prevenir é dever de todos, mas poucos faturem com eles.
- 74 – Quando a esmola é muito, o santo desconfia.
Quando a esmola é muito, o padre e o santo gostam.
- 75 – Quanto mais se vive, mais se aprende.
Quanto mais se vive, se fica mais velho.
- 77 – Quem entra na chuva vai se molhar.
Quem entra na chuva, cuidado com a gripe.
- 78 – Quem espera, alcança.
Quem espera, cansa e desiste.
- 79 – Quem usa, cuida.
Quem usa, abusa.
- 80 – Quem tudo quer, tudo perde.
Quem tudo quer, tudo pede e não fica contente.
- 81 – Quem é bom, nasce feito.
Quem é ótimo não precisa ter nascido feito.
- 82 – Quem corre, chega primeiro.
Quem corre não vê o caminho.
- 83 – Quem nunca comeu melado, quando bebe se lambuza.
Quem nunca bebeu melado, não sabe se é doce, salgado ou azedo.
- 84 – Quem nunca bebeu melado, não sabe que tem gosto.
Quem nunca bebeu melado, não sabe se é bom.
- 85 – Quem tem porta de vidro não atira pedra na casa do vizinho.
Quem tem porta de vidro enxerga pra fora de casa.
- 86 – Quem diz a verdade não conta mentiras.
- 87 – Quem ri por último, ri melhor.
Quem ri por último é retardado.
- 88 – Quem espera, alcança.
Quem espera de pé, fica cansado e nada consegue.
- 89 – Quem tem fama, deita na cama.
Quem tem fama não precisa de cama.
- 90 – Quem é vivo aparece.
Vivo é que desaparece, quando é necessário.

- 91 – Quem tem boca vai a Roma.
Quem tem boca vai ao dentista.
- 92 – Quem vê cara não vê coração.
Quem vê cara não sente o coração.
- 93 – Quem procura encontra chifre em cabeça de cavalo.
Quem vê chifre em cabeça de cavalo não enxerga bem.
- 94 – Quem vê só pão-pão, queijo-queijo, não sabe o gosto do sanduíche.
Quem vê só pão-pão, queijo-queijo, não conhece a pobreza brasileira.
- 95 – Quem tudo quer, tudo perde.
Quem tudo quer tudo pede.
- 96 – Quem não deve não teme.
Quem não deve não paga.
- 97 – Quem pariu Mateus que o embale.
Quem pariu Mateus foi a mãe dele.
- 98 – Quem dá aos pobres, empresta a Deus.
- 99 – Quem casa, quer casa.
Quem casa se estrepa.
- 100 – Quem semeia vento, colhe tempestade.
Quem semeia vento não colhe nada.
- 101 – Quem cala, consente.
Quem cala, nada fala.
- 102 – Quem corre, chega primeiro.
Quem corre não enxerga o caminho.
- 103 – Quem tem padrinho não morre pagão.
Quem tem padrinho passa em qualquer concurso.
- 104 – Quem muito quer, nada tem.
Quem muito quer, muito sabido quer ser.
- 105 – Quem não tem cão, c aça com gato.
Quem não tem cão, fica sem caça.
- 106 – Quem caça com gato, só encontra rato.
Quem caça com gato não tem o que fazer.
- 107 – Quem muito quer saber, muito sabido quer ser.
Quem muito quer saber, mexerico quer fazer.
- 108 – Roupa suja se lava em casa.
Roupa suja é pra sabão bom e lavadeira que tem prática.
- 109 – Santo de casa não faz milagre.
Santo de casa faz milagre, se esquecer os invejosos e tiver coragem.

- 110 – Se burro pensasse não existia pobreza.
Se burro pensasse não iria puxar carroça.
- 111 – Somente o pobre é bobo.
Só pobre é bobo e somente o rico é folgado.
- 112 – Só recebe ajuda que cedo madrugá.
Só é ajudado quem levanta tarde.
- 113 – Tamanho não é documento.
Documento não depende de tamanho.
- 114 – Todo homem tem seu preço.
Todo homem tem o seu preço, se for pobre.
- 115 – Todo louco tem mania de outro louco.
Todo louco não aceita a mania do outro.
- 116 – Tudo na vida é passageiro.
Tudo na vida é passageiro, menos o cobrador e o motorista.
- 117 – Vão-se os anéis, ficam os dedos.
Vão-se os anéis, fica a mão.
- 118 – Uma mão lava a outra.
Uma mão suja não lava a outra.
- 119 – Um é pouco, dois está bom, três é demais.
Três é demais, dois é bom e um é pouco pra pagar a conta.
- 120 – Um é pouco, dois é bom, tre é demais.
Um é ímpar, dois é par, três melhor ainda.

EPÍLOGO

De um universo constituído ao redor de seis centenas de exemplares, aleatoriamente, retiramos doze dezenas para este trabalho. Aliás, tínhamos planejado, a priori, treze dúzias. No entanto, extrapolaria o espaço.

Ordenamos, alfabeticamente, por óbvios motivos que dispensam explicações.

A satirização marca presença como elemento preponderante, não obstante em diferentes graus.

Constatamos que muitos contravérbios nada mais são que uma continuidade do ditado, proporcionando novo entendimento através do

acréscimo. Via de regra, isto ocorre após a vírgula. Exemplo: Todo homem tem o seu preço – Todo homem tem o seu preço, se for pobre.

Outros substituindo a último termo e a presença do acréscimo após. Exemplo: Quem tudo quer, tudo perde / Quem tudo quer, tudo pede e não fica contente.

A tipologia mais simples de antiprovérbios é a que se enquadra na troca simples da derradeira palavra por outra semelhante, contudo de sentido diferenciado.

Exemplo: Quem tudo quer, tudo perde / Quem tudo quer, tudo pede.

Em situação similar, houve a substituição de apenas uma palavra que proporcionou sentido diverso do existente no dito.

Exemplo: Quem não deve, não teme / Quem não deve não paga.

Há situações mais complexas em que a troca de termos da frase é substancial, chegando, em várias situações, ser quase total.

Exemplo: Quem é ótimo não precisa ter nascido feito.

Somente com o propósito de demonstrar a existência, exemplificamos apenas uma variante no início. Entretanto, há contravérbios com diversas formas alternativas.

Este filão da cultura verbal do povo voltará a ser abordado oportunamente. Lá mostraremos que as pessoas, assim como alguns pesquisadores, não estabelecem diferenças entre ditados e frases feitas, por falta de conhecimento da ciência folclórica. E, nesse caso, estas últimas passam a conviver (harmoniosamente, em tese para quem ignora) com aqueles. E daí encontrarmos antifrases feitas com a denominação de contravérbios.

Convém observar, finalmente, que os informantes estão registrados em nossos arquivos, não só para não delongar o texto, mas especialmente para não deixá-lo enfadonho, enfastiante, cansativo, entediante, exaustivo e fatigante para os olhos e o raciocínio do leitor.

LAGUNA – SC

DENTRE AS ATIVIDADES CULTURAIS DESTACAM-SE: FESTA DE SANTO ANTÔNIO – PADROEIRO DA CIDADE



A imagem de Santo Antônio, padroeiro da cidade, foi esculpida na Bahia, em tronco de madeira de cedro, enviado da Laguna no século XVIII.

A 15 de agosto de 1195 nasceu em Lisboa Fernando de Bulhões, descendente de família rica e aristocrata.

Ordenado sacerdote, em 1220 entrou para a Ordem de São Francisco, tomando o nome de Antônio. Contemplando os restos mortais do cura franciscano martirizado Marrocos, encheu-se de desejo de também derramar o seu sangue por Cristo e assim pediu licença para ser enviado para a África. Entretanto o navio em que viajava foi assolado por forte temporal que o arremessou às costas da Sicília.

Reconhecendo a vontade de Deus, começou a exercer oratória, dedicando-se à pregação e à penitência..

Seus sermões tornaram-se tão apreciados e tão convincentes que pregava em praças públicas para poder ser ouvido pelo grande auditório que as igrejas não comportavam. Os milagres que Deus fez por seu intermédio foram tão numerosos e tantas as conversões pela sua pregação, que foi denominado pelo povo de “Martelo dos Hereges”.

Ao terminar a quaresma em 1281, muito doente, foi recolhido ao retiro do campo de São Pedro, em Pádua. Em 13 de julho de 1221, com 36 anos, recebeu os sacramentos, entoou um hino à Nossa Senhora e fitando um

ponto distante, disse sorrindo: “Vejo meu Senhor”, e morreu placidamente. Exumado o seu corpo a 8 de abril de 1263, 32 anos após, encontraram-no desfeito, mas a língua que tanto louvava a Deus e fez com que outros o louvassem também, estava intacta.

Domingos de Brito Peixoto, em 1676, dedicou ao santo a cidade de Laguna, quando veio fundá-la, dando à povoação a lagoa fronteira a denominação de “Santo Antônio dos Anjos da Laguna”, sendo hoje Santo Antônio o padroeiro da cidade.



Procissão de Nossa Senhora dos Navegantes

Festa de Nossa Senhora dos Navegantes

Contam os mais antigos que a 1ª grande festa de Navegantes aconteceu no dia 02 de fevereiro de 1912, com a inauguração da antiga capelinha do Magalhães, construída sob o patrocínio do Dr. Polidoro Santiago, então Superintendente do Porto de Laguna.

A característica da festa era a presença marcante de navios embandeirados e os fogos de artifício em grande quantidade. Com o passar dos anos, os párcos de Laguna foram distanciando a realização da festa, e a mesma passou a ter distanciada a realização de 7 em 7 anos.

A transferência do Porto para Imbituba abalou muito a beleza da festa pela ausência dos navios.

Em 1967, a então capelinha do Magalhães foi transformada em Matriz, com a criação da Paróquia de Nossa Senhora dos Navegantes.

Em 1968 realizou-se a primeira festa promovida pela nova Paróquia, sob o comando do vigário Vendolin Schilickmann, e quatro anos após, o padre Silvestre Koep fazia a segunda festa. Com a posse do atual vigário, a festa começou a ser celebrada anualmente e está evoluindo para alegria dos lagunenses.

Durante o mês de janeiro de cada ano celebra-se nos finais de semana, novenas, na nova e moderna matriz, culminando com o dia 2 de fevereiro, quando acontece a procissão pelas lagoas, agora acompanhada de dezenas de barcos, canoas, iates e todo tipo de embarcação.

Os fogos continuam sendo uma atração à parte.

colaboração do foto bacha/jornal de laguna

ARTIGO

UMA LEI PARA A CULTURA

Em boa hora Santa Catarina insere-se no rol dos estados que dispõem de um instrumento capaz de incentivar sua produção e valorizar seu patrimônio cultural. Habitado a ser modelo em tantas áreas, neste caso o Estado debruçou-se sobre outras experiências, colheu subsídios, analisou erros e acertos alheios e acabou elaborando um texto diferenciado, que respeita as características de sua gente e as peculiaridades artísticas.

Esta semana marca o início da aplicação efetiva de uma lei que passou pelo crivo de artistas e produtores, foi amplamente debatida por nossos representantes na Assembléia Legislativa e está saindo do papel porque o governador Amin, mesmo diante das enormes dificuldades de caixa, não aceita relegar a cultura à condição de apenas mais uma área a ser atendida em seus anseios e reivindicações. Temos certeza de que



em Santa Catarina a lei incentivo à cultura terá papel fundamental no sentido de estimular a produção de artistas nas mais distintas áreas e modalidades de criação. Afinal, vivemos num Estado culturalmente multifacetado, conformado a partir de matrizes étnicas diversas e com particularidades regionais que o distinguem das demais unidades da Federação. Esse caldeirão de influências produziu mais do que empresários, esportistas e homens públicos de sucesso – gerou uma profusão de talentos na

música, na literatura, no cinema, nas artes plásticas, no teatro e na dança.

É esse universo de seres criadores, que trabalham o belo mas também desafiam o estabelecido, que o Sistema Estadual de Incentivo à Cultura vai atender, já a partir deste mês, quando chegarem os primeiros projetos à sala da Fundação Catarinense de Cultura onde funciona a Comissão Gestora da Executiva de Apoio à Cultura (Exac).

O interesse despertado pela Lei (de nº 10.929) e pelo Decreto (nº 3.604) que a regulamentou nos dão a certeza de que não serão poucas as empresas dispostas a investir parte do ICMS devido no apoio a projetos culturais de qualidade, em todas as regiões de Santa Catarina. Este fato, a propósito, é relevante na medida em que democratiza e desconcentra a aplicação dos recursos.

APONAN SOARES, diretor geral da Fundação Catarinense de Cultura

RIO DE JANEIRO – RJ

FUNARTE

Fundação Nacional de Arte
Casa do Artesão de Irará



Fotos:
Adriana Zarvos (potes)
Francisco da Costa (fogareiro e caboré)
Ricardo Gomes Lima (cestaria)

O Ministério da Cultura, a Funarte, o Centro Nacional de Folclore e Cultura

Popular, o Conselho da Comunidade Solidária, a Sudene, o Sebrae, de Irará convidam para a inauguração da casa do Artesanato de Irará

Rua Coronel Elpídio Nogueira, 102
Centro, Irará - Bahia

RIO DE JANEIRO



O Ministério da Cultura, a Secretaria do Livro e Leitura e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional convidam para o lançamento da Revista do Patrimônio n° 28 Arte e Cultura Popular organizada por Elizabeth Travassos e editada pelo Iphan.

Brasília
11 de julho de 2000,
La Vecchia Bar
SCN Edifício Corporate
Center – térreo
Rio de Janeiro
Museu do Folclore Edson
Carneiro
Rua do Catete, 179.

Durante evento de abertura da Exposição Brinquedos do Agreste Paraibano, promovida pelo Conselho da Comunidade Solidária e pelo Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular – Funarte.

BELORIZONTE – MG

A CARRANCA – março de 2000

**GRUPOS DE CONGOS E MOÇAMBIQUE
MISSA CONGA**

*Doralécio Soares

Um dos destaques da Cultura Popular de Minas Gerais repousa na existência de inúmeros grupos de CONGOS da Cultura Afro-brasileira, destacando-se a entidade maior o Grupo “Moçambique” com um cortejo representativo de todos os membros de uma “Nação” africana: rei, rainha,

príncipes, princesas, pajens, cavalheiros, e dignatários da Corte. Conservando suas tradições, os Grupos de Congos participam de uma Missa Conga, com a presença do Grupo de Moçambique, rezada, simbolicamente, juntamente com o padre capelão de Belo Horizonte.

A missa católica Conga, de caráter popular, é um dos eventos mais belos que se realiza na Capital Mineira. A cerimônia a que assisti teve início com o “rufar” dos



Guarda de Congo em S. J. Del Rei

tambores dos Grupos Congos presentes à solenidade. O padre e o Rei do Moçambique que foram se despindo de seus paramentos perante “Cristo”, o Rei de maior dignidade.



Moçambique dos Arturos

E, à proporção que se descobriam, simbolicamente beijavam seus paramentos e os depunham sobre o altar, para dar início à missa anunciada pelo “rufar” dos tambores dos Congos.

A solenidade de caráter popular foi grandemente embelezada com o “rufar” dos tambores que crescia pela atenção do povo que lotava a praça. E a Missa Conga tem início. Conga é “nativa”, porque representa nossas raízes culturais. O Folclore na expressão máxima do sentir da

povo, dentro das tradições afro-brasileiras.

Foi uma missa inesquecível, pela pureza do ritual de um “culto” amado e respeitado pela grandeza da solenidade, jamais será esquecida. Ali os turistas brasileiros e estrangeiros pararam diante da solenidade cultural que se realizou, quedados perante a expressividade cultural transmitida.

*Presidente da Comissão Catarinense de Folclore

FLORIANÓPOLIS – SC



O Governo do Estado de Santa Catarina, através da Comissão Estadual para as Comemorações do V Centenário do Descobrimento do Brasil, tem a honra de convidar para o lançamento da programação oficial do Estado de Santa Catarina em comemoração aos 500 anos de Descobrimento do Brasil

TREZE TÍLIAS – SC

A NOTÍCIA

Santa Catarina – maio de 2000

TREZE TÍLIAS FAZ A FESTA DAS ETNIAS NO INTERIOR



Imigrantes austríacos apresentam dança durante desfile

Treze Tílias – A maior colônia da austríacos do Brasil, localizada em Treze Tílias, no Meio-oeste do Estado, se fez anfitriã para receber, no sábado, a primeira edição da Festa das Etnias no interior do Estado, um projeto que pretende marcar em Santa Catarina os 500 anos do Brasil, com uma programação festiva para valorizar a riqueza da composição étnica e a diversidade cultural.

O vice-governador do Estado e presidente da Comissão Estadual das Comemorações da Festa das Etnias, Paulo Bauer, foi recebido pelo prefeito Afonso Dresch e animados moradores, já a caráter, com roupas típicas. A festa começou pela manhã com um desfile que reuniu grupos folclóricos locais e convidados. O Grupo Arcos Pró-Resgate da Memória Histórica, Artística e Cultural de Biguaçu, coordenado pela pesquisadora Ana Lúcia Coutinho, representou a cultura açoriana, e o Grupo Folclórico Alemão Gustav Bach, de Massaranduba situou a contribuição dos alemães no Estado.

A festa estendeu-se durante todo o dia na Sociedade Cultural e Artística Pauan (Socap). Através da dança e música, a constatação de que as tradições são mantidas no município. Subiram ao palco, entre outros, o Grupo Folclórico Alpino Germânico; o Grupo de Canto Edelweiss; o Grupo de Danças Tirolesas Schupplattler; a Família Moser, que já tem três CDs gravados; Maria Eberl que apresentou cítara com os netos Sabrina e Alexandre Ungericht.

O prefeito Afonso Dresch falou do orgulho que a comunidade tem com relação ao seu passado, do sacrifício dos colonizadores, da esperança que sustentou a construção de Treze Tílias e destacou a importância da celebração dos 500 anos do Brasil. Paulo Bauer sintetizou o espírito da Festa das Etnias, expondo a intenção de promover intercâmbio cultural no Estado. O projeto estará em Joinville na próxima semana e passa por outros municípios até abril do próximo ano.

MINAS GERAIS – SÃO JOÃO DEL REI

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SÃO JOÃO DEL REI



Fundado a 1º de março de 1970
Com personalidade Jurídica
Considerado de Utilidade Pública
Reconhecido como Órgão Consultivo
Oficial da Prefeitura

AGRACIADO COM A MEDALHA D. PEDRO II

Imagem do Divino Espírito Santo
Igreja do Sr. Bom Jesus de Matosinhos, São João Del Rei/MG
(trabalho datado de 1868)

CONVITE



I.H.G. - Ano 30
BRASIL - 500 anos

A Direção do Instituto Histórico e Geográfico, os membros da Comissão Organizadora da Festa do Divino, o pároco da Paróquia do Sr. Bom Jesus de Matosinhos e o coordenador da Subcomissão Vertentes de Folclore convidam V. S^a. e Ilma Família para a Exposição “Jubileu do Divino Espírito Santo”, do dia 16 a 23 de abril de 2000, na sede do Instituto, Rua Santa Tereza, 127, centro.

SÃO FRANCISCO DO SUL – SC

A NOTÍCIA – abril 2000

PASSEIO PELOS 496 ANOS DA ENCANTADA SÃO FRANCISCO DO SUL

O mais antigo município de Santa Catarina teve participação importante no que se pode chamar de cinco séculos de um Brasil lindo e trigueiro, esse Brasil brasileiro. São Francisco do Sul ficou conhecido pelos acontecimentos registrados pós-descobrimiento, aqueles que relatam a chegada do navegador francês Binot Paulmier de Gonneville à ilha em 1504. A história conta que naquele distante ano, Gonneville lançou as âncoras do seu veleiro L'Espoir nas águas serenas da baía que os índios carijós denominavam Babitonga – cuja tradução significa “Terra em forma de morcego”. Da amizade feita pelo governador com o cacique Arosca, chefe da tribo carijó, acabou resultando a ida do índio Içá-Mirim para a França, talvez o primeiro nativo dessas praias que têm coqueiros que dão coco, a pisar em solo europeu.



Lá, ele contraiu matrimônio com Susane, sobrinha de Gonnevillle, com quem teve 14 filhos, iniciando importante e numerosa família franco-carijó.

Toda essa história, tão rica em tradições e folclorismo, não poderia cair no esquecimento ao longo desses 496 anos de existência. Foi justamente para não deixar morrer o misticismo, a cultura e todo esse precioso vínculo com o passado que se criou a “Festa das Tradições da Ilha – Festilha”. Uma comemoração popular que procura resgatar as raízes de um povo que tem seu berço numa das mais antigas povoações brasileiras. Um povo que com toda sua graça e carisma consegue transformar sua cidade num imenso palco vivo.

E que, durante os oito dias dessa festa, reúne seus compatriotas e visitantes de outras terras para se esbaldarem entre danças, serestas e apresentações ao ar livre, iguarias da culinária típica da ilha, artesanatos locais e passeios pela deslumbrante baía que recebeu o navegador Paulmier de Gonnevillle há quase cinco séculos.

A abertura oficial da 12ª edição da Festilha acontece hoje às 10h30min no pavilhão central, instalado na rua Babitonga, junto ao Mercado Municipal. A partir das 15 horas têm início apresentações folclóricas musicais e de capoeira. A programação da noite, que terá presença da Família Real do Brasil, abre com grupos como a “Dança do Vilão” um dos folguedos do folclore catarinense, que volta a se apresentar nas épocas festivas do Município de São Francisco. Os festejos prometem varar a madrugada com o show do Grupo Raça, previsto para a meia-noite.

PANORAMA

São Chico guarda nos seus casarios da época colonial, preciosidades que fizeram parte de uma nação que comemora neste fim de milênio nada menos que 500 anos de existência. Localizado à rua Coronel de Carvalho, o Museu Histórico de São Francisco do Sul conserva as raízes de um passado que faz parte de um povo cheio de encanto, de graça e simpatia – tal qual seus mais celebrados ancestrais: os índios carijós.

O museu reúne em seu acervo objetos, fotos, móveis, mapas que contam os primórdios de um país eclético – e talvez por isso mesmo tão sedutor -, conduzindo o visitante a uma viagem no tempo.

Entre os prédios antigos da ilha, está também o que abriga até hoje a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Graça. Ali, acontece hoje, às 20 horas, santa missa em ação de graças ao 500 anos do Descobrimento do Brasil, com a apresentação da Família Real brasileira. A história de sua construção remonta ao ano de 1699, quando a tributação sobre os produtos como a farinha de mandioca, pescados, aguardentes abriram a possibilidade de erigir um novo templo para reunir os párocos da Vila. A obra, sob responsabilidade do padre vigário Manoel de Nazareth, utilizou como argamassa uma mistura de cal de conchas, areia e óleo de baleia.

Outro referencial notório no panorama histórico de São Francisco é, sem dúvida, o Museu Nacional do Mar. Inaugurado em 1992, ele revela ao visitante a história de uma terra que se debruçava para o oceano e dele tirava todo seu sustento. Este referencial não envolveu apenas os colonizadores que aportaram na baía de Babitonga, mas principalmente os povos pré-históricos que ali já habitavam há centenas e centenas de anos.

FLORIANÓPLIS – SC – maio

Fundação Catarinense de Cultura
Editora Letra D'Água convidam para o coquetel de lançamento dos
livros

Saborosas Estórias Curtas de Charles D'Olengèr

Carlos Adauto Vieira

Na Gare da Estação Primavera

Orlando Alves

Arco de Pedra

Onévio Zobot

Códice

Paulo César Ruiz

16 de maio – terça-feira

Museu Histórico de Santa Catarina

Auditório do Palácio Cruz e Sousa

Praça XV de Novembro, 227 – Centro

FLORIANÓPOLIS – SC

O Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina
Convida V. Excia. e Exm^a. Família para o lançamento do livro Vale
dos Índios, Vale dos Imigrantes de autoria de Maria do Carmo
Ramos Krieger Goulart e Nilson César Fraga a acontecer dia 4 de
maio, no Auditório do Palácio Cruz e Sousa.

FLORIANÓPOLIS – SC

A Editora Insular, Caixa Econômica Federal e Ação da Cidadania dos
Empregados da Caixa, convidam para o lançamento oficial do livro
Praça XV – Onde tudo Acontece de autoria de César do Canto Machado.

Dia – 14 de junho de 2000

Espaço Cultural da Caixa Econômica Federal – Agência Mauro Ramos
Avenida Hercílio Luz, 870 – Centro – Florianópolis – SC.

FLORIANÓPOLIS – SC

O Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina tem a honra de convidá-lo e Exma. Família para a Sessão Solene, reverenciando os 150 anos de morte de Anita Garibaldi a realizar-se dia 25 de agosto de 1999, no Clube Congresso Lagunense, à rua Jerônimo Coelho, Laguna. Na ocasião falará em nome do IHGSC a associada Leatrice Moellmann.

FLORIANÓPOLIS – SC

O Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina tem a honra de convidá-lo e Exma. Família para Sessão de Encerramento do Curso Santa Catarina no Século XX, constando de palestra de seu presidente Carlos Humberto Pederneiras Corrêa, A Memória de Santa Catarina: o IHGSC e lançamento do livro, A Presença Catarinense no Século XX, coletânea das conferências do Curso.

Dia 30 de agosto de 2000, no Auditório do Palácio Santa Catarina.

FLORIANÓPOLIS – SC

O Grupo Poetas Livres (SC) e a SHAN Editores (RS) convidam para o lançamento da obra “Coleção Poética, Série III, da Ordem da Confraria dos Poetas”. Na ocasião, Édio Nunes e Zevla Soares (do Grupo Armação) estarão apresentando as poesias de Adriana Cruz, Maura Soares (do GPL), Daniel Soares Caldeira e José Henrique Glock, poetas integrantes da coleção que autografarão a obra. O evento contará também com a participação musical de Carlos Augusto Vieira (violão), Dayse de Souza (violino) e convidados.
Mestre de cerimônia: Sueli Souza Sepetiba.

Dia – 24 de agosto de 1999

Local: Espaço Cultural da Biblioteca Pública Municipal Prof. Barreiros Filho
Rua João Evangelista da Costa, 1.160 – Bairro Canto
Florianópolis – SC Fone/Fax: 248 5013

LAGES – SC

O Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina tem a honra de convidá-lo e Exma. Família para a Sessão Solene reverenciando os 50 anos da morte de Otacílio Vieira da Costa a realizar-se dia 26 de maio de 2000, na Sala Mário Augusto de Sousa, da Fundação Cultural de Lages, à rua Benjamin Constant, 141, Centro. Após o lançamento do livro Gavião de Penacho, Memórias de um Serrano, vol. 1 da Coleção Catariniana do IHGSC, obra póstuma de
Enedino Batista Ribeiro.

Na ocasião falará o orador do IHGSC, Desembargador Carlos Alberto Silveira Lenzi.

FLORIANÓPOLIS – SC

CONVITE

A Editora Diploma Legal e o Instituto de Relações Internacionais têm a honra de convidá-lo para o coquetel de lançamento do livro:
O Brasil e a OMC

Os Interesses Brasileiros e as Futuras Negociações Multilaterais, de organização e co-autoria do Dr. Welter Barral (professor de Direito Internacional).

Data: 29 de maio de 2000

Abertura: Dr^a. Aramita Mercadante – professora da USP e co-autora do livro

Local: Auditório do Júri do Fórum do Norte da Ilha
Campus Universitário (lado do CCJ/UFSC)
Trindade – Florianópolis – SC

FLORIANÓPOLIS – SC

CONVITE

Vossa Senhoria está convidado para o coquetel de inauguração da
Livraria Açoriana.

Sérgio Cláudio da Silva & Israel Vilela
Data: 30 de maio de 2000

Autores catarinenses autografam seus livros.

Local: Rua Trajano, 53 – Escadaria do Rosário (em frente ao
Restaurante Fratellanza)
Centro – Florianópolis – SC

FLORIANÓPOLIS – SC

CONVITE

O Governo do Estado de Santa Catarina, através da Fundação Catarinense de Cultura tem o prazer de convidá-lo para a sessão especial do filme “Villa-Lobos, uma vida de paixão”, de Zelito Viana, com Marcos Palmeira. Antônio Fagundes, Letícia Spiller e Ana Beatriz Nogueira.

Depois da apresentação acontecerá um debate sobre o filme.

Data: 23 de maio de 2000

Local: Clube de Cinema Nossa Senhora do Desterro – Centro Integrado de Cultura.

FLORIANÓPOLIS – SC

A Embratel e a Editora Garapuvu convidam V. S^a. para o ato de lançamento do livro Trololó para flauta e cavaquinho, a realizar-se no próximo dia 26 de agosto, no Espaço Cultural da Embratel, Praça Pereira Oliveira, 92, Florianópolis.

“Dois dos melhores escritores de Santa Catarina, Flávio José Cardozo e Silveira de Souza, juntam-se numa exibição que fará a alegria de seus muitos leitores. Este Trololó para flauta e cavaquinho é um encontro, quase que num tom de homenagem, com os que apreciam a graça e as sutilezas da boa prosa”.

JARAGUÁ DO SUL – SC

Você está sendo convidado para um momento histórico.

Graças a você, a Sociedade Cultural Artística, que neste ano comemora 44 anos de fundação, está entregando à comunidade os dois primeiros andares do Centro Cultural de Jaraguá do Sul, abrangendo um teatro de 250 lugares, salões multiuso, e espaços para atividades musicais, cênicas e oficinas de arte.

Participe. Você é a razão desta festa!

Programação: Abertura, apresentação artística.

Data: 10/06/2000

Local: Centro de Cultura de Jaraguá do Sul

JOINVILLE – SC

Colônia Dona Francisca

O prefeito de Joinville, Luiz Henrique da Silveira, e o Presidente da Fundação Cultural de Joinville, Edson Buch Machado, convidam V. S^a. e Família para a inauguração do *Centro de Preservação de Bens Culturais*.

Execução do Projeto:

Coordenadoria do Patrimônio Histórico da Fundação Cultural de Joinville.

“Obras de Arte são propriedade da humanidade e a sua posse conduz à obrigação de preservá-las. Quem negligenciar este dever e, direta ou indiretamente, contribuir para o seu dano e destruição, pede a repreensão do barbarismo e será punido com desprezo de toda a sociedade, agora e em épocas futuras.”

Goethe, 1799

Local: Arquivo Histórico de Joinville
Av. Hermann August Lepper, 650

FLORIANÓPOLIS

CONVITE

A Editora Insular tem o prazer de Convidar V. S^a. e Família para o lançamento do livro *Nazismo em Santa Catarina*, de Aluizio Batista de Amorim, a realizar-se no dia 13 de junho, terça-feira, a partir das 18h30min, na Cervejaria Continental de Florianópolis.

Apoio: Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Santa Catarina
Pedidos à Editora Insular – Rua Tiradentes, 204 – Centro – Florianópolis.

BADESC – Agência Catarinense de Fomento S.A.,
RARUS Antiguidades convidam para a abertura da Exposição de Relógios Antigos.

Abertura: 14 de junho, quarta-feira

Hora: 19 horas

Local: Espaço Cultural Fernando A. M. Beck
Av. Mauro Ramos, 1.277 – Florianópolis – SC

Visitação: de 14 de junho a 28 de julho de 2000, de segunda a sexta-feira.

JOINVILLE – SC

COORDENADORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO

Prezado Senhor,

Solicito reserva em sua agenda para o dia 20 de junho próximo, para a solenidade de inauguração do Centro de Preservação de Bens Culturais, no Arquivo Histórico, no horário das 18 horas.

Atenciosamente
Afonso Imhof

FLORIANÓPOLIS – SC

Clube de Ópera de Florianópolis

Recital de Canto em homenagem ao aniversário de Florianópolis.

Primeira Parte

Ernesto Nazareth – Valsa primorosa

Clóvis Faggion – piano

Franz Lehar – las gigolettes

Edy Tremel

Franz Lehar – Viúva alegre – dueto “Lippen schweigen”

Rosa Diekmann Shaeffer

Shaeffer Junior

Babi de Oliveira – Recomendação

Abigais Spíndola

G Caccini – Amarilli

Dorival Panzini

Villa Lobos – Lundu da Marquesa de Santos

Ondina Pimont Berndt

Carlos Gomes - Quem sabe?

Lilian Teixeira

U. Giordani – Caro mio bem

Dorival Panzani

Waldemar Henrique – Cobra grande

Enos Rinaldi

Tiberiu Brediceanu – Dragu-mi-i mandro de tine

George Grigoriu – Ondas do Danúbio – Ária “Música”

Mariana Mihai.

BLUMENAU – SC

ARTEVALE

O Instituto Blumenau 150 Anos convida V. S^a. e Exma. Família para a abertura da Mostra ARTEVALE e do lançamento do Livro “*Nosso Passado (In) Comum*”.

A Mostra reúne 144 artistas plásticos do Vale do Itajaí.

O Livro é uma contribuição para o debate sobre a história e a historiografia de Blumenau.

Abertura: 22 de março de 2000

Local: sede do Instituto Blumenau 150 Anos

Rua XV de Novembro, 1.050

(Castelinho da Malwee).

FLORIANÓPOLIS – SC

O Presidente da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, Deputado Gilmar Knaesel, tem a satisfação de convidar V. S^a. para a mostra comemorativa aos 274 anos da Fundação de Florianópolis.

Abertura: 22 de março de 2000

Local: Galeria de Arte do Palácio Barriga-Verde

Aberta para visitação: de 22 de março a 22 de abril de 2000.

FLORIANÓPOLIS – SC

A Prefeita Municipal de Florianópolis, Sra. Angela Regina Heizen Amin Helou, e a Superintendente da Fundação Franklin Cascaes, Sra. Lélia Pereira da Silva Nunes, em comemoração ao aniversário da Cidade de Florianópolis, convidam Vossa Senhoria e Excelentíssima Família para o lançamento do CD “Se Não Fosse Este Bar”, de Fernando Bastos, que acontecerá no dia 21 de março no Clube 12 de Agosto.



FLORIANÓPOLIS – SC



Convidamos V. S^ª. e Exma. Família a participar do lançamento do Livro Colar de Pérolas, no dia 17 de março de 2000. Local: Centro Integrado de Cultura – Espaço Franklin Cascaes

RECIFE – PE

OS BONDES DO RECIFE

Era uma delícia comer um afêlo ou chupar um rolete de cana nas paradas.

*Reinaldo Oliveira

Não fui do tempo dos bondes de burro. Mas, ainda peguei muita conversa sobre eles. Sei, por exemplo, que eles esperavam, na porta das casas, pelos fregueses mais importantes. Sei, também, que quando iam subir as pontes do Recife, se atrelavam outros burros para reforçar. Na descida as parelhas eram, novamente, apartadas. Depois vieram os bondes elétricos, sobre trilhos e com as alavancas deslizando sobre os fios que lhes transmitiam a corrente. Possuíam, à frente, uma grade pronta a recolher o transeunte que fosse atropelado, resguardando-lhe a vida. Havia os bondes abertos e os fechados. Os grandes e os pequenos. E os bondes de luxo, como o Zeppelin, da linha do Espinheiro, bairro rico, pintados de alumínio, tal qual os dirigíveis que por

aqui passavam, na década de 30. Por fim, vieram as Cristaleiras, da linha de Olinda, com cigarras elétricas, assentos de palhinha e envidraçados, de onde lhes veio o nome.

O bonde era o único tipo de transporte coletivo de que se podia valer o povo. Depois é que vieram os ônibus para acabar com eles. Na primeira classe viajavam os que estavam de pés cobertos, ou seja, de sapatos. Nos de segunda classe iam os descamisados de hoje, de pés descalços. E ainda havia os lorés que carregavam de tudo, inclusive sacos e pacotes de feiras. Sem contar os bagageiros, de porta grande lateral, corrediça, para transporte de grandes mercadorias e que só trafegavam de noite, chamados de bacurau.

O bonde era conduzido pelo motoneiro e possuía o cobrador, ambos de farda azul-marinho, com quepe, também existia o fiscal, de farda cáqui, o quepe de pala preta, munido de uma borboleta que era uma caderneta de madeira articulada, dentro da qual se achava o controle. Ele tomava nota do que constava do relógio grande, afixado na frente do salão do bonde, e que, a cada registro do condutor, virava o número, marcando o total de passageiros pagantes. Eram verdadeiros malabaristas, pois pegavam o bonde andando e desciam dele, de costas, caindo em pé, perfeitamente equilibrados. Em alguns pontos havia chave nos trilhos, obrigando o motoneiro a parar o bonde, descer dele e, com a alavanca, abrir o desvio de acordo com a direção que o bonde fosse tomar. Lembro-me de dois relógios de registro: um na rua do Relógio, hoje Bela Vista, e outro na estrada da rua da Hora, depois do Clube Português. Eram caixas de ferro, pintadas de verde-musgo, encravadas nos muros. Ali se fazia a virada da chave para comprovar a passagem do veículo.

Era chique andar de bonde. Aos domingos, meu avô nos levava até os fins de linha, como Dois Irmãos e Várzea ou ao Centro do Recife, para ver o Cais do Porto, na Praça Rio Branco. Era uma delícia comer um afelô ou chupar um rolete de cana, vendidos nas paradas. Ou parar para tomar uma gasosa de maçã ou de limão, da Fratteli Vita. Procurei recapitular os nomes de todas as placas de bondes. Os mais velhos ainda se lembram. Vão, aqui, para a alegria de suas saudades: Aflitos, Casa Amarela, Estrada do Arraial, Espinheiro, Casa Forte, Monteiro, Apipucos, Dois Irmãos, João Alfredo, Zumbi, Iputinga, Cordeiro, Caxangá, Várzea, João de Barros, Encruzilhada, Campo Grande, Beberibe, Arruda, Largo da Paz, Barro, Jiquiá, Areias,

Tejipió, Boa Viagem, Pina, Campo Santo, Pedro II, Olinda Carmo, Olinda Farol, Santo Amaro, Magdalena, Torre, Prado, Peixinhos, Sítio Novo, Derby, Concórdia, Fundão, Água Fria, Ponte d'Uchoa, Avenida Malaquias, Circular e Graças.

As outras placas eram as de Especial – que é o que eu acho desta crônica (!) –, e Recolher – que é o que eu vou fazer, agora.

* Médico, membro da Academia Pernambucana de Letras e dos Conselhos da Cultura do Estado e do Município.

Jornal A Folha de Pernambuco – 27/01/2000

RECIFE – PE

OS BONDES DO RECIFE

* Doralécio Soares

A propósito do artigo *Os Bondes do Recife*, muitas recordações me trazem quando da minha juventude, nessa cidade onde nasci.

Filho do “poço da panela”, estudando no Recife, na Escola de Aprendiz e Artífice, onde me formei em *Fototécnica* – fotografia e fotogravura, me deslocando para Florianópolis, Santa Catarina, no ano de 1940.

Os Bondes do Recife, crônica de autoria do médico Reinaldo Oliveira, permita-me acrescentar casos inusitados lembrados ainda após meus 70 anos.

Nos bondes do Recife era costume figurarem propagandas comerciais, que com o decorrer dos anos nós usuários terminávamos decorando-as. Entre elas tinha uma: *Veja ilustre passageiro, o belo tipo faceiro – que você tem a seu lado – no entanto acredite – quase morreu de bronquite! Salvou-o, o rum creosotado. O pavão fica triste, quando olha para os pés, – por não poder usar o calçado Ouro*. Conceito: esta propaganda era uma alusão aos pés feios do pavão comparados a sua belíssima plumagem. Num português correto, era uma delícia, não somente comer

afelô, ou chupar rolete de cana, pendurados nos balaústres dos bondes, Dois Irmãos, Monteiro ou Casa Forte.

O *banco cara-dura*. Esta aconteceu com um passageiro do *banco cara-dura*. Para quem não sabe, menos o Dr. Reinaldo Oliveira, o *banco cara-dura* era o tal que os usuários ficavam sentados de costas, isto é, de frente para os passageiros que sentavam de frente, ficando joelhos com joelhos. Pois bem. De certa feita, entre os passageiros iam duas moças em animada conversa. Vem daí que uma delas abriu a bolsa, retirando um lenço para uso, mas o lenço escapou de suas mãos e foi cair justamente sobre a *berguilha* do passageiro sentado a sua frente. Esse, lendo um jornal, não notou o lenço caído justo sobre a sua *berguilha*. A moça, acanhada, não teve coragem de retirá-lo, nem pedir para tal. A companheira ao lado, ao ver a situação da amiga, começou a rir diante da situação embaraçosa da mesma. O tal passageiro continuava indiferente ao que estava acontecendo, mas foi despertado pelo riso das moças e, levantando vagarosamente o jornal, e pensando que a *berguilha* estivesse aberta, meteu o lenço pela *berguilha* à dentro. Aí, a dona do lenço disse: – Ai meu lencinho! E levantou-se às gargalhadas com a companheira, dando o sinal para o bonde parar. Ria tanto que quase caiu do bonde em movimento.

Jornal **Folha de Pernambuco** – 27 de janeiro, ano 2000. Fax-4249143

Doralécio Soares – rua Júlio Moura, 146 – CEP 88020-150, Florianópolis, SC.

Presidente da Comissão Catarinense de Folclore, com início em 1970.

JOINVILLE – SC

TRADIÇÃO AÇORIANA DOS VERSOS PARA OS QUADROS

Josiane Michels faz do pão-por-Deus tema para exposição em São Francisco do Sul.

Gleber Pieniz

Joinville – Os bilhetes do pão-por-Deus são uma antiga tradição trazida da Europa para o Brasil pelos imigrantes açorianos, uma elegante e personalizada forma de comunicação que encontrou no litoral catarinense



o seu principal centro de manifestação, ainda que prática semelhante seja encontrada ainda hoje no interior do Estado e mesmo em alguns pontos do Rio Grande do Sul. Mensagens de amor e reconciliação entre amantes e namorados, frases que celebram a amizade entre pessoas de bem e votos de restabelecimento da saúde são os temas mais comuns encontrados nestes pequenos versos de quatro estrofes escritos de próprio punho em papéis decorados.

Normalmente, os bilhetinhos de pão-por-Deus chegam ao destinatário carregados de detalhes que vão muito além do significado do verso e podem ser percebidos no capricho da caligrafia, na riqueza ou na beleza do papel escolhido e na forma como este é decorado; é comum as mensagens de pão-por-Deus apresentarem desenhos, cores atrativas e bordas recortadas com esmero à semelhança de rendas e babados. Costume tão rico em forma e sentido trouxe inspiração à artista plástica Josiane Michels, pintora que dá imagens aos versos e transforma o conteúdo dos bilhetes em quadros expostos desde o dia 3 de janeiro na mostra **“Rumo aos 500”**.

“A Exposição é uma homenagem ao aniversário do Brasil”, explica Josiane. “Nela, quis fazer um resgate cultural das tradições açorianas e tomei como caminho os bilhetinhos de pão-por-Deus”. Em pouco mais de uma dezena de quadros em tela e papel (alguns feitos de papel reciclado), a artista, nascida em Jaraguá do Sul, revela suas interpretações para mensagens cujos versos, na maioria das vezes, trazem significados tão abstratos que criam obstáculos à sua tradução em imagens. “Tive dificuldade de colocar em imagens o que é subjetivo nos bilhetes”, confessa a artista.

Em tinta a óleo e guache, Josiane Michels produz imagens que se alternam em mostrar os costumes e os flagrantes do cotidiano da ilha de São Francisco do Sul (onde mora há seis anos), flores e cenas onde a realidade se mistura a composições de evidente caráter abstrato. Ainda sem um estilo definido, a artista apresenta trabalhos que se dividem entre o impressionismo e o primitivismo, tendo como pontos de referência constante o uso da cor em profusão (com predominância das primárias azul, amarela e vermelha) e as pinceladas discretas.

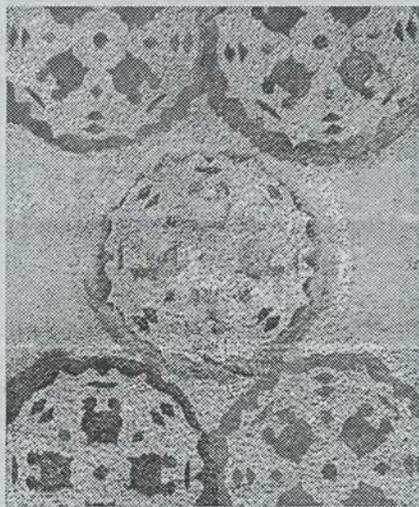
A mostra “**Rumo aos 500**” da artista plástica Josiane Michels está exposta na agência dos Correios de São Francisco do Sul até o dia 21 de janeiro.

Mensagens do pão-por-Deus

Se os anjos do céu soubessem
a graça dos olhos teus
Desceriam aqui na Palhoça
para pedir o pão-por-Deus

Lá vai meu coração
dentro de um buquê de flor
Vai pedir o pão-por-Deus
ao meu querido e grande amor

Vai o sol, vai a lua
Guardo o pão-por-Deus
para um dia
ser sua



Resgate Josiane diz que é difícil dar imagem às mensagens subjetivas dos versos

A NOTÍCIA “anexo” 12/01/2000

FLORIANÓPOLIS – SC

A FESTA DO FOLCLORE

Dia: 28/08/1999

*Local: E. B. M. Pres. Castelo Branco – Armação do Pântano do Sul
– Florianópolis – SC*

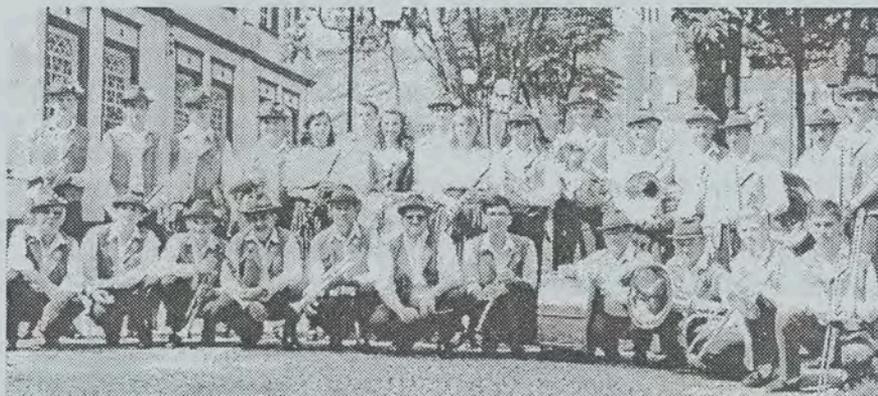
Programação:

- *Exposição das pesquisas e danças folclóricas dos alunos da E. B. M. Pres. Castelo Branco.
- *Telão com filme sobre a água, produzido pelos alunos da E.B.M. Pres. Castelo Branco e Instituto Larus.
- *Exposição do Arquivo Histórico do Estado “170 anos da Colonização Alemã em São Pedro de Alcântara”.
- *Teatro de bruxaria dos alunos da Escola com a participação do historiador e museólogo “Peninha” da UFSC.
- *Dança afro da Lagoa da Conceição.
- *Boi-de-Mamão da Barra do Aririú.
- *Boi-de-Mamão da E. B. M. Pres. Castelo Branco.
- *Banda Guarani de Itajaí.
- *Catumbi.
- *Capoeira.
- *Oficinas de artesanato, renda, oleiro, tear, rede, etc.
- *Comidas típicas das etnias: índio, açoriano, africano, italiano, alemão.



SÃO BENTO DO SUL – SC

Anexo – A NOTÍCIA – quarta-feira, 12/01/2000



A octogenária Banda Treml mostra seu repertório, dando ênfase às músicas germânicas, e é a principal atração na cidade.

COMEÇAM AS RETRETAS DE VERÃO DE SÃO BENTO DO SUL

Tradição de meio século é retomada a partir de hoje

São Bento do Sul – Há meio século a tradição se repete no verão de São Bento do Sul. As quartas-feiras – dia de namorar – as pessoas vão à Praça Getúlio Vargas, no centro da cidade, para ouvir música. São as retretas de verão. No coreto da praça, a octogenária Banda Treml mostra seu repertório, dando ênfase às músicas germânicas, O público é variado. As crianças aguardam com ansiedade o momento da chuva de balas. Os pais tomam uma cerveja e as mulheres conversam. Os mais jovens, que não escondem a preferência por outro tipo de música, também encontram na retreta um pretexto para sair de casa, encontrar os amigos, namorar. Minutos antes das 20 horas os foguetes anunciam que a retreta vai começar. Este ano, as retretas iniciam hoje e estendem-se até 23 de fevereiro, sempre às quartas-feiras, como manda a tradição. A Banda Treml continua sendo a principal atração, mas, a cada dia, grupos folclóricos e musicais se revezarão no coreto. Com a participação de outras atrações musicais, o horário da retreta será ampliado

até às 22 horas. Além de espaço para petiscar e beber, a praça também receberá as barracas de artesanato.

Hoje, as atrações convidadas pela Banda Treml são o Duo Loni und Traudi e o Grupo Folclórico Böhmerwald. Nas demais retretas participam o Quarteto de Sopros Donaldo Ritzmann, Garotinho do Acordeon, Grupo Folclórico Sonnenschein, Banda Marcial Baseliense Virmond e Fanfarra Osny Vasconcellos.

A própria Banda Treml foi que iniciou, por volta de 1940, a tradição das retretas. “Na época não havia qualquer tipo de diversão. Então as retretas tornaram-se um motivo para a comunidade se encontrar, conversar e se distrair”, conta o maestro Pedro Machado Bittencourt. As retretas só foram interrompidas no final da Segunda Guerra Mundial. “Com o ingresso dos brasileiros na guerra, houve muita perseguição aos alemães e seus descendentes. As retretas foram proibidas”, lembra Bittencourt.

As retretas já se tornaram atrativo turístico do município. Pessoas da região aproveitam para visitar a cidade nesses dias. Para os comerciantes do centro da cidade, especialmente donos de restaurantes, lanchonetes e bares, as retretas significam um incremento nas vendas.

A guerra acabou, mas as retretas ficaram. Sob a batuta do maestro Bittencourt, os 28 integrantes da Banda Treml vão dando continuidade à tradição.

SÃO LUÍS DO MARANHÃO – MA

FESTA DE SÃO MARÇAL ANO LXXI

O Maior Evento Folclórico Brasileiro

30 de junho no João Paulo

São Luís – Maranhão – Brasil

Patrimônio Cultural da Humanidade

1999

O Encontro de São Marçal ou Festa de São Marçal é uma das manifestações folclóricas mais importantes do Brasil, reunindo milhares de pessoas para prestigiar





a passagem dos grupos de Bumba-meu-boi sotaque de matraca na avenida João Pessoa, no João Paulo, em homenagem ao santo protetor São Marçal que, junto com Santo Antônio, São Pedro e São João, justificam as festas devotas do mês de junho.

Representa, ainda,

para o povo de São Luís, o sentimento histórico da evolução das brincadeiras de boi em relação à permissão que tinham para brincar nos logradouros da

cidade. Naquele local, na estrada que ligava o interior da cidade ao Centro, antigo Caminho Grande, existia, no início do século, o povoamento da Quinta do João Paulo das Chagas e seu



centro social no Largo de São Roque, onde estava erigida a hoje desaparecida Capela de São Roque, meio caminho entre o urbano e o

rural.

Devido à origem rural da brincadeira do boi-de-matraca, havia muitas restrições para que os grupos de bois se manifestassem na cidade, somente se apresentando em



lugares de pagamento de promessas, sem juntarem dois ou mais deles, devido à intensa rivalidade.

Até 1927 procuravam limitar-se ao Bairro do Anil e outros interiores da Ilha de São Luís, mas em 1928 alguns comerciantes do João Paulo patrocinaram o encontro dos bois do Sítio do Apicum e do São José dos Índios para brincarem no Largo de São Roque, no dia de São Marçal, sendo que nos anos seguintes somavam-se às brincadeiras que desfilavam no corredor folclórico, sempre com uma paradinha para toadas no lugar do Largo.

Como a festa tem um caráter de espontaneidade, onde não há pagamento de cachês, um grupo de moradores do João Paulo, que se denominou *Ação Voluntária*, vem, desde 1985, melhorando as condições estruturais das apresentações, montando palco, som e pedindo apoio institucional no desvio do trânsito de veículos, ao que vem se juntando as entidades culturais. À frente do grupo encontramos Seu Dito, Hélio Braga, Raimundo Cutrim, Mábio, Concita Castro e Raimundinho.



Boi sotaque - "Matraca" do Grupo "Maracanã" - visitando os padrinhos em 1999.

JORNAL DO COMERCIO – 30/08/1998

Como as referências do Largo se perderam e não mais existe a Capela, em 1998 a Prefeitura de São Luís, através da Coordenadoria de Patrimônio Cultural da FUNC, com a participação do Movimento Cultural da Região do João Paulo, urbanizou a Praça que existe no mesmo local, humanizou o espaço, ressaltando detalhes que lembram a história do evento. No centro da Praça há um desenho em homenagem aos anos dos bois com a inscrição “Largo de São Roque 1928”. O projeto denominado *Corredor Cultural do João Paulo* ainda será concluído com um Centro Cultural e a padronização da avenida.

Este ano, o Encontro de São Marçal completará 71 anos e não faltarão os batalhões pesados da Ilha, pois é crença comum que o sucesso e a sorte dependem desta homenagem ao santo protetor, além de outros sotaques, de orquestra, zabumba e pandeirões que se apresentarão a partir de 00h, iniciando-o a 30 de junho, só terminando a festividade às 24 horas do mesmo dia.

Historiador Ananias Alves Martins
Coordenador de Patrimônio Cultural da FUNC

UM LIVRO NORDESTINO

Arnaldo Saraiva

Como Nasce um Cabra da Peste é a um tempo crônica e ensaio, inventário e documentário, memória e descrição, que habilmente se inscreve no espaço da história, da sociologia, da psicologia, da lingüística, da etnografia, do folclore e da literatura.

Propondo-se falar do acontecimento que é o nascimento de um cabra da peste – designação comum do comum nordestino –, Mário Souto Maior, também nordestino, começa por se autobiografar, como que a dizer-nos que se identifica gostosa ou gozozamente com um cabra da peste, e passa a dar-nos conta dos vários fenômenos que, desde o período da gravidez, envolvem a mãe e o filho. Longe de se limitar à descrição objetiva das mudanças biofisiológicas e sociais porque um e outro passam, Mário Souto Maior procura enquadrá-las numa atmosfera em que comparecem outras

figuras – o pai, os irmãos, os parentes, os compadres, os vizinhos, os amigos, o médico, a parteira, o padre, etc. –, e, em linguagem elaborada, incomum em cientistas ou etnógrafos, dá conta das mudanças psicológicas e das interações entre elas, descrevendo ritos, referindo à indumentária e à culinária, revelando crença ou credices, transcrevendo ditos, fórmulas, rezas, canções, e apontando os cuidados e receios com a mãe e o nascituro até a explosão de alegria final.

O último parágrafo do livro pode exemplificar bem o método e o estilo de Mário Souto Maior: “Escapando de nascer *laçado*, da dentição difícil, do sarampo certo, da caxumba, da desidratação inevitável, da catapora, da coqueluche, da maleita e do amarelão, de tudo mais que atormenta a vida de um cristão nascido no Nordeste, ganha o Brasil mais um filho, mais um *cabra da peste* para pegar, desde menino, no cabo de uma enxada, cortar cana para a usina, moer e fazer açúcar, plantar e apanhar algodão, laçar bois em disparada pelas campinas, ser poeta repentista para cantar as nossas belezas e os nossos heróis esquecidos; sofrer as estiagens mais prolongadas, tirar xelita do seio da terra árida, ser seringueiro na Amazônia, comer traíras e curimatãs quando aparecem, dançar o frevo, pegar sururu, tomar



LULA

cachaça, engrandecer São Paulo, fazer Brasília, brigar na Europa, servir de fantoche para os demagogos, comer farofa de jerimum com carne de sol, fazer Paulo Afonso dar energia elétrica, ser jangadeiro nos verdes mares bravios, ser cangaceiro

*Mário Souto Maior
é de algum modo o
sucessor do grande
Câmara Cascudo*

de Antônio Silvino e Lampião, amar lindas caboclas e repetir, mais uma vez e sempre, o milagre da criação”.

Justifica-se, pois, que se saúde esta obra, publicada pela primeira vez em 1969 e agora em terceira edição, tanto mais que ela marca praticamente a entrada tardia do seu autor no mundo do folclore e da antropologia, em que hoje se distingue. E digo tardia porque, nascido em 1920, Mário Souto Maior teve de fazer pela vida como um cabra da peste, pai de sete cabras da peste, começando por volta dos 50 anos a trabalhar no que gosta como se quisesse recuperar o tempo perdido.

Lúcia Gaspar, em *Mário Souto Maior – Cronologia e Bibliografia* (Recife, 20-20 Comunicação e Editora, 1995), inventariou 66 livros e opúsculos e cerca de 450 artigos publicados pelo autor de *Brasil, Portugal – Aquele Abraço*, (1995). Nessas publicações minuciosas e preciosas sobre mundos (nordestinos) tão diversos como o da cachaça, o dos nomes próprios, o dos palavrões o da culinária, o da medicina e o da religião popular, o do erotismo, o do Carnaval, o da vivência do tempo, o dos folhetos do cordel, etc. Nem sempre essas publicações escapam a alguma imperfeição ou incompletude.

Mas não há dúvida de que Mário Souto Maior é hoje o maior folclorista e etnógrafo nordestino, de algum modo o sucessor do grande, do inolvidável Luís da Câmara Cascudo.

**Araldo Saraiva, escritor português, é professor da Faculdade de Letras da Universidade do Porto – Portugal.*

Fundação Joaquim Nabuco
 Instituto de Pesquisas Sociais
 Departamento de Antropologia
 COORDENADORIA DE FOLCLORE
 Rua Dois Irmãos, 11 – Recife – Pernambuco – Brasil

CANTIGAS DE NINAR: ORIGENS REMOTAS

Mário Souto Maior
 da Fundação Joaquim Nabuco

A cantiga de ninar, o acalanto, a cantiga pra fazer menino pequeno dormir, é procedimento, sem nenhuma dúvida, universal. Lula – na Suécia, Kalebka – na Polônia, berceuse – na França, cantilena ou nane – na Itália, wiegezang – na Alemanha, lulle – na Dinamarca, rurrupatas – no

Chile, *canción de cuña* – na Espanha e em outros países da América Latina, *lullaby* – nos Estados Unidos e na Inglaterra, *lullen* – na Holanda, *cantigas de mucuru* – entre os nossos nhengatus, *cantigas de arrolar* – em Portugal e nos países africanos quando colonizados pelos lusitanos, *liulkova piesen* – na Bulgária, *Kolybethanaia piecnh* – na Rússia, *cantec de legan* – na Romênia, *komoriuta* – no Japão, e na boca de todas as mães do Mundo, *as cantigas pra fazer menino pequeno dormir* são um costume cuja idade é a mesma da primeira mãe quando pariu o primeiro filho. No começo, *a cantiga de ninar* não passava de simples melodia rudimentar, um rum-rum gutural a meio-tom para não acordar o marido cansado do trabalho diário e que as doces mães entoavam, vencidas pela fadiga, nas madrugadas sem fim, quando os filhos perdiam o sono. Mas ninguém sabe quem foi a primeira mãe que aconchegou seu filho de encontro ao seio, com a ternura própria das mães, e inventou essa cantilena que afugenta o *bicho-papão*, o *boi da cara preta*, o *pavão* que participam do mundo irreal de todas as crianças desde de ninguém sabe quando.

Muito embora não se tenha conhecimento de como, quando e onde surgiu a primeira *cantiga de ninar*, sabemos que o poeta romano Pérsio, no primeiro século da era em que vivemos, já falava de sua existência, o mesmo acontecendo com outro poeta, Ausônio, também romano, que viveu no século IV depois de Cristo, que chegou a recomendar a Sexto Petrônio, que acostumasse seu filho a ouvir as estórias contadas por sua ama, bem como os acalantos.

Em seu *Canções do Berço*, J. Leite de Vasconcelos faz referência a Teócrito que viveu nos fins do século III antes de Cristo, e começos do século IV antes de Cristo, que ensinou a Alcmena uma *canção de ninar* para ela acalantar Herácles e Íficles, seus filhos gêmeos:

Dormem, meus meninos,
Um sono doce e brando.
Dormem, almas minhas,
Irmãos um do outro,
Filhos afortunados,
Repousai, felizes
E felizes chegai
Até amanhã, de manhã...

Como acontece com todas as manifestações folclóricas correntes no Nordeste, a *cantiga pra fazer menino pequeno dormir* – menino chorão, manhoso, malcriado – também foi originária de Portugal, com exceção das *cantigas de mucuru* já entoadas pelos nossos nhengatus, antes de Pedro Álvares Cabral haver chegado por aqui. Mas, a maioria das *cantigas de ninar* mais conhecidas no Nordeste vieram no bojo das caravelas com as primeiras famílias portuguesas que chegaram na Terra de Santa Cruz. A par de uma bagagem composta de baús, utensílios domésticos e agrários, cada português que aqui chegou trouxe, no seu coração, na sua lembrança, as cantigas de roda, os provérbios, os trava-línguas, as superstições e todas as demais manifestações folclóricas próprias de seu mundo, manifestações que eternizaram através de gerações que se sucederam durante séculos. Assim, os primeiros brasileiros foram embalados por suas mães portuguesas, sentadas em rústicas cadeiras de balanço, ao som de temas e doces *cantigas de arrolar*.

Com a chegada do escravo africano e a conseqüente participação da mulher negra na vida familiar do colonizador português no Nordeste, as *cantigas de ninar* portuguesas foram, aos poucos, se adaptando aos costumes da região, permitindo tal adaptação que fossem feitas as mais variadas modificações não somente na letra como até mesmo na estrutura do verso, na construção da frase, na maneira de falar própria do linguajar de além-mar.

Podemos exemplificar o alegado neste acalanto de procedência portuguesa:

Vai-te, Côca, vai-te, Côca,
Pra cima do telhado
Deixa dormir o menino
Um soninho sossegado.

Foram feitas diversas modificações na *cantiga de ninar* mencionada. A Côca ou *cuca* – espécie de bicho imaginário criado e usado para fazer medo às crianças choras que não querem dormir – só continua participando deste acalanto apenas no Sul do País, segundo Amadeu Amaral, o que não acontece com relação ao Nordeste, onde *côca*, ou *cuca* foi

substituída pelo pavão. E Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, no seu conhecido Novo Dicionário da Língua Portuguesa, não registra o vocábulo *côca*, mas *cuca*, significando *bicho-papão*, *coco*, *papa-gente*, *tutu*, *bitu*, *boitatá*, *papa-figo*.

E em lugar de “para cima do telhado”, conforme consta do segundo verso do acalanto, a versão nordestina registra “sai de cima do telhado”, de vez que, com a *côca* em cima do telhado fica mais difícil para o menino poder dormir seu sono sossegado.

No que se refere à estrutura do terceiro verso, constatamos que a mesma foi alterada. Ao invés de “Deixa dormir o menino” usamos “Deixa o menino dormir”.

Com as modificações constantes da adaptação à maneira nordestina de se falar, a cantiga de ninar tão portuguesa se nordestinou assim:

Chô, Chô, pavão

Sai de cima do telhado

Deixa o menino dormir

Seu sono sossegado...

Assim, depois de nordestinado, o acalanto ficou mais doce.

LAJES – SC

A NOTÍCIA – quarta-feira, 31/05/2000

QUATRO ARTISTAS UM TANTO ESQUECIDOS

O paisagista Malinverni Filho e as primitivistas Tercília dos Santos, Sônia Furtado e Silvana Ramos merecem um novo olhar

Paulo Ramos Derengoski

Especial para o Anexo

Santa Catarina deve tributo a artistas que andam esquecidos. Malinverni Filho é um deles. Nasceu em Lages e estudou na Escola Nacional de Belas-Artes no Rio, tendo sido aluno de Henrique Cavalleiro, de Georgina de

Albuquerque e dos irmãos Chamberland. Vindo de uma infância pobre, foi apoiado pelo então Governador Adolfo Konder, mas teve sua bolsa *cassada* por Nereu Ramos, do qual, no entanto, erigiu uma estátua que é uma das obras-primas da grande escultura brasileira.

Um de seus quadros – *A Rua Taylor* – foi prêmio da Enba e o próprio Presidente Getúlio Vargas passou a admirar sua obra, tendo dona Darcy Vargas adquirido a tela *Indecisa*. Inúmeras exposições no Rio e Santa Catarina tornaram-no um nome conhecido no Brasil e até no Exterior. Nelson Rockefeller e colecionadores internacionais adquiriram quadros do grande lageano. Sua escultura *A Mãe* é uma das obras-primas de seu talento como escultor.

Mas foi nos retratos e nas paisagens dos campos de pinheiros de Lages – as impressionantes araucárias – que ele se tornou um mestre absoluto. Com um naturalismo rigoroso, a agilidade de seus pincéis transmite harmonia cromática. Dominou como poucos os efeitos luminosos das grandes composições banhadas pela luz tropical. Suaves vibrações envolvem seus pinheiros, que crescem em direção aos céus. Os retratos são fortes e pessoais. Os efeitos de luz e sombra alcançam alto clima de serenidade. A sua interpretação da paisagem é única e espontânea, originalíssima, comparável a seus colegas Timóteo da Costa, Lucílio de Albuquerque, Gutman Bicho e Levino Fanzeres, também grandes paisagistas.

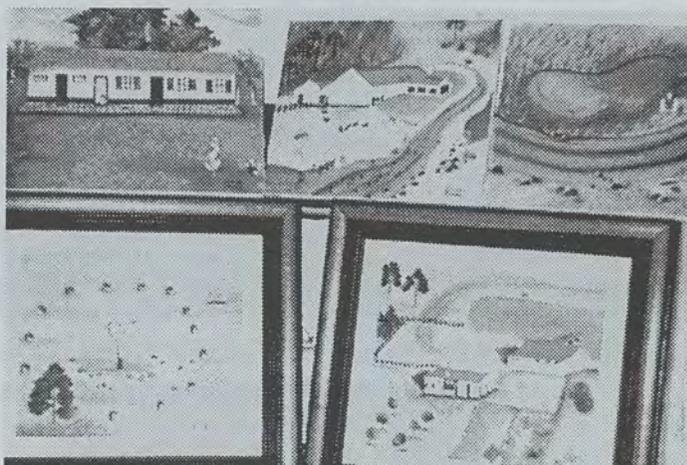
Nas paisagens de Malinverni Filho sente-se o relevo. Vê-se a vegetação e se respira o clima atmosférico. Foi um gênio infatigável de paisagem sulista e brasileira e da figura humana forte. Um mestre do visual: o gênio do sertão das Lagens.

Tercília dos Santos é de Florianópolis. Como todos os pintores *naifs*, ela pinta paisagens de memória, sem intelectualismos: documenta a paisagem a seu redor. Participou até hoje de muitas exposições, inclusive o Salão Santos Dumont, e ganhou o Prêmio Aquisição da Bienal Brasileira de Arte Naif de São Paulo.

Sônia Furtado é de Tubarão. Já expôs até no Japão. É uma pintora de lavradores na colheita. Alimenta-se na tradição popular, nas festas juninas, sem preciosismos – como todos os primitivistas – aos jogos de luz e sombra. Dela disse o grande Lindolf Bell: “Cria uma atmosfera fantástica. Recuperou a simplicidade de viver...”

Silvana Chaves Ramos é lageana. Capta a vida campestre e rural. Pinta fazendas, rios, pinheiros, rodeios. Apóia-se na terra. Transmite ludicidade ao espectador. Silvana, Sônia e Tercília são três artistas do povo. E se folclore quer dizer “sabedoria do povo”, elas, sem sofisticacões emboloradas, transmitem a preocupação básica dos pintores *naifs* ou populares: captar em linguagem simples a *alma do povo*.

*** Paulo Ramos Derengoski é jornalista em Lages.**



COLEÇÃO Obras de Silvana Chaves Ramos: retratos da vida rural



ESTÚDIO Malinverni Filho registrou as belas paisagens catarinenses



Roça "Colheita de Cana" e "Colheita de "Trigo", de Sônia Furtado



INFÂNCIA Um dos quadros da artista Tercília dos Santos, de Florianópolis

COMISSÃO NACIONAL DE FOLCLORE

Recife, 22 de outubro de 2000

Ilmo. Sr.

Doralécio Soares

Presidente da Comissão Catarinense de Folclore

Rua Júlio Moura, 146

88020-150 – Florianópolis – SC

Temos a honra de comunicar a realização com sucesso, em Porto Alegre (RS), do IX Congresso Brasileiro de Folclore, do qual participaram 18 (dezoito) Comissões Estaduais.

Ao final do Congresso foi procedida à eleição para a Diretoria e para o Conselho, dentro da nova estrutura prevista no Estatuto anteriormente aprovado, havendo sido aclamado como presidente de honra o escritor Bráulio do Nascimento, e constituídos a diretoria e o conselho consultivo, da forma abaixo:

DIRETORIA

Presidente – Roberto Emerson Câmara Benjamin

1º Vice-Presidente – Olímpio Bonald da Cunha Pedrosa Neto

2º Vice-Presidente – Maria de Cáscia Nascimento Frade

Secretário – Severino Alves de Lucena Filho

Vice-Secretária – Alda Maria Rodrigues de Siqueira Campos

Tesoureiro – Valdenir Caldeira de Jesus Coelho de Araújo

Vice-Tesoureiro – José Ricardo Paes Barreto

CONSELHO CONSULTIVO

Região Norte: Marita Socorro Monteiro

Região Nordeste: Luiz Antônio Barreto

Região Sudeste: Eliomar Carlos Mazzoco

Região Centro-Oeste: Francisco Pitombeira de Freitas

Região Sul: Rose Marie Reis Garcia

SUPLENTE

Região Nordeste: Severino Vicente

Região Sudeste: Amélia Maria Zaluar

Região Centro-Oeste: Waldomiro Bariani Ortêncio

Região Sul: Doralécio Soares

As Comissões Estaduais que não apresentaram documentos necessários à sua filiação à Comissão Nacional de Folclore, na qualidade de sociedade civil, poderão fazê-lo enviando os documentos anteriormente solicitados, acompanhados de ofício requerendo a filiação.

Atenciosamente,

Roberto Benjamin
Presidente

NOTÍCIAS – Florianópolis – Ano 2000

DORALÉCIO SOARES, RECEBE COMENDA

A Fundação Franklin Cascaes confere a diversas autoridades da área cultural de Florianópolis uma Comenda

Foto 1 – Aspecto do momento quando o prof. Doralécio Soares é abraçado pela senhorita Cárem, representante da Fundação Franklin Cascaes.

Foto 2 – Após ter recebido a homenagem, aspecto quando o prof. Doralécio Soares fez uso da palavra, agradecendo a distinção que lhe foi conferida.



NOVEMBRO

VII ACAMPAMENTO FOLCLÓRICO E IV OLIMPIADA
ALEMÃ – Jaraguá do Sul

DESFILE DAS LANTERNAS DEVE
REPETIR O SUCESSO DE
OUTROS ANOS

O coordenador do 7º Acampamento Folclórico, Carlos Cezar Hoffmann, está confiante de que o Desfile das Lanternas repetirá o sucesso das edições anteriores.

O desfile será realizado na avenida Marechal Deodoro, às 20 horas, prometendo dar um colorido todo especial ao centro da cidade. Fanfarras acompanharão os grupos nas apresentações. O local de concentração para saída será na rua Rio Branco.

O momento culminante do desfile será a concentração de todos os grupos de danças folclóricas participantes do mesmo, na escadaria em frente à Matriz São Sebastião.

Desde o início da história da realização do Acampamento

Folclórico, o Desfile das Lanternas tem sido sempre uma das atrações especiais do evento.

A população jaraguense está convidada a assistir e prestigiar.



Desfile das Lanternas: espetáculo de luz e cores

PARQUE MALWEE

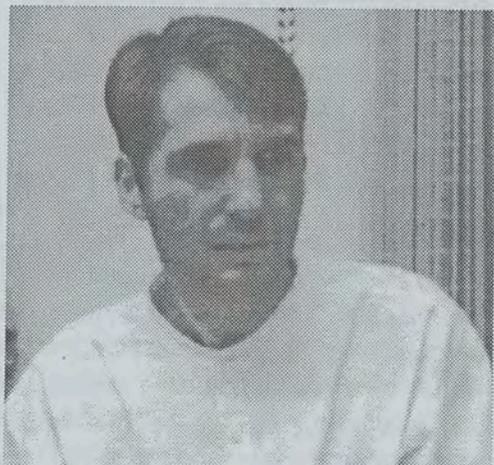
A CULTURA DA REGIÃO POSSUI TRADIÇÃO

Na atualidade, pensar a *tradição* possui um paradoxo. Por quê? Em nosso cotidiano eu vejo muito mais presente uma *cultura* do que penso pós-moderna, na qual tudo se esvai em pouco tempo, sem que mantenha algum lastro. A tradição que vislumbro se dá no dia-a-dia e, neste sentido, todos sabemos que alguma espécie de arte foi realizada, porque durante um longo período a mesma ficou sem atividade. Estou pensando neste movimento no Brasil. Isto acontecia até a segunda metade do Século XVIII, porque nosso imigrante estava à procura de algum espaço para subsistir na situação econômica em que se encontrava na Europa. Chegando aqui, se deparou com uma realidade bem diferente da que diziam “dava frutos nas plantas e a alimentação estaria garantida”. Sabemos que fora um engodo propagado no país de origem. Muitos, ao chegarem ao Brasil, fizeram nova migração para se adequarem mais à realidade, pois o clima e o relevo diferiam muito daqueles em que viviam.

Neste sentido, penso que a tradição que pode ser resgatada se dá com uma nova situação concretizada no Brasil. Digo isto porque esta realidade de tradição se dá a partir de novas vivências e costumes que mantiveram, mesmo sem saber o que, a qual o imigrante trouxe e se manteve. Fico pensando no tempo em que se dançava (início da década de 80) e se ouvia comentários tipo: “Será que eles dançarão por muito tempo?” Bem, isto com certeza é porque o que está sendo mostrado não é uma realidade que todos vivem, ou que tragam para o momento que estão vivendo. Percebo nos olhos das pessoas uma incógnita do que estão vendo, para eles parece que *é algo de outro mundo*. Vejo que é importante que mantenhamos traços de algo que se fala dos nossos antepassados distantes. No entanto, é significativo que busquemos reconstituir a nossa cultura de tradições a partir do momento que se vive na denominada Nova Pátria (Neua Heimat).

Bem, diante desta realidade que os descendentes enfrentam, creio que não haja necessidade de justificarmos o que está acontecendo. Penso que desta forma, a partir do momento que tenhamos clareza do processo que nossos antepassados estiveram envolvidos, principalmente que eles não

podiam se preocupar com *arte* (a não ser quando construíam uma casa, sendo muitas vezes de enxaimel, ou quando cantavam em cultos, ou falavam entre si preservando a língua), mas tinham que ver o mato, no qual estavam buscando construir suas novas casas. É oportuno lembrar que estamos comemorando os 176 anos do início da colonização



germânica.

Carlos Cezar Hoffmann,
cientista social e coordenador
do Museu do Parque Malwee

FLORIANÓPOLIS – SC

CONVITE

COMPANHIA DAS LETRAS

A LIVROS & LIVROS

Está convidando você para a abertura de sua nova loja, agora com espaço para leitura, café, CDs e muito mais. Será no dia 14 de dezembro de 2000, com as presenças do escritor *Fernando Morais*, que estará autografando seu último livro *Corações Sujos*, e do compositor e cantor *Jorge Coelho*, lançando o CD *Paixão Açoriana*.

CONVITE

FLORIANÓPOLIS – SC

*O Presidente da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, Deputado Gilmar Knaesel, e o Reitor da Universidade Federal de Santa Catarina, Professor Rodolfo Joaquim Pinto da Luz, têm a satisfação de convidar para o lançamento do livro **Uma mulher do século passado**, de Emma Hatzky, traduzido por Felicia Hatzky Schütz e publicado pela Editora da UFSC, a realizar-se no dia dezenove de dezembro do ano dois mil, às dezenove horas e trinta minutos, na Galeria de Arte Meyer Filho – Assembléia Legislativa.*

SÃO LUÍS DO MARANHÃO – MA

SÃO LUÍS – Livro de Ananias Martins

OS FUNDAMENTOS DO PATRIMÔNIO CULTURAL

Uma cidade que respira antigüidade, costumes tradicionais e inúmeras manifestações culturais de diversas origens. A nova obra de Ananias Martins não se joga na pretensão de escrever a *verdadeira e completa* história de São Luís, mas, ao enumerar as centenas de facetas que compuseram seu passado e que, até hoje, refletem no presente, aproxima-se deste desafio, e com uma vantagem: consegue ser complexo e informativo sem ser detalhista e livresco.

São Luís, fundamentos do Patrimônio Cultural, que será lançado quinta-feira, 19h30min, no Centro de Criatividade Odylo Costa Filho, tem como objetivo velado mostrar que não é injusta a classificação da Capital maranhense como Patrimônio Histórico. Através de intensa pesquisa, o historiador garimpou e decifrou importantes documentos para trazer à tona informações da São Luís dos Séculos XVII a XIX, algumas inéditas.

O autor de *Os Carnavais de São Luís* percebe no novo livro as duas vertentes que se encontram para gerar boa parte da diversidade cultural da cidade, um dos sustentáculos da elevação do município à categoria de Patrimônio Histórico: a gênese rural, do Século XVII, e a urbana, a partir de 1755, quando os indígenas se emanciparam e as primeiras vilas e povoados foram formados.

SINCRETISMO

A partir de 1756, São Luís implantaria um novo modelo econômico, baseado na escravidão negra e mais apegado ao continente. Ananias localiza neste momento a grande cisão que diversificaria a cultura da cidade daí para frente. Os negros manifestavam-se evocando suas origens e aculturavam o folclore português em brincadeiras suas, sincretizando-as (absorveram inclusive a Festa do Divino portuguesa, enquanto, por sua vez, os brancos adotaram os tambores em seus carnavais). Também na cidade, o patrimônio da cultura européia começou a se fazer presente nas edificações, valores e literatura.

O passeio de Ananias por três séculos é recheado no livro de inúmeras fotos, muitas históricas, outras atuais (de Edgar Rocha). Apresenta também páginas peculiares: testamentos que registram os costumes sociais e a cultura material dos Séculos XVII e XVIII – as moedas, por exemplo, eram varas de pano em determinado período.

O livro corre desde o processo de colonização da cidade, iniciado onde hoje é o Centro pela localização estratégica do lugar (protegido entre a Ponta da Areia e a Ponta do Bonfim) e a chegada das primeiras manifestações culturais – chegada, fandango, congo e semba (tambor de crioula) – até os dias atuais, do ponto de vista de suas referências ao passado (culturais, arquitetônicas e de costumes).

Com textos leves e muito ilustrativos, o livro avança na história da cidade nos últimos três séculos, sempre com este propósito: moldar a história de São Luís no passado e no presente (de um ponto de vista antropológico, centrando muitas vezes o enfoque no homem comum e em seus costumes). Conforme o antropólogo Norton Corrêa, na apresentação: “livro será degustado por quem quiser conhecer outras facetas sobre a história e a cultura que terminaram por fazer de São Luís patrimônio da humanidade”.

A NOTÍCIA – junho 2000

TREZE TÍLIAS – SC

RÉPLICA DO TIROL ATRAI ESTRANGEIROS A SC

Tradição e águas termais são destaque em Treze Tílias

Joce Pereira
Especial para A Notícia



Desfile da banda dos tiroleses é uma das tradições preservadas e mostradas aos turistas em Treze Tílias, no Meio-Oeste catarinense

Treze Tílias – Fazer turismo no inverno é visitar Treze Tílias, localizada no Meio-Oeste, tem pouco mais de 4 mil habitantes. A grande maioria é de descendentes de austríacos, mas italianos e alemães têm o seu espaço na maior colônia tirolesa do Brasil. O município é conhecido como o *Tirol Brasileiro*. Situada num vale, em meio a montanhas e muito verde, a cidade ganha, com a chegada do frio, ares de Europa, uma réplica perfeita dos

alpes tiroleses. As temperaturas, quase sempre abaixo de 0°, cobrem o vale com geadas e algumas vezes neve.

É este cenário que atrai milhares de turistas de várias partes do País e também do Exterior. São mais de 60 mil durante todo o ano. Em Treze Tílias eles encontram belas paisagens naturais, construções em estilo alpino, cultura, paz e tranquilidade, mas principalmente encontram muita festa.

Para garantir a permanência do turista na cidade, a prefeitura criou um atrativo à parte. É a **Winter Bier Fest** – Festa da Cerveja de Inverno, idealizada há 8 anos. O evento é promovido em dois finais de semana de julho, durante seis dias. Além de beber muito chope bock, muito popular na Áustria, o turista desfruta, nos restaurantes e hotéis da cidade, da culinária tirolesa. São pratos com temperos fortes, feitos à base de massa e carne, com um sabor totalmente diferente da cozinha brasileira.

A grande pedida no inverno é também o café colonial. São inúmeras as opções, variam em alguns restaurantes de 30 a 40 pratos, entre doces e salgados, e uma grande variedade de sopas. Além do café, também é servida a tradicional bebida do frio, o vinho, que não pode faltar em época de temperaturas baixas, nem mesmo numa colônia tirolesa.

ANIMAÇÃO

Mas não são só comidas e bebidas típicas que a Winter Bier Fest oferece. O outro ponto forte da festa é o desfile da Banda dos Tiroleses, dos grupos folclóricos e do Bierwagen (o carro da cerveja) pela rua principal da cidade. A programação inclui, ainda, shows com os grupos locais, com todos os integrantes vestidos tipicamente, e os tradicionais bailes da cerveja. Durante toda a programação, desenvolvida principalmente no Parque de Exposições, seis bandas animam o público, que durante os seis dias de festa somam mais de 10 mil pessoas.

Outro grande atrativo para os turistas são as águas termais. O Treze Tílias Park Hotel oferece para os seus hóspedes e também para o público visitante seis piscinas de águas quentes. Os bares da cidade também proporcionam ambientes aconchegantes, com lareiras, e são decorados tipicamente como os bares da Áustria.

FLORIANÓPOLIS – SC

CONVITE

Inauguração da Livraria Catarinense Megastore, recheada de cultura e entretenimento.

As Livrarias Catarinense convidam para o coquetel de inauguração de sua nova loja. Com mais de 1.000m² e 100.000 títulos disponíveis, A Livrarias Catarinense Megastore resgatou toda a tradição da Confeitaria do Chiquinho, num dos pontos de encontro mais tradicionais da cidade. Venha fazer parte dessa história.

Contamos com a sua presença.

Livrarias Catarinense Megastore

13 de junho de 2000

Rua Felipe Schmidt, 60, esquina c/Rua Trajano
Florianópolis – Santa Catarina

CONVITE

A Imprensa Livre Editora e a Livraria Catarinense têm a honra de convidar para o lançamento da obra *automáquina*, novo livro de contos de *Cláudio Dutra*.

Dia: 19 de dezembro na Livraria Catarinense

FLORIANÓPOLIS – SC

O Presidente da Assembléia Legislativa, Deputado Gilmar Knaesel, a Família Luz e a Editora Insular convidam para o lançamento do livro *Santa Catarina, Quatro Séculos de História*, de autoria de Aujor Ávila da Luz, com organização, notas e apresentação do Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, Carlos Humberto P. Corrêa, que se realizará no dia 9 de maio, na Galeria de Arte da Assembléia Legislativa

FLORIANÓPOLIS – JOINVILLE – ITAJAÍ – TIJUCAS – SC

Evento Ruth Laus 80 anos

Entidades Culturais:

A Fundação Catarinense de Cultura – Diretor Iaponan Soares;
Museu de Arte de Santa Catarina (MASC) – Diretor João Evangelista
Andrade Filho – Coordenadoras Andréa Busatto e Gisa A. de Souza;
Museu de Arte de Joinville (MAJ) – Diretora Alexandrina Bandeira
de Mello – Tertúlia de Outono – Coordenadores Nilton Tirotti, Marli
de Mira, Alceu Beth e Môa (Moacir Moreira); Fundação Cultural de
Itajaí – Superintendente Augusto Emílio Dalsóquio; Fundação
Genésio Miranda Lins – Presidente Edison d’Avila/DD. Secretário de
Educação de Itajaí; Univali: Universidade do Vale de Itajaí/Tijucas:
Centro de Ensino Superior III – Diretor Professor Valério Cristofolini
– coordenadora Professora Marilena Laus: Centro Cultural Harry
Laus/Tijucas – Diretora Maria Crystina K. Silva; Colégio Estadual
Professora Minervina Laus – Diretora Rita de Cássia Nunes Azevedo,
Coordenador Superintendente Jaime Silva/Canelinha, SC.

Viagem ao Desencontro – romance

Presença de Thalía – romance

Relações – contos

A Décima Carta. Laus. Apenas.

Memórias literárias

Festejam a escritora catarinense Ruth Laus e convidam para o
lançamento de livros da autora – 2ª. edição.

FLORIANÓPOLIS – SC

BADESC – Agência Catarinense de Fomento S.A.

Editora Letra D’Água

*Convidam para o coquetel de lançamento do livro **Girassol, Giralua,**
prosa poética e imagens.*

Lair Leoni Bernardoni.

14 de junho de 2000

Espaço Cultural Fernando A. M. Beck

Avenida Mauro Ramos, 1.277 – Florianópolis – SC

SÃO GONÇALO – MG

Prefeitura Municipal de São Gonçalo, Secretaria Municipal de Educação e Cultura, Subsecretaria de Cultura e Coordenação de Artes e Tradições Populares.



Só fazendo, que conhecemos a riqueza da diversidade do nosso País. Com amor, paz e muita esperança queremos continuar construindo com você as páginas mais bonitas da nossa história.

Boas Festas!

*Verônica Inaciola
Jorge Fernandes
Mara Mira e Mara Lúcia
1999/2000*

FLORIANÓPOLIS – SC



UBE/SC
UNIÃO BRASILEIRA
DE ESCRITORES
SEÇÃO SC

*A União Brasileira de Escritores de Santa Catarina tem o prazer de convidar V.S.^a e Il.^{ma} Família para o lançamento do livro, **Nosso homem do livro: ODILON LUNARDELLI**, organizado por Francisco José Pereira e com a participação dos escritores Alcides Buss, Carlos Humberto Correa, Claiton Ghiggi, Celestino Sachet, Enéas Athanázio, Cyro Barreto, Flávio José Cardozo, Hoyêdo G. Lins, Jali Meirinho, João Décio Machado Pacheco, Marcos Konder Reis, Pachoal Apóstolo Pitsica, Salim Miguel, Salomão Ribas Jr., Silveira de Souza, Urda Alice Klueger e Walter F. Piazza.*

*Dia 23 de novembro de 1999 – terça-feira
Palácio Cruz e Sousa
Apoio: Editora da UFSC
Gráfica MetrÓpole
Laser Sul – Fotolito*

FLORIANÓPOLIS – SC

*O Presidente da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, Deputado Gilmar Knaesel e a Editora Garapuvu têm a honra de convidar para o Lançamento do Livro **Círculo de Mistérios – o conto policial catarinense**, de autoria dos escritores Amilcar Neves, Artemio Zanon, Enéas Athanázio, Francisco José Pereira, Hamilton Alves, Hoyêdo G. Lins, Maicon Tenfen, Mário Gentil Costa, Mário Pereira, Raul Caldas Filho, Salomão Ribas Jr., Silveira de Souza e Tabajara Ruas.*

Data: 7 de dezembro de 2000

Local: Galeria de Arte Meyer Filho da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina

CONVITE

*Deputado Gilmar Knaesel, o Sinepe/SC e a Fiep têm a honra de convidar para o Lançamento do Livro **Educar é Apontar Caminhos – reflexões para o desenvolvimento da Educação no Brasil**, de autoria do professor José Zinder.*

Data: 14 de dezembro de 2000

Local: Galeria de Arte Meyer Filho da Assembléia Legislativa

Obra jurídica editora

*A Editora Obra Jurídica convida V. S^a. e Família e amigos para o lançamento do livro **Princípio da Isonomia na Licitação Pública**, escrito por Joel de Menezes Niebuhr.*

Dia: 11 de maio, quinta-feira

Local: Museu Histórico de Santa Catarina/Palácio Cruz e Sousa

JARAGUÁ DO SUL – SC

CONVITE

*VII Acampamento Folclórico
IV Olimpíada Folclórica Alemã
14 e 16 de abril de 2000
Museu Parque Malwee
Wolfgang Weege*

Estamos ansiosos em poder recebê-los para o VII Acampamento Folclórico e IV Olimpíada Folclórica Alemã Parque Malwee (14 a 16 de abril de 2000). Sejam bem-vindos.

*Promotores e realizadores – Museu Parque Malwee – Wolfgang Weege
Grupo Folclórico Regenwalde
Pommersche Volkstanzgruppe Patrocinadores
Malwee Malhas Ltda.
Duas Rodas Industrial Ltda.*

FLORIANÓPOLIS – SC

CONVITE

A Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, o Ministério da Cultura/Assessoria Especial, o Projeto Resgate e a Universidade Federal de Santa Catarina convidam para os lançamentos: CD Rom, Catálogo e Exposição das Fontes Manuscritas Existentes no Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa, referentes à Capitania de Santa Catarina – 1717-1827.

*Abertura: 27 de abril de 2000
(após a realização da Sessão Solene Comemorativa aos 500
anos do Brasil)*

*Local: Galeria de Arte da Assembléia Legislativa
Aberta para visitaçào: 28 de abril a 12 de maio de 2000*

CONVITE

O Presidente da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, Deputado Gilmar Knaesel, tem a satisfação de convidar para o lançamento do livro *Florianópolis de Todos*, com organização de Sérgio Grando, que realizará no dia 24 de maio, no hall da Assembléia Legislativa

GUARUJÁ – SP

XXIV Exposição de Presépios

Associação de Folclore e Artesanato de Guarujá e Associação Brasileira da Terceira Idade – ABRASTI

Convidam para abertura da XXIV Exposição de Presépios, Lapinhas e Enfeites Natalinos.

Dia: 16 de dezembro de 2000, na sede da ABRASTI, à Av. Adhemar de Barros, 571 – Guarujá

FLORIANÓPOLIS – SC

O BADESC – Agência Catarinense de Fomento S.A. tem o prazer de convidar para a abertura da Exposição de Pinturas de Salette Werling.

Abertura: 12 de dezembro, terça-feira

Local: Espaço Cultural Fernando Beck

Avenida Mauro Ramos, 1.277 – Fpolis – SC

FLORIANÓPOLIS – SC

CONVITE

A Fundação Catarinense de Cultura convida V. S^a. e Família para o lançamento do livro Marcelino Nannbrá, o Manumisso, de Godofredo de Oliveira Neto.

Data: 30 de novembro de 2000

Local: Espaço Lindolf Bell/Centro Integrado de Cultura – Florianópolis – SC

FLORIANÓPOLIS – SC

O BADESC – Agência Catarinense de Fomento S.A. e a Editora Insular convidam para o lançamento dos livros Deuses e Santos Como Nós – contos e Álgebra de Sonhos – poesia. Balaio de Siris – Louvanças para José Mendes, Baladas dos Já-com-terras de Júlio de Queiroz

Espaço Cultural Fernando Beck - Avenida Mauro Ramos, 1.277

FLORIANÓPOLIS – SC

A Editora Record, a Livraria Curitiba e a Livraria Catarinense têm o prazer de convidar para os eventos de lançamento do livro Família Schürmann, Um Mundo de Aventuras, de Heloisa Schürmann

FLORIANÓPOLIS – SC

O Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina sentir-se-á honrado com a sua presença e Exma. Família na Sessão de Encerramento do Ano Acadêmico de 2000

PROGRAMA

Abertura:

Pronunciamento do Orador Oficial do IHGSC, Desembargador Carlos Alberto da Silveira Lenzi;

Concessão do Prêmio Lucas Alexandre Boiteux, de História, edição 2000;

Posse do novo Sócio Benemérito, Professor Celestino Roque Secco;

Posse dos novos sócios correspondentes: Antônio Eugênio de Azevedo Taulois (Petrópolis, RJ), Carlos Alberto Fernandes Brantes (Curitiba, PR), Marcos Soares de Albergaria de Noronha da Costa (Lisboa, Portugal), Victorino Chermond de Miranda (Rio de Janeiro, RJ), e José Pereira da Costa (Funchal, Ilha da Madeira, Portugal).

Concessão da Comenda Manoel Joaquim de Almeida Coelho a Theobaldo Costa Jamundá.

Encerramento da Sessão, pelo presidente do IHGSC.

Dia e hora: 06 de dezembro de 2000

*Local: Auditório do Tribunal de Contas do Estado
Rua Bulcão Vianna, 90 – Centro – Fpolis – SC*

FLORIANÓPOLIS – SC

CONVITE

Jantar de Confraternização de Fim de Ano

O Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina tem o prazer de convidá-lo(a) e Exma. Família para o Jantar de Confraternização de Fim de Ano.

Data: 06 de dezembro de 2000

*Local: Baía Norte Palace Hotel,
Avenida Beira-Mar, 220 – Fpolis – SC*

JOINVILLE – SC

Fundação Cultural de Joinville

*Para sonhar é preciso acreditar. Para crescer, é preciso ensinar.
Para voar, é preciso dar asas. Para realizar, é preciso sonhar.
Em 2001, acredite, ensine, dê asas e sonhe.*

FLORIANÓPOLIS – SC

O Presidente da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, Deputado Gilmar Knaesel, tem a satisfação de convidar para o lançamento do livro A Trajetória do Poder Legislativo Catarinense – 1835 a 2000, de autoria de Ligia de Oliveira Stoeterau, a realizar-se no dia 5 de dezembro de dois mil, na Galeria de Arte Meyer Filho – Assembléia Legislativa

FLORIANÓPOLIS – SC

Academia Desterrense de Letras

*Insistente, eloquente, a nota de humanismo. Na tarde marinha,
que os nossos olhos embevece, e*

*Vem descendo, amorosa, amorosa,
Como se fosse uma asa enorme e silenciosa,
Para tudo abranger, desde os campos ao mar,*

*A sua piedade descortina-a envolvendo,
As almas dos eleitos*

*Que se esquecem da luta e vivem satisfeitos na glorificação da
luz crepuscular:*

(Araújo Figueredo)

Com esta mensagem, eleva-se a Academia Desterrense de Letras e sente-se augusta e prazerosa em convidar Vossa Excelência ao necessário prestígio à Sessão Solene de Instalação, a realizar-se, no próximo dia 1º de dezembro, às 20 horas, no Auditório do Tribunal de Contas do Estado, à Rua Bulcão Vianna, 90, nesta Capital, oportunidade em que serão instalados:

*Augusto Barbosa Neto – Cadeira n.º 03 – Patrono: Amaro Seixas
Ribeiro Neto*

1.º Ocupante – Dimas Candido Waltrick

*Telma Lúcia Faria – Cadeira n.º 08 – Patrono: Othon Gama D'Eça
1.º Ocupante Vilma Banestorff*

*Theobaldo Costa Jamundá – Cadeira n.º 19 – Patrono: Edmundo
Acácio Moreira*

César Luiz Pasold – Cadeira n.º 20 – Patrono Henrique Stodieck

José Cacildo da Silva – Cadeira n.º 22 – Patrono: Huberto Rhöden

José Isaac Pilati – Cadeira n.º 23 – Patrono: José Leal Filho

*Roselns Izabel Correa dos Santos – Cadeira n.º 25 – Patrono: Álvaro
Augusto de Carvalho*

*Octacílio Schüler Sobrinho
Presidente*

Avenida Rio Branco, 448/1.202 - Centro - Fpolis - 88015-200

FLORIANÓPOLIS – SC

*A Editora Gênese e as Livrarias Catarinense convidam para o
lançamento do novo livro interativo do autor de O Jogo do Eu.*

PRAZER EM CONHECER

de Rubens Dutra e Silva.

Data 20 de dezembro de 2000

Local: Livraria Catarinense

Rua Felipe Schmidt, 60 – Centro – Fpolis – SC

FLORIANÓPOLIS – SC

O Presidente da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, Deputado Gilmar Knaesel, e o Reitor da Universidade do Sul de Santa Catarina, Professor Silvestre Heertdt, têm a satisfação de convidar para a Exposição de Pinturas “Brasil 500 Anos” da artista plástica Nádyia Niehues Becker.

*Local: Galeria de Arte da Assembléia Legislativa
Visitação: de 15 de fevereiro a 2 de março de 2000*

FLORIANÓPOLIS – SC

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

O Reitor da Universidade Federal de Santa Catarina, Professor Rodolfo Pinto da Luz, tem a satisfação de convidar V. Excia. e Família para as solenidades alusivas ao 40º aniversário da UFSC.

Data: 15 de novembro, às 18h30min – Culto Ecumênico

Sessão Solene de outorga de dignidades universitárias

Às 20h30min – Apresentação da Camerata de Florianópolis, na Praça da Cidadania no Campus Universitário – Trindade – Fpolis – SC

FLORIANÓPOLIS – SC

ELI HEIL

Fundação Catarinense de Cultura, através do Museu de Arte de Santa Catarina, convida para a abertura do 7º Salão Nacional Victor Meirelles, com a exposição das obras dos artistas selecionados e sala especial da artista Eli Heil, no dia 21 de dezembro de 2000, no MASC

FLORIANÓPOLIS – SC

Irmão Doralécio

Que a luz do Grande Arquiteto do Universo brilhe intensamente neste Natal sobre você e seus familiares e aqueça em 2001 seu lar com muita paz, saúde e felicidade.

São os votos do Venerável Mestre e dos Obreiros da Loja Maçônica Regeneração Catarinense.

Florianópolis (SC), 15 de dezembro de 2000

JORNAL A NOTÍCIA – TRANSCRITO

NATAL DOS NEGROS MISTURA RELIGIOSIDADE DE DOIS POVOS



**Descendentes de escravos
fazem a Festa de
Nossa Senhora do Rosário**

Piçarras – A comunidade afro-brasileira realiza sábado, no Município de Piçarras, uma de suas festas mais tradicionais, a de Nossa Senhora do Rosário, também conhecida como Natal dos Negros. A festa é uma tradição conhecida dos tempos da escravidão, quando pessoas trazidas da África para servir de mão-de-obra na agricultura e mineração recebiam a catequese forçada da Igreja Católica. Neste processo, Nossa Senhora do Rosário foi escolhida como padroeira do povo de origem africana.

“Mas a comunidade afro-brasileira acabou colocando também a religiosidade africana dentro desta festa”, explica o professor de História, José Bento Rosa da Silva, autor do livro “Negras Memórias”. O livro tem como base sua dissertação de



Resgate da cultura africana na irmandade de Araquari

mestrado na Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP) chamada “Festa de Preto em Terra de Branco: história oral, memória e identidade em Santa Catarina”.

A Festa de Nossa Senhora do Rosário, ou Natal dos Negros, é uma forma de manter viva as tradições e as manifestações religiosas da cultura africana, além de resgatar os costumes e as raízes dos escravos negros que foram trazidos para o Brasil. Pelo calendário católico, este ritual afro é comemorado no dia 7 de outubro, mas esta data foi transferida para o primeiro dia depois do Natal.

DESCANSO

O motivo é que durante o ano, os negros tinham apenas um dia de descanso, que era 26 de dezembro. Neste dia, eles aproveitavam para comemorar o Natal, reverenciando o nascimento de Cristo e a Nossa Senhora do Rosário, através de procissões, lendas, promessas e devoções que são transmitidas por cantos, rezas e danças.

“Enquanto as lendas e os rituais foram preservados, o povo de descendência negra terá um rosto, uma identidade própria. O mais importante de tudo é que não podemos esquecer de nossas raízes”, explica uma das coordenadoras dos festejos, Maria Conceição Pereira. O ponto alto da festa será o cortejo imperial com o coroamento de dois casais e também de outros casais de juízes ajudantes que, segundo a tradição, formam o grupo responsável para comandar os festejos, que duram todo o dia. Já as canções confirmam o espírito de existência presente na história deste povo que não quer deixar sua memória esquecida.

CERIMÔNIA

Muito diferente de qualquer evento, a programação deste dia é algo que chama bastante a atenção de todos, pois os tradicionais hinos cantados durante as missas são substituídos por lamentos e canções brasileiras, como músicas de Beth Carvalho e Clara Nunes, que têm a finalidade de homenagear o povo negro. Além disso, os organizadores do Natal dos Negros ainda estão preparando apresentação de grupos de corais, dança e teatro.

As comemorações do Natal dos Negros estão previstas para iniciar às 9 horas, quando sairá um cortejo da Igreja Matriz Nossa Senhora da Paz, localizada na Avenida Nereu Ramos, no Centro de Piçarras, com destino ao local onde se encontram o rei Luís Acácio, a rainha Ivia Fátima e os pagens Demian e Pâmela. De lá, o grupo voltará ao templo para a missa, que deverá ter duração de duas horas. Depois, haverá um almoço de confraternização no Salão Paroquial da Igreja Nossa Senhora da Paz. Os organizadores esperam a participação de mais de 500 pessoas. (Cristiano Escobar Maia)

Araquari faz celebração no dia 25

Araquari – Uma confraternização diferente marcou a festa de Natal da Irmandade Nossa Senhora do Rosário, em Araquari. Música e dança e o resgate da cultura africana dos mais antigos moradores da localidade estiveram entre alguns dos destaques da festa. Cerca de 600 pessoas prestigiaram a comemoração que segue tradições centenárias.

Os membros mais antigos da Irmandade contam que a pequena imagem de Nossa Senhora do Rosário foi levada a Araquari pelos escravos africanos Antonio Criolo e Antonio Bangala, em 1862. “Uma grande festa foi realizada para marcar a chegada da padroeira ao vilarejo”, comenta o capelão da Igreja Nossa Senhora do Rosário e dirigente da Irmandade, Osvaldo Mário Eufrazio. Rituais sagrados foram instituídos em homenagem à padroeira. Relembrar estes rituais se transformou em uma tradição entre a comunidade. “Meu pai me ensinou o significado destes rituais”, conta. “Prestamos nossa devoção à santa protetora, lembrando os passos dos escravos que a trouxeram até a nossa comunidade”, explica Eufrazio.

As realizações de novenas durante as noites que antecedem a véspera do Natal estão entre os ritos de preparo para a festa. Tradições como o traslado de bandeiras e a escolha do rei festeiro também integram os preparativos para a cerimônia de coroação, realizada no dia 25 de dezembro. “Esta é uma tradição que vem sendo ensinada e seguida pelas gerações há mais de cem anos”, observa. Um cortejo segue pelas ruas da localidade e leva a imagem até então hospedada na Casa do Império, à igreja. A missa de coroação da padroeira marca o início da festa de confraternização. Danças típicas, como Catumbi, envolvem o público. “A cultura de nosso povo é a única herança que temos de nossos ascendentes”, destaca. “Esta é também a única oportunidade que temos de promover um reencontro entre toda a irmandade”, completa.

(Rosane Felthaus)

ANEXO – A NOTÍCIA – JOINVILLE – SC



A Banda dos Tiroleses foi formada no navio que trouxe os primeiros imigrantes austríacos para o município catarinense.

MAESTRO AUSTRIACO ENSAIA MÚSICOS DE TREZE TÍLIAS

**Adi Rinner fica quinze dias à frente da Banda
dos Tiroleses**

Treze Tílias – Durante os primeiros dias de janeiro, o maestro e compositor do Estado do Tirol (Áustria), Adi Rinner, permanece na cidade de Treze Tílias, realizando um treinamento intensivo com os músicos da Banda dos Tiroleses. Esta é a segunda vez que o maestro austríaco trabalha o aprimoramento das músicas e também difunde novas partituras com os instrumentistas do município catarinense.

Segundo o maestro da Banda dos Tiroleses, Bernardo Moser. “o intercâmbio cultural é de fundamental importância para os estudos de aprofundamento na interpretação das músicas tocadas pela Banda, que são na sua grande maioria tradicionais e típicas da Áustria”. O principal motivo que trouxe o maestro para o Brasil é que boa parcela das músicas tocadas pela Banda dos Tiroleses é de composições de Adi Rinner.

Nos quinze dias em que o maestro permanece em Treze Tílias, os ensaios acontecem diariamente, de forma individual e também coletiva. Moser destacou que o trabalho de aprofundamento das partituras individual de cada instrumento está melhorando a qualidade das apresentações do grupo todo. Atualmente, a banda é composta por 37 músicos e a inovação dos últimos anos é a presença de mulheres e também de jovens, garantindo a continuidade da Banda dos Tiroleses para as futuras gerações.

A Banda existe desde 1933 e foi fundada ainda no navio que trouxe para a região o primeiro grupo de imigrantes para a formação de Treze Tílias. Ela sobreviveu por várias décadas, realizando inúmeras apresentações no Tirol Brasileiro e também em outras cidades. A Banda dos Tiroleses é um marco cultural das Treze Tílias, não só pela preservação de músicas típicas e tradicionais austríacas, mas também pelos trajes típicos e instrumentos trazidos há muito tempo da Áustria.

IGHSC – INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SANTA CATARINA



Boletim

- Informação, de Licurgo Costa, de que o Deputado Raimundo Colombo, eleito prefeito municipal de Lages, acatou a proposta para patrocinar a edição da obra *Reminiscências Políticas e Outras*, de João Costa, a ser editada pela Coleção Catariniana do IGHSC.

- Comentários, de Augusto Cesar Zeferino, sobre aspectos geográficos da Região Autônoma da Ilha da Madeira, particularmente sua capital, a cidade de Funchal, onde esteve participando do Congresso Internacional de História das Ilhas do Atlântico.

- Homologação da proposta de admissão para Sócio Correspondente do IGHSC em Funchal, Ilha da Madeira, de José Pereira da Costa

08/11/00

- Comunicação, de Idaulo José Cunha, da realização nos dias 23 e 24 de novembro, em Curitiba, do Seminário de Caracterização e Tendências da Rede Urbana do Brasil, patrocinado pelo IBGE, IPEA, IPARDES e Caixa Econômica Federal, onde foi palestrante sobre o Desenvolvimento Demográfico em Santa Catarina.

- Doação, por Octacílio Schuller Sobrinho, dos livros *Maçonaria – Uma Escola de Conhecimento, de sua autoria, e Apocalipse – São João Evangelista*, de autoria de Antônio Rodrigues Lima.

- Envio, pelo Departamento de Geociências da UFSC, de exemplar da *Revista Geosul*, nº 29, e dos Anais do XII Encontro Nacional de Geografia, realizado em julho de 2000, em Florianópolis.

22/11/2000

- Voto de Pesar, proposto pela presidência, pelo falecimento do Sócio Efetivo Lydio Martinho Callado, ocorrido dia 13 de novembro, em Florianópolis.

- Convite, para posse de José Isaac Pilati, César Luiz Pasold, Theobaldo Costa Jamundá e Roselys Isabel Correa dos Santos, todos sócios do IHGSC, como membros da Academia Desterrense de Letras, em solenidade a ser realizada no dia 1º de dezembro.

- Doação, por José Isaac Pilati, do exemplar do livro de sua autoria *Teoria e Prática do Direito Comparado*.

- Registro, de Jali Meirinho, da aprovação de seu nome como Sócio Correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano.

- Comunicação, de Maura Soares, de que recebeu o primeiro prêmio no Concurso de Poesia Geraldo Luz, promovido pela Academia de Letras de Blumenau.

- Palestra, de Licurgo Ramos da Costa, sobre Gilberto Freyre, pelo centenário de seu nascimento (v. p. 6).

29/11200

Convite, do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, para a recepção dos novos Sócios Correspondentes, entre os quais os membros do IHGSC, Carlos Humberto Corrêa, Jali Meirinho e Idaulo José Cunha, em Curitiba, no dia 12 de dezembro de 2000.

- APROVAÇÃO, por unanimidade, de proposta da presidência para que a anuidade de 2001, para Sócios Eméritos e Efetivos, continue fixada em R\$ 120,00 (cento e vinte reais), e para Correspondentes em R\$ 60,00 (sessenta reais).
- DOAÇÃO, de Nereu do Vale Pereira, de microfilmes contendo documentação sobre Santa Catarina Colonial, desde o século XVI, existente no Arquivo Ultramarino, de Lisboa.
- COMUNICAÇÃO, da presidência, de que representou o IHGSC no ato de outorga pelo Governador Esperidião Amin, da Medalha de Mérito Anita Garibaldi, ao consócio Licurgo Ramos da Costa, no dia 24 do corrente, no auditório do Palácio Santa Catarina.
- ENTREGA, por Doralécio Soares, de um exemplar do Boletim da Comissão Catarinense de Folclore, de 1999, onde estão publicados vários artigos de sócios do Instituto.
- SUGESTÕES, para elaboração do calendário de eventos do ano 2001, por Osvaldo Ferreira de Melo, Nereu do Vale Pereira, Carlos Humberto Corrêa e Jali Meirinho.
- APROVAÇÃO, por unanimidade, do Calendário de Eventos do IHGSC para o ano 2001.

FOLCLORE, MANIFESTAÇÃO DO POVO

Doralécio Soares
Comissão Catarinense de Folclore

No mundo do folclore há lugar para todas as expressões espontâneas da criatividade humana.

Constantemente vivido e revivido, o folclore é a manifestação da maneira de sentir, pensar e agir do homem, o que o caracteriza e identifica.

Há muitos conceitos errados quando se fala em folclore. Muitos difundidos e aceitos. O folclore, sendo a maneira de *sentir, pensar, e agir* de um povo, ou seja, das pessoas, está na coletividade.

O *fato folclórico*, se aceito, permanece entre o povo, transformando-se num caso tradicional, muito embora nem tudo que seja tradicional seja folclore.

Foi no ano de 1846, a 22 de agosto, que o inglês William John Thoms sugeriu, em um artigo publicado numa revista inglesa, o uso do termo das velhas palavras saxônicas: folk que significa *povo* e lore *saber*, formando, assim, folk-lore, isto é, *saber popular*, para designar o conjunto de contos, narrativas, e usos e costumes populares tradicionais. No Brasil o seu uso transformou-se em folclore, e no Congresso Internacional, realizado em São Paulo em 1954, foi proposta aceita não somente a idéia de John Thoms, mas que fosse acrescentado tudo que surgisse de maneira espontânea da criatividade popular. Seriam as manifestações espontâneas decorrentes da experiência da vida não orientada por quaisquer instituições ligadas ao meio erudito ou organizações intelectuais do Estado ou igrejas.

Muito embora a cultura dirigida, chamada de erudita, e a espontânea, sejam constantes de uma mesma sociedade por existirem paralelamente, elas se interpenetram motivadas pela dinâmica do folclore. É errado se pensar que o folclore é uma manifestação que parte de pessoas humildes e incultas, isto é preconceituoso. O folclore existe em todas as camadas sociais, é comum sua existência em várias profissões, principalmente no que tange às superstições.

O folclore brasileiro é um dos mais ricos do mundo, pois aculturamos o sabor popular dos vários povos que colonizaram o Brasil. Enganosamente, muitos só vêem o folclore representado quando é apresentado pelos vários conjuntos de danças de grupos existentes entre as etnias. Entretanto ele se caracteriza pelas inúmeras expressões folclóricas que nos ligam ao passado e ao presente.

Sendo o folclore de natureza dinâmica, interferências de aspectos modernos, desde que não penetrem na sua natureza tradicional, não invalidam sua autenticidade.

Vejamos o caso da dança do pau-de-fita, com apresentação dos arcos de flores. No passado, esses arcos eram de flores naturais, que após as apresentações se tornavam imprestáveis. Estes foram substituídos por arcos de papel crepom, que também sofria desgaste, etc. Com o surgimento das flores de plástico, esse problema teve sua solução. As lindas flores de plástico trouxeram beleza aos arcos mais floridos, sem, entretanto, descaracterizar as raízes folclóricas das apresentações.

FLORIANÓPOLIS – SC

O SENTIMENTO AÇORIANO DE NEREU

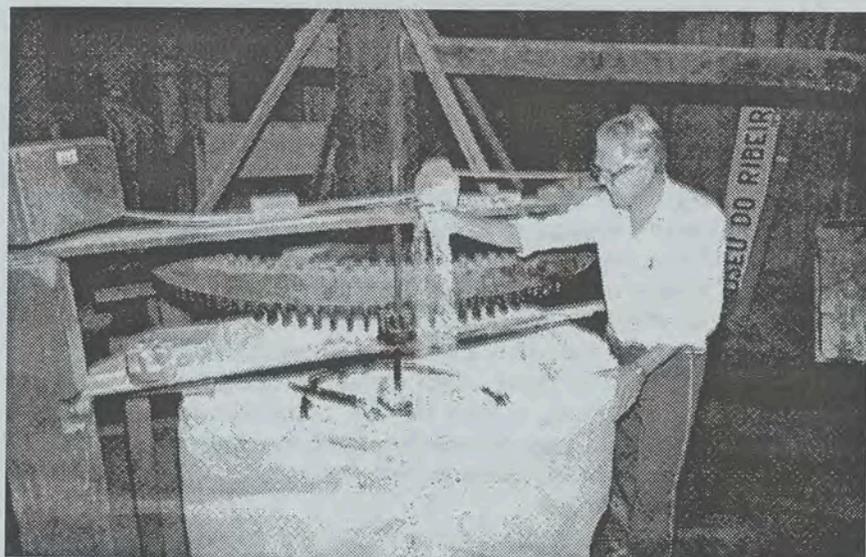
*Nereu do Vale Pereira faz ligação do passado com presente
através de estudos sobre a herança açoriana*

Aldirio Simões



O referencial da família Vale Pereira está implicitamente ligado à história do patriarca Hipólito do Vale Pereira, natural do Saco Grande, que, pela facilidade de expressão verbal, tornou-se uma das figuras mais populares de Florianópolis. Exercendo a função de rábula (advogado sem diploma) de pobres e oprimidos. Contemplado pelo Governador Nereu Ramos com a nomeação de juiz de paz em 1942, constituiu centenas de casamentos e ficou conhecido como “Hipólito casamenteiro”.

Um de seus filhos, Nereu do Vale Pereira, herdou do pai a dignidade, o dom da palavra, a dedicação à leitura e o arrebuo pelos movimentos



comunitários e pelas cerimônias religiosas, porém oposto na discrição de se expressar e na profissão que abraçou ao se tornar um dos mais respeitáveis pesquisadores da cultura açoriana. A sua paixão pela Ilha de Santa Catarina está intimamente ligada às suas origens: os pais são descendentes de açorianos da Ilha Terceira e de Portugal continental, e a sua mãe, Olindina, nasceu exatamente dentro do Forte de São José da Ponta Grossa.

Há cerca de 40 anos, palmeando os meandros da Ilha, colhendo depoimentos para suas pesquisas que resultaram na edição de importantes obras literárias, tornou-se pesquisador renomado por obra do destino. Nascido e criado na região de Canudinhos, vivendo a infância e a adolescência na região da Mauro Ramos, mais precisamente na chácara do Francisco Nappi e no Tiro 40, acompanhou a ocupação dos morros que dividiram a cidade no início da década de 40, realizando pesquisas incipientes com vegetais na floresta ainda cerrada e com tentativas inúteis para encontrar o lendário túnel do Morro da Cruz.

A atividade inicial o encaminhava para uma profissão adversa à pesquisa. Formado em Mecânica pela Escola Técnica Industrial, deparou-se com um mercado improdutivo. Decidiu-se então por fazer um curso técnico no Rio de Janeiro, com planos para tornar-se engenheiro. Procurou o Governador Nereu Ramos à revelia do pai, que estava de relações cortadas com o chefe político, e este concedeu a bolsa de estudos reivindicada.

Mas o determinado Hipólito mudou o rumo de sua vida. Especializou-se em eletrotécnica e, mais tarde, retornou aos estudos e concluiu os cursos de Contabilidade e Economia. Em 1946 ingressou no grupo fundador do Partido Democrata Cristão (PDC), sendo eleito vereador em duas oportunidades e suplente de deputado estadual.

Foram os livros de Virgílio Várzea, de Canasvieiras, e do português Paulo José Miguel de Brito, que estimularam uma irrefreável paixão pela Ilha de Santa Catarina. A bordo de um Ford Rubi, o carro de praça de Romalino Silva, que atendia o pai, passou a percorrer com frequência os recantos ilhéus e, dessa intimidade com o motorista, nasceu o casamento com a filha Irany, com quem possui nove filhos e 14 netos.

Como aluno de Franklin Cascaes, intensificou as pesquisas acompanhando o professor, catalogou as festas religiosas, as manifestações folclóricas, a folia do boi, constituindo um precioso acervo, resultado de 40 anos de trabalho. Publicou os primeiros artigos em jornais e revistas, tendo como tema o desenvolvimento da cidade e a colonização açoriana.

Em 1948, ao participar na Capital do congresso sobre os 200 anos da colonização açoriana, desiludiu-se com o forte preconceito à nação açoriana. “Senti-me ofendido com a avaliação de indolente e malandro, como foi avaliado.” O professor rechaça esse tipo de distorção e lamenta que Oswaldo Rodrigues Cabral também sustentasse a mesma opinião.

Despertou então para o estudo da epopéia açoriana no Brasil. Debruçou-se sobre pesquisas e os planos para conhecer o Arquipélago dos Açores, para onde viajou em 1979, acompanhado por Franklin Cascaes. Na Europa abriu caminho para a aproximação de estudos com a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e a consolidação do intercâmbio que existe até hoje.

Concentrou os estudos e pesquisas sobre a herança açoriana no Ribeirão da Ilha. Nos anos 60, ainda vereador, apoiou Cascaes a promover a primeira exposição de seus desenhos naquele distrito. A sua doação ao Ribeirão ocorreu em 1970, quando coordenou a área cultural do Plano de Desenvolvimento Turístico da Grande Florianópolis e elegeu o local como ideal para o turismo cultural. Com a organização da Sociedade Pró-desenvolvimento do Ribeirão da Ilha, instalou o Ecomuseu, preservando toda a natureza em sua volta, com infra-estrutura de um restaurante tipicamente açoriano e pousada em estilo colonial.

Religioso convicto e praticante, participou de todas as irmandades da Ilha, sendo, inclusive, o primeiro homem branco a participar da negra irmandade da Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Homem de vida social intensa, dirigiu a União Beneficente e Recreativa Operária (UBRO), onde também foi ator. Foi também provedor da Maternidade Carlos Corrêa,

consultor vitalício da Irmandade Senhor dos Passos e apaixonado ex-presidente e torcedor do Avaí. Entre as suas obras mais importantes está o *Memorial Histórico da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos*, em dois ricos volumes. Ele considera, no entanto, *Os Engenhos de Farinha de Mandioca da Ilha de Santa Catarina*, como o seu livro mais significativo.

Transcrito de **A Notícia** – Capital – 4/5/1999

FLORIANÓPOLIS – SC

POLONESES FESTEJAM 130 ANOS DE IMIGRAÇÃO

*Descendentes que vivem na Ilha promovem
semana cultural*

Mauro Meurer

Florianópolis – A comunidade polonesa de Santa Catarina está comemorando 130 anos de imigração no Brasil. O processo, no País, começou em 1869, com a chegada de 15 famílias ao Município de Brusque. Eram tecelões vindos de Lodz que iniciaram o desenvolvimento da tecelagem na região, construindo aqui os primeiros teares de madeira.

Dados da Embaixada da Polônia em Brasília estimam em 800 mil os descendentes de poloneses no País. A maior colônia está no Paraná. Em Santa Catarina há poloneses nos quatro cantos do Estado. A maior parte está concentrada no Norte, nos municípios de Mafra, Papanduva, Três Barras, Porto União, Canoinhas e Itaiópolis. No Sul existem muitos descendentes de poloneses na região de Criciúma, incluindo cidades como Orleans e Grão-Pará.

São perto de 200 mil descendentes de poloneses em Santa Catarina, com destaque ainda para o Município de Descanso, no Oeste, onde 80% da

população tem sua origem étnica na Polônia. No Vale do Itajaí, além de Brusque, há cultura polonesa em Bendito Novo e Massaranduba.

Para comemorar 130 anos de imigração, a Sociedade Polônia de Florianópolis está organizando, de hoje até o próximo sábado, no Serviço Social do Comércio (SESC) da Prainha, na Capital, a 4ª Semana Cultural Polonesa.



Legado – Graça e leveza nas danças típicas, uma das grandes contribuições da cultura polonesa no Estado de Santa Catarina.

MÚSICA

Abrindo esse ciclo de festas, na terça-feira da semana passada à noite, no Teatro Álvaro de Carvalho (TAC), aconteceu o concerto do pianista polonês Rafael Aleksander Luszczewski. A promoção foi da Sociedade Polônia e da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Rafael, nascido em 1974 em Opole, tocou Chopin, marcando os 150 anos de morte do clássico compositor polonês Frederic Chopin. Na platéia, o embaixador polonês Boguslaw Zakrzewski, em visita oficial ao Estado.

Sociedade 3 de Maio, fundada em 1899, marca presença na Capital

Nazareno Angulski lembra que os poloneses expressam sua religiosidade (a imensa maioria é católica) no Natal e em especial na Páscoa, e convivem muito em família, na escola e na igreja.

Como Estado-Nação, a Polônia surgiu em 966, mas foi várias vezes ocupada. A sua Constituição é a mais antiga da Europa, datando de 1791, dois anos depois.

da Constituição dos Estados Unidos. Angulski destaca ainda que os poloneses trouxeram, na agricultura, o plantio da batata e a carroça polaca, mais robusta e larga, para o carregamento de cereais.

Outro descendente de polonês, Joi Cletison, lembra que a cultura polonesa só sobreviveu porque é muito forte, já que enfrentou seguidos períodos de transição com as invasões nazista e russa.



CONCERTO Aleksander Luszczewski fez apresentação no TAC

Entre os poloneses famosos, além de Chopin, destaca-se o Papa João Paulo II, nascido Karol Woityla, talvez o maior multiplicador da cultura polonesa deste século, tendo contribuído, segundo analistas internacionais, para o fortalecimento do Sindicato Solidariedade na Polônia e o fim do comunismo na região.

Em Florianópolis, embora não muito numerosa, a imigração polonesa tem registros interessantes a partir do final do século passado, com a fundação, em 16 de julho de 1899, da Sociedade 3 de Maio. O prédio onde funcionava a Sociedade existe até hoje, na Rua Duarte Schutel, 55, um casarão no Centro da Cidade, que a Sociedade Polônia, fundada em 1991, tenta agora tombar como patrimônio histórico. (MM)

Transcrito de **A Notícia** – Capital – 02/08/99

Ofício Circular nº 435/99

Florianópolis, 20 de maio de 1999
Senhor Doralécio Soares
Florianópolis/SC

Prezado Senhor,

Cumprimentando-o cordialmente, tenho a satisfação de comunicar a Vossa Senhoria que o Excelentíssimo Senhor Governador, Doutor Esperidião Amin, indicou-o para compor o Conselho Estadual de Cultura, de acordo com o Ato de Nomeação nº 1.624, de 27/04/99 (cópia em anexo).

Na oportunidade, convido-o para sua posse no Conselho, a realizar-se no dia 01/06/99, às 14h30min, na sede da Academia de Letras, no Centro Integrado de Cultura, em Florianópolis.

Atenciosamente,
Iaponan Soares
Diretor Geral da FCC
Presidente do CEC

Ato nº 1.624, de 27/04/99

Nomear, com base na Lei nº 10.308, de 26 de dezembro de 1996, os membros abaixo relacionados para comporem o Conselho Estadual de Cultura:

Ana Beatriz M. Mattar
João Otávio Neves Filho
Norberto Verani Depizzolatti
Doralécio Soares
Pachcoal Apóstolo Pítsica
João Paulo Silveira de Souza
Ademar José Cassol
Hélio Teixeira da Rosa
Osmar Pisani
Osvaldo Ferreira de Melo
Lilian Mendonça Simon
Flávio José Cardozo
Licurgo Costa

Edson Bush Machado
Bráulio Maria Schloegel
Linda Suzana Maciel Poll
Lélia Pereira da Silva Nunes
Vicente Teles
Marisa Naspolini
Iaponan Soares de Araújo
Neusa Maria Barbi

ESPERIDIÃO AMIN
Governador do Estado

CONCURSO SÍLVIO ROMERO

Instituído em 1959 e realizado anualmente, o Prêmio Sílvio Romero, do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, recebeu este ano 29 trabalhos, de diversas regiões do País, tendo selecionado as seguintes monografias:

1º PRÊMIO:

A história do feiteiro Juca Rosa: cultura e relações sociais no Rio de Janeiro imperial, de **Gabriela dos Reis Sampaio**

Entendendo a cultura como palco privilegiado para se entender a dinâmica da sociedade, o trabalho adentra o universo da cultura popular do Rio de Janeiro imperial. A partir da atuação de um dos mais importantes feiteiros negros que a corte carioca conheceu, procura entender as conflituosas relações entre membros de grupos populares e grupos economicamente poderosos, ambos frequentadores de sua casa.

2º PRÊMIO:

Sentimentos modernistas: as cores do Brasil na correspondência entre Luís da Câmara Cascudo e Mario de Andrade, de **Silvia Ilg Byington**

A partir do estudo das cartas trocadas entre Luís da Câmara Cascudo (1898-1986) e Mario de Andrade (1893-1945), no período de 1924 a 1944, o trabalho investiga a construção das questões intelectuais comuns aos dois autores, bem como as diferenças existentes entre ambos, considerando que suas fortes individualidades expressam facetas das principais questões culturais de seu tempo.

PRIMEIRA MENÇÃO HONROSA:

Marchas na história: comitivas, condutores e peões-boiadeiros nas águas de Xarayes, de **Eudes Fernando Leite**

Abrangendo o período do final do Século XIX aos anos 70, o trabalho discute as transformações socioeconômicas e culturais no contexto da atividade pecuária no Mato Grosso, no qual estiveram inseridos primeiramente os boiadeiros, depois os condutores de boiadas e os peões-boiadeiros, como personagens fundamentais para a existência das comitivas até a contemporaneidade.

SEGUNDA MENÇÃO HONROSA:

Águas encantadas de Chacororé: paisagens e mitos do Pantanal, de **Mário Cezar Silva Leite**

Desenvolvida a partir de narrativas orais sobre a Baía de Chacororé, no Pantanal mato-grossense, a pesquisa elabora uma discussão em torno do perfil de paisagem encantada que Chacororé assume, a participação dos mitos na construção da percepção do universo indistinto e a relação entre a apreensão da natureza e o imaginário do homem pantaneiro.

TERCEIRA MENÇÃO HONROSA:

A Festa do Divino: romanização, patrimônio & tradição em Perinópolis (1890-1988), de **Mônica Martins da Silva**

Pesquisa histórica que analisa a trajetória da tradicional festa de Perinópolis, a partir de dois processos. A romanização, quando a maior aproximação da Igreja com as concepções ortodoxas de Roma resultou em regulamentos e proibições em relação às manifestações do catolicismo popular, e a patrimonialização decorrente do movimento modernista, que gerou a criação do IPHAN e de instituições voltadas para o folclore.

COMISSÃO JULGADORA:

Beatriz Góis Dantas, antropóloga e professora da Universidade Federal de Sergipe; **Guacira Waldeck**, socióloga e pesquisadora do CNFCP; **José Jorge de Carvalho**, doutor em Antropologia e professor da UnB; **Mônica Pimenta Velloso**, doutora em História Social e pesquisadora da Fundação Casa de Rui Barbosa e; **Patrícia Monte-Mór**, antropóloga, pesquisadora do NAI/UERJ e curadora da Mostra Internacional do Filme Etnográfico.

MUSEU DE FOLCLORE EDISON CARNEIRO

Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular

Fundação Nacional de Arte – FUNARTE/Ministério da Cultura

COMPOSTO E IMPRESSO



IOESC

IMPrensa OFICIAL DO ESTADO
DE SANTA CATARINA

Fone: (0XX48) 239-6000

80194

COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE

Doralécio Soares - Presidente

Rua Júlio Moura, 146, 1º andar - CEP 88020-150 - Florianópolis, SC

Theobaldo Costa Jamundá

Rua Arthur Grahl, 478 - CEP 89046-120 - Velha, Blumenau, SC

Valter Fernando Piazza

Rua Frei Evaristo, 109 - CEP 88025-410 - Florianópolis, SC

Oswaldo Ferreira de Melo

Rua Joaquim Costa, 11 - CEP 88025-400 - Florianópolis, SC

Carlos Alberto Angioletti Vieira

Rua Joaquim Costa, 112 - CEP 88025-400 - Florianópolis, SC

Nereu do Vale Pereira - Vice-Presidente

Av. Hercílio Luz, 1.199 - Edif. Costa do Marfim - Ap. 702 - CEP 88020-001 - Florianópolis, SC

Gelsí José Coelho

Museu de Antropologia da UFSC - Campus da UFSC - CEP 88040-900 - Florianópolis, SC

Lélia Pereira Nunes

Rua Frei Caneca, 564 - Ap. 1006-A - CEP 88025-000 - Florianópolis, SC

Alexandre Tiezerini

Caixa Postal 249 - CEP 89900-000 - São Miguel d'Oeste - SC

Paschoal Apóstolo Pítsica

Rua Artista Bitencourt, 89 - Ap. 901 - CEP 88021-060

Sônia Maria Copp da Costa

Rua D. Fernando do Trejo, 440 - CEP 89240-000 - São Francisco do Sul

Maura Soares

Rua Sílvio Possobon, 15 - Abraão - CEP 88085-190 - Florianópolis, SC

COLABORADORES

Flávio José Cardozo (Florianópolis, SC)

Laura Dela Monica (São Paulo, SP)

Saul Martins (Belo Horizonte, MG)

Mário Souto Maior (Olinda, PE)

Aleixo Leite Filho (Caruaru, PE)

Ana Maria Amaro (Cascais, Portugal)

Maria do Rosário Tavares de Lima (São Paulo, SP)



SANTA CATARINA